



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**  
Av. Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA Tel.:  
(71) 3283 - 6256 – Site: <http://www.ppglinc.letas.ufba.br/> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)

**INGRID OLIVEIRA SANTOS SILVA**

**VOCABULÁRIO DA GUERRA NAS *CHRONIQUES* DE JEAN  
FROISSART: OS ATORES, OS UTENSÍLIOS, OS MEIOS DE  
TRANSPORTE**

**SALVADOR**  
**2017**

**INGRID OLIVEIRA SANTOS SILVA**

**VOCABULÁRIO DA GUERRA NAS *CHRONIQUES* DE JEAN  
FROISSART: OS ATORES, OS UTENSÍLIOS, OS MEIOS DE  
TRANSPORTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras das Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Área de concentração: Linguística Historica

Orientadora: Professora Doutora Alícia Duhá Lose  
Co-Orientadora: Professora Doutora Célia Marques  
Telles

**SALVADOR  
2017**

Silva, Ingrid Oliveira Santos  
/ Ingrid Oliveira Santos Silva. -- Salvador, 2017.  
117 f. : il

Orientadora: Alicia Duhá Lose.  
Coorientadora: Célia Marques Telles.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Língua e  
Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de  
Letras, 2017.

1. Jean Froissart. 2. Crônicas. 3. Guerra dos Cem Anos, 1339-  
1453. 4. Língua Francesa. 5. Lexicografia. I. Lose, Alicia Duhá.  
II. Telles, Célia Marques. III. Título.

**INGRID OLIVEIRA SANTOS SILVA**

**VOCABULÁRIO DA GUERRA NAS *CHRONIQUES* DE JEAN FROISSART: OS  
ATORES, OS UTENSÍLIOS, OS MEIOS DE TRANSPORTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Aprovada em 10 de maio de 2017

---

ALÍCIA DUHÁ LOSE – Orientadora  
Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal da Bahia

---

CÉLIA MARQUES TELLES – Co-orientadora  
Doutora em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo  
Universidade Federal da Bahia

---

SANDRO MÁRCIO DRUMMOND ALVES MARENGO  
Doutor em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais  
Universidade Federal de Sergipe

---

RISONETE BATISTA DE SOUZA  
Doutora em Letras (Literatura Portuguesa), Universidade de São Paulo  
Universidade Federal da Bahia

*Dedico esta dissertação a Justina Oliveira Santos, minha mãe,  
e a Josefa Maria Oliveira Santos (in memoriam), minha avó,  
as duas maiores guerreiras que já conheci.*

## AGRADECIMENTOS

Ao longo dos meus estudos no domínio da Filologia, uma das coisas que mais me impressionou é a diversidade dos personagens que ajudam na produção de um livro. Além do autor, até o produto final, uma diversidade de atores entra em cena.

De certa forma, o mesmo ocorreu para a elaboração desta dissertação. Nesses dois anos de trabalho, um longo caminho foi percorrido. E essa caminhada não teria sido possível sem a presença, o apoio e a colaboração dos diversos outros atores que me acompanharam ao longo dessa jornada.

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo dom da vida, por me dar força e coragem para superar os obstáculos e por me mostrar sempre quais os caminhos a serem percorridos, em especial aqueles que nem imaginava serem possíveis de trilhar.

À minha mãe, Justina, hoje e sempre, por toda sua força e coragem. Por seu amor, seus conselhos, sua paciência (em especial quando a minha já havia acabado) e por acreditar em mim e nos meus sonhos. Te amo até o infinito, ida e volta.

À minha irmã, Vivian, pelo companheirismo, pelas risadas, por aturar minhas crises e por seu apoio. Não teria conseguido sem você!

A Ian Henrique, o primo-irmão, pela parceria ao longo desses dois anos, pelas trocas de ideias que proporcionaram reflexões e também algumas gargalhadas.

À minha família, pelo apoio e pela torcida. Faço aqui um agradecimento especial a minha avó, Josefa (*in memoriam*), a menina que aprendeu a ler apesar de todas as circunstâncias desfavoráveis e que incutiu nos filhos o gosto pelo estudo e pelo conhecimento. E a tia Dal (*in memoriam*), a primeira a me incentivar a seguir o caminho das Letras e por me apresentar a língua francesa.

À professora Alícia Duhá Lose, por ter aceitado me orientar, por sua paciência e atenção sempre, por sua confiança no meu trabalho e por fazer com que nos apaixonemos pelos estudos filológicos! Pró, muito obrigada!

À professora Célia Marques Telles, a pró Célia. Por ter aceitado ser minha co-orientadora e por, ao longo desses dois anos, ter depositado confiança no meu trabalho. Por sua generosidade e paciência (mesmo quando eu fazia a mesma pergunta pela centésima vez), pelo empréstimo dos livros, fundamentais para a realização deste trabalho: pró, merci infiniment!

Registro aqui os agradecimentos à FAPESB pelo apoio financeiro concedido ao longo do mestrado.

Aos professores Sandro Drummond Marengo e Risonete Batista pela disponibilidade em participar da banca e pelas contribuições dadas. Muito obrigada!

A todo o setor de Filologia do Instituto de Letras, pela acolhida e ajuda sempre que necessário. Agradeço, em especial, às professoras Rosa Borges, por ter me apresentado à história das Línguas Românicas em LETA23. À professora Eliana Brandão, por ter me apresentado a Froissart e as crônicas históricas ainda na graduação, pela ajuda e pelos conselhos quando nos encontramos novamente na realização do estágio obrigatório da Pós. À professora Risonete Batista, pelas contribuições dadas durante a avaliação de projeto de mestrado em LET669.

Ao setor de Língua Francesa do ILUFBA, em especial às professoras Ana Bicalho e Rita Bessa, pelo compromisso e amor ao qual se dedicam ao ensino de língua francesa. À professora Takiko do Nascimento, por todo incentivo durante a graduação.

E por falar no setor de Francês, não posso deixar de agradecer a companhia e amizade dos colegas que encontrei ao longo dos anos de estudo. A Priscilla e a Monique, pela amizade, pelos conselhos e pelas risadas compartilhadas. A Mairim, pela torcida e pela disponibilidade de, ainda na seleção (e também depois, sempre que necessário), ler com todo cuidado os meus textos. A Angelo, pelo incentivo ao longo do trabalho, pelas conversas e as risadas, por compartilhar os problemas e alegrias de ser mestrando e pela disponibilidade em me socorrer nas dúvidas de francês. *Merci beaucoup!*

Às amigas de Vernáculas: Carol, Ellen, Élide e Talita, pela companhia, amizade e risadas desde a graduação. A Amanda, pelo incentivo de sempre, pelas risadas e conversas, por me ajudar nos momentos de crise, pela disponibilidade (mesmo com a vida tão corrida) em me ouvir e me aconselhar.

A Diandra, pelo carinho e pela disponibilidade para fazer o *Abstract*.

A Aline e a Scheilla, pela amizade, pela torcida, pela disponibilidade em me ouvir e aconselhar e pelo carinho de sempre nesses mais de dez anos.

Aos meus colegas da turma de 2015.1: Cezar, Huda e Pedro, os doutorandos de ouro, por acalmarem meu coração nos momentos de preocupação. A Aline, Danilo, Elias, Elaine, Evanilton e Gracielle pela companhia e, como bem disse Jane, por fazer a nossa turma ser a melhor de todas!

A Jane pela amizade, pela ajuda nos estudos Lexicográficos e pela disponibilidade em me ajudar tanto na parte burocrática quanto com a pesquisa.

A Lorena, pela amizade, por compartilhar as alegrias, dúvidas e inquietações ao longo do estágio docente e pelas dicas de leituras não-acadêmicas.

Aos funcionários do PPGLinC, Ricardo, Tiago e Cristiane, pela atenção de sempre.

E descobriria que na guerra, além da morte,  
há uma infinidade de outras coisas,  
há tudo aquilo que existe em nossa vida cotidiana.  
A guerra é vida também.  
(Aleksiévitch, 2016, p.44)

## RESUMO

O trabalho aqui apresentado teve como objetivo analisar as lexias relativas ao ato de guerra presentes nas *Chroniques* de Jean Froissart, um dos grandes cronistas medievais de língua francesa. Suas crônicas, divididas em quatro livros, cobrem quase todo o século XIV e tem como tema central a Guerra dos Cem Anos, conflito entre a França e a Inglaterra de 1337 a 1453. Para este trabalho utilizou-se como *corpus* os volumes 1 e 2 da edição realizada por Siméon Luce do primeiro livro de crônicas. Fez-se um recorte para três campos: os atores da guerra, os utensílios utilizados e os meios de transporte. Esta pesquisa vinculou-se diretamente a duas áreas de estudo: a Lexicografia, área que estuda a sistematização do léxico em dicionários, vocabulários e glossários, e a Filologia que, a partir do texto, visa ao resgate e a preservação da cultura de um povo. Ao total foram estudadas 90 lexias. O grupo dos utensílios é o maior entre os três campos, com 43 lexias. Em seguida, o grupo dos atores da guerra, com 28. Por fim, tem-se o grupo dos meios de transporte, com 19 lexias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jean Froissart. Crônicas. Guerra dos Cem Anos. Vocabulário de guerra. Lexicografia.

## ABSTRACT

The present work aimed at the analysis of the lexical units related to the act of war found in the *Chroniques*, by Jean Froissart, one the greatest medieval chroniclers in French language. His chronicles, divided in four books, cover almost all 14th century and have the Hundred Years' War - conflict between French and England which lasted from 1337 to 1453 - as their central theme. The *corpus* of this research was composed by the first and second volumes of Siméon Luce's edition of the first book of chronicles. Three categories were established: the war actors, the utensils used and the means of transportation. This research is directly linked to two areas of knowledge: Lexicography, an area which studies the systematization of the lexicon in dictionaries, vocabularies and glossaries, and the Philology which, departing from the text, aims at the preservation of cultures. A total of 90 lexical units were studied. The utensils used compose the largest category, with 43 units. Next, we have the actors of the war, with 28. Finally, we have the means of transportation, with 19.

**KEY WORDS:** Jean Froissart. Chronicles. Hundred Years' War. War Vocabulary. Lexicography.

## LISTA DE ABREVIATURAS

CRO – *Chroniques*

fr. mod. – francês moderno

pt. – português

pl. – plural

s.f. – substantivo feminino

s.m. – substantivo masculino

var. – variante

fem. – feminino

L. – linha

p. – página

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> –	O domínio real nos séculos XII e XIII	26
<b>Figura 2</b> –	O domínio real em 1270	32
<b>Figura 3</b> –	Linha de sucessão à coroa francesa (séculos XIV e XV)	34
<b>Figura 4</b> –	Fólio 6 do manuscrito de Paris do Livro I das <i>Chroniques</i>	51
<b>Figura 5</b> –	Folha de rosto do volume 2 das <i>Chroniques</i> , edição de Siméon Luce	53
<b>Figura 6</b> –	Mapa da França em 1337	59
<b>Figura 7</b> –	Dicionário de Pierre Richelet	71
<b>Figura 8</b> –	Dicionário de Furetière	72
<b>Figura 9</b> –	Dicionário da Academia Francesa	73
<b>Figura 10</b> –	Chevalier	83
<b>Figura 11</b> –	Machado de guerra gótico (fins do século XV)	94
<b>Figura 12</b> –	Armure	97

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 –</b>	Campos e lexias referentes ao ato de guerra	79
-------------------	---	----

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	17
2	<b>A LÍNGUA FRANCESA NO SÉCULO XIV</b>	20
2.1	A FORMAÇÃO DA LÍNGUA FRANCESA NO TERRITÓRIO D’ <i>oïl</i>	21
2.1.1	<b>O Francês Antigo</b>	27
2.1.2	<b>A formação do Francês Médio</b>	31
2.2	A LÍNGUA FRANCESA NA INGLATERRA	37
3	<b>O UNIVERSO DE JEAN FROISSART: CRÔNICAS HISTÓRICAS</b>	40
3.1	O CRONISTA JEAN FROISSART	41
3.1.1	<b>A guerra no século XIV: estruturas do conflito</b>	43
3.2	AS <i>CHRONIQUES</i> – PARTE I: CARACTERÍSTICAS DO LIVRO E DA EDIÇÃO DE SIMÉON LUCE	46
3.2.1	<b>O livro impresso e o trabalho editorial</b>	48
3.2.2	<b>O primeiro livro das <i>Chroniques</i>: critérios do editor em 1869</b>	50
3.3	AS <i>CHRONIQUES</i> – PARTE 2: OS EVENTOS NARRADOS POR JEAN FROISSART	54
3.3.1	<b>As <i>Chroniques</i> – volume 1</b>	55
3.3.2	<b>As <i>Chroniques</i> – volume 2</b>	57
4	<b>OS CAMINHOS DO LÉXICO</b>	61
4.1	LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA	63
4.1.1	<b>De quantas obras se faz a Lexicografia? As definições de dicionário, glossário e vocabulário</b>	67
4.1.2	<b>A produção lexicográfica ocidental entre os séculos XV e XVII</b>	69
4.2	ENTRE A GUERRA E O LÉXICO: O VOCABULÁRIO DE JEAN FROISSART	74
5	<b>OS ATORES, OS UTENSÍLIOS DE GUERRA E OS MEIOS DE TRANSPORTE NAS <i>CHRONIQUES</i></b>	77
5.1	O VOCABULÁRIO	80
5.1.1	<b>Os atores da guerra</b>	80
5.1.2	<b>Utensílios da guerra</b>	89
5.1.2.1	As armas	89

5.1.2.1.1	<i>Elementos da natureza</i>	89
5.1.2.1.2	<i>Feitas pelo homem</i>	91
5.1.2.2	Vestimentas	97
5.1.2.3	Insígnias e acomodações	100
<b>5.1.3</b>	<b>Os meios de transporte</b>	102
5.1.3.1	Aquáticos	102
5.1.3.2	Terrestres	105
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	110
	<b>REFERÊNCIAS</b>	112

## 1 INTRODUÇÃO

Apesar da distância de séculos que separam os homens e mulheres do século XIV dos homens e mulheres do século XXI, a ideia geral dos objetivos que levaram (e ainda levam) à luta armada não mudou tanto. Defesa e conquista pelo poder, por exemplo, são algumas das causas que podem ser apontadas como motivações para o fazer a guerra.

Dentre os conflitos bélicos no período medieval (e esses ocorreram em grande número), talvez um dos mais marcantes tenha sido a Guerra dos Cem Anos, guerra travada inicialmente entre a França e a Inglaterra, mas que, ao longo de sua duração, envolveu quase todo continente europeu ocidental.

Sobre a guerra e a Idade Média, Matoré (1985) escreve que:

La guerre médiévale se manifeste comme [...] un phénomène économique, comme une activité sportive, et, plus généralement, ludique, comme, une technique, et comme une libération de pulsions agressifs<sup>1</sup> (MATORÉ, 1985, p. 157).

Dentro do contexto bélico de tal época, uma série de fatores apresentam destaque. A começar pela hierarquia. O rei, figura maior, tinha diante de si um exército composto de diferentes figuras situadas em diferentes posições de poder. Eram nobres, funcionários do governo, gente do povo, pessoas de origens diversas (fosse essa origem social ou geográfica) que, de forma direta ou indireta, viam-se envolvidas nas engrenagens da guerra (CONTAMINE, 2004).

E para ir à guerra eram necessárias armas, vestimentas, meios de transporte etc. Um vasto vocabulário se estende pelas páginas da literatura. Fabricavam-se espadas e escudos, mas também muito se recorria à natureza em estado bruto. Na ausência das armas produzidas pelo homem, pedras, madeira das árvores e outros elementos podiam servir tanto para ataque quanto para defesa. Dentre os transportes, o cavalo era um dos principais meios de locomoção. Usado como montaria para os cavaleiros ou à frente das charretes, transportando as bagagens e munições, esses animais possuíam grande importância no desenrolar dos conflitos (FROISSART, 1869b; FROISSART, 1870).

---

<sup>1</sup> “A guerra medieval se manifesta como [...] um fenômeno econômico, como uma atividade esportiva, e, de modo geral, lúdica, como uma técnica, e como uma liberação de pulsões agressivas.” (Tradução nossa)

As informações que se têm sobre esse fazer a guerra na sociedade do medievo foram preservadas através da literatura. Em textos como as crônicas, os autores registravam os acontecimentos ocorridos em um determinado espaço de tempo, narrando inclusive as guerras. Através dos seus escritos (e do vocabulário utilizado por eles) tem-se informações variadas acerca da economia, política, organização social e cultural de uma sociedade (ou de uma parte dela). Esses textos captam e preservam também as transformações ocorridas ao longo do tempo no que diz respeito à língua de uma comunidade.

Entre os cronistas de língua francesa, Jean Froissart é um dos nomes de destaque. Suas *Chroniques* são, até hoje, citadas quando se trata dos eventos relativos à Guerra dos Cem Anos. Divididas em quatro livros, as *Chroniques* começam a sua narrativa ainda na primeira década do século XIV (primeiro livro) narrando os eventos ocorridos até 1400 (final do quarto livro de crônicas).

Devido a sua extensão, utilizou-se como *corpus* para este trabalho os volumes 1 e 2 da edição do primeiro livro das *Chroniques* realizada por Siméon Luce em 1869 e 1870 respectivamente<sup>2</sup>. Em tais volumes são narrados os acontecimentos desde a coroação de Eduardo II da Inglaterra, em 1314, até a ida da condessa de Monfort à Inglaterra em 1342.

Para tratar do vocabulário da guerra na obra de Froissart, objetivo central do estudo aqui realizado, optou-se por organizar este trabalho em seis seções, das quais esta Introdução é a primeira.

Na seção dois são apresentadas algumas características do espaço medieval entre os séculos XI e XIV. Além dos fatores históricos, abordaram-se, também, questões relativas ao Francês Antigo e ao Francês Médio. Destes dois períodos, buscou-se apresentar algumas das características presentes na língua, em especial as que dizem respeito ao léxico.

A seção três trata de Jean Froissart enquanto cronista. Nesta seção, além de informações biográficas sobre o autor, tem-se também um panorama geral da organização e da estrutura da Guerra dos Cem Anos nos seus anos iniciais. Buscou-se também apresentar, de forma breve, um resumo das narrativas que compõem os volumes 1 e 2 do primeiro livro das *Chroniques*.

---

<sup>2</sup> Nesta edição, o primeiro livro das *Chroniques* está dividido em oito volumes.

A quarta seção teve por objetivo tratar dos estudos lexicais. Expõem-se as diferenças entre Lexicologia, Terminologia e Lexicografia. Diante do objetivo deste trabalho, fez-se um recorte especial para as questões relacionadas à Lexicografia, área a que este estudo se encontra vinculado, apresentando os tipos de produção lexicográfica existentes e suas diferenças. Nesta seção, tratou-se também dos primeiros dicionários monolíngues de língua francesa, fonte para a realização deste trabalho.

Na quinta seção, buscou-se apresentar os critérios metodológicos utilizados durante a pesquisa. Além de informações referentes à estrutura e organização, tem-se também o vocabulário da guerra de Jean Froissart.

As *Considerações Finais*, sexta e última seção, finaliza o trabalho aqui apresentado, retomando alguns pontos observados ao longo da pesquisa.

Ao final são apresentadas as referências utilizadas durante a escrita da dissertação.

## 2 A LÍNGUA FRANCESA NO SÉCULO XIV

Considera-se como sendo a Idade Média Ocidental o período que vai do século V – após a queda do Império Romano do Ocidente –, ao final do século XV, momento de consolidação dos Estados Nacionais europeus (LE GOFF, 2008).

Não se pode negar que a Idade Média Ocidental, de modo geral, foi marcada por crises e guerras diversas e que a Igreja, em especial a partir dos anos 1000, muito influenciou nas decisões tomadas. A Idade Média foi também um período marcado por inovações tecnológicas e transformações no sistema de ensino, tendo como exemplo, o nascimento de grandes universidades europeias (Universidade de Paris e Universidade de Oxford, no século XII, e a Universidade de Cambridge, no século XIII).

Assim, esse momento histórico a ser tratado ao longo das próximas páginas, deve ser conhecido também como um momento rico em descobertas, como assinala Le Goff (2008, p. 1) quando diz que “ce temps a vu la naissance de la ville [...], le vrai démarrage d’une économie monétaire, les inventions technologiques propres à assurer la conquête rurale, l’artisanat préindustriel, la construction à large échelle”<sup>3</sup>.

Dentre os séculos que marcaram a Idade Média, um dos mais peculiares foi o século XIV, período de transição em diversos setores da sociedade. O mundo feudal, com todas as suas regras e características bem próprias, desde o século anterior já dava indícios de grandes transformações que foram aceleradas com a Guerra dos Cem Anos (1337-1453).

Nesse contexto de tantas mudanças, a língua também não se manteve estável, passando também por transformações, assim como aqueles que a utilizavam, como código de comunicação. Além das descobertas e transformações tecnológicas, a Idade Média foi também bastante rica, no que diz respeito às línguas. Essas eram diversas, possuindo características e marcas culturais próprias e que, ao longo dos anos, contribuíram para a formação da língua francesa. No que concerne às línguas faladas no que hoje é o território francês, tem-se dois momentos importantes: o Francês Antigo e o Francês Médio.

---

<sup>3</sup> “Este período viu o nascimento da cidade [...], o verdadeiro início de uma economia monetária, as invenções tecnológicas próprias para assegurar a conquista rural, o artesanato pré-industrial, a construção em larga escala.” (Tradução nossa)

Os dois momentos apresentam características específicas de um processo de mudança que nunca se dá por encerrado e deve ser sempre encarado como inserido em um contexto, tendo consigo toda uma história política, geográfica, social e cultural. Para este trabalho, adotou-se a cronologia empregada por Bodo Muller (1985) na qual se entende como sendo o Francês Antigo a língua falada a partir dos *Juramentos de Estrasburgo* (em 842) ao século XIII. Entende-se como Francês Médio, a língua empregada entre o século XIII e o século XVI.

As datações existentes são necessárias para os estudos sobre a história da língua, porém, as fronteiras existentes entre o Francês Antigo e o Francês Médio não podem ser vistas como sendo definitivas. Dessa forma, durante o século XIV, período que se classifica como já sendo Francês Médio, as características do Francês Antigo ainda se faziam presentes, podendo ser encontradas em textos diversos. Assim como ocorre com as questões referentes ao contexto sócio-político, a língua francesa do século XIV também se encontra em processo de transição, ora alternando as características do Francês Antigo, ora já apresentando as características do Francês Médio sem que se possa definir uma data conclusiva para o fim ou início de ambos.

## 2.1 A FORMAÇÃO DA LÍNGUA FRANCESA NO TERRITÓRIO D'OÏL

Para se entender este momento da história que foi o século XIV, por ser um período de transição, é necessário recuar um pouco no tempo e voltar alguns séculos antes, mais precisamente do XI ao XIII. Dessa forma, tem-se como compreender de modo mais claro quais fatores e eventos acabaram por tornar o século XIV tão peculiar.

O primeiro passo a ser dado, ao estudar o que se entende como a língua francesa no período medieval, é ter em mente que o território ao qual se nomeia de França no século XXI é bastante diferente daquele que existiu há sete séculos. Ao longo do tempo, fronteiras foram modificadas, novos territórios foram anexados ou se separaram.

Falar do francês da Idade Média é falar na zona *d'oïl*, berço do Francês Antigo, área que ia do norte do maciço central francês até a Bélgica francófona (DUCOS; SOUTET, 2012). Essa região se opunha ao território *d'oc*, ao sul, onde se empregava o *occitano* como código linguístico. As fronteiras entre ambas as zonas eram fluidas, sendo modificadas ao longo do tempo. Devido à proposta deste trabalho, far-se-á um

recorte para o espaço linguístico da zona *d'oïl*, vindo a tratar da zona *d'oc* sempre que necessário. E, como tanto o Francês Antigo quanto o Francês Médio se encontram inseridos em um contexto específico, são necessários alguns conhecimentos acerca da sócio-história do período.

O modelo feudal, sistema econômico, político e social que predominou durante a Idade Média, tornou o poder do rei quase inexistente. De modo geral, os territórios eram formados por:

[...] vários “reinos”. Em cada um deles vive uma “nação”: trata-se, portanto, de uma “pátria”. Em cada um deles, um “príncipe” comanda, suplente do soberano e dotado de prerrogativas iguais às suas. É, como ele, o senhor das terras públicas, os “fiscos”, e dos terrenos de caça, as “florestas”; como ele, tem o direito de ser hospedado em qualquer parte e de controlar o sistema defensivo (DUBY, 1992, p. 39).

Compreende-se, então, que, nesse contexto, o monarca podia ter posse de sua coroa, mas não possuía necessariamente o poder de fato. Com uma forma de governo descentralizada, apesar do reconhecimento da figura do rei, cada senhor feudal possuía autonomia dentro do seu território (WARTBURG, 1971).

As cidades, em especial as mais urbanizadas, tinham seu desenvolvimento ligado às rotas comerciais que eram movimentadas por conta das feiras e dos mercados existentes. O desenvolvimento do comércio foi impulsionado, em especial, pela comercialização de vinhos, de sal, e de produtos alimentícios no geral. Vale ressaltar que, apesar do aumento de influência das cidades na vida cotidiana, essas ainda se encontravam interligadas ao campo, espaço onde eram produzidos muitos dos alimentos que seriam comercializados e, posteriormente, consumidos (LE GOFF, 2008).

Pouco a pouco os centros urbanos foram ganhando novas feições, o que levou a um desenvolvimento na construção civil, necessário para acolher uma população que crescia vertiginosamente. Catedrais, igrejas, prédios para diversas funções, fossem esses para moradia (em pedra nas classes mais abastadas) ou para comércio, como os *halles*, que funcionavam como os atuais centros comerciais, construção de pontes, dentre outros, são alguns dos exemplos que podem ser citados como realizações da época (CHEDEVILLE, 2004; LE GOFF, 2008).

Segundo Wartburg (1971), integravam o domínio *d'oïl* as regiões da Lorena, da Valônia, da Normandia e da Picardia (ao norte); da Borgonha e da Champanha (ao

leste); e da Ilha de França (centro)<sup>4</sup>. Cada uma dessas regiões possuía um dialeto próprio com características bem marcadas, influenciadas por fatores culturais, mas também por questões geográficas e políticas. Tomando as descrições apresentadas por Wartburg (1971, p. 84-89) e por Marchello-Nizzia (1979, p. 26-29) cada uma das regiões citadas será apresentada de forma breve

A Borgonha era uma importante rota comercial. Dessa região transitavam aqueles que iam ou vinham de diferentes destinos, como das regiões a leste do Reno, da Provença, de Paris e da Lorena. A Borgonha teve também grande importância no que diz respeito à produção literária, apesar de o seu dialeto não ter possuído grande influência em tal área. A abadia de Cluny, localizada na região, foi um grande centro de produção de textos na Idade Média.

Ao norte da Borgonha tem-se a região da Champanha, também importante quanto ao comércio, visto que as grandes feiras realizadas na região atraíam pessoas não só da zona *d'oïl*, mas também provenientes da Península Itálica e da região ao norte do Reno. O dialeto empregado em tal região, o *champenois*, possuía muitos traços semelhantes ao que era utilizado na Ilha-de-França. Marchello-Nizzia (1979) indica que devido à proximidade entre ambos, e a influência exercida pelo dialeto da Ilha-de-França — o *françoys* —, os traços que distinguem o *champenois* em sua forma escrita foram “neutralizados” ainda em meados do século XIV.

Indo para a região norte, encontra-se a Valônia. Wartburg (1971) a descreve como sendo:

[...] en principe la partie romaine de la Belgique [...]. Les Germains l'enveloppaient de deux côtés, mais elle a résisté, surtout a cause de la difficulté des communications. Vers l'Est elle est protégée par les marais de Fagnes (Venn) et les forêts (WARTBURG, 1971, p. 86).<sup>5</sup>

A influência alemã e as barreiras geográficas fizeram do valão um dialeto bastante peculiar. Considerado como sendo um dos mais conservadores dentre aqueles da zona *d'oïl*, este dialeto tem no seu léxico as marcas da influência germânica. A escrita nesta região apresentava forte influência dialetal que pode ser encontrada em documentos até o século XVII (MARCHELLO-NIZZIA, 1979).

<sup>4</sup> Em francês respectivamente: La Lorraine; la Wallonie; la Normandie; la Picardie; la Bourgogne; la Champagne; l'Île-de-France (WARTBURG, 1971, p. 84-89).

<sup>5</sup> “[...] em princípio, a parte romana da Bélgica [...]. Os germânicos a cercavam por dois lados, mas ela resistiu, sobretudo devido à dificuldade das comunicações. Pelo leste, é protegida pelos pântanos de Fagnes (Venn) e por florestas.” (Tradução nossa)

A Lorena, região próxima da Valônia, tem características semelhantes. Considerada uma região de difícil acesso, possuía muitas barreiras geográficas, como rios e florestas. Tal contexto geográfico fez com que as influências do *françoys* não se manifestassem de forma tão forte. Seu dialeto é considerado um prolongamento do valão, tendo também uma grande influência germânica.

Os normandos foram considerados os melhores difusores da cultura *d'oïl* (WARTBURG, 1971, p. 88). A região da Normandia, que durante um período se encontrou sob o governo anglo-saxão, possuiu uma literatura bastante rica construída a partir do seu dialeto e sua influência era comparada à do dialeto da Ilha-de-França.

Situação semelhante ocorreu com o dialeto falado na Picardia. A região, disputada por reis e senhores feudais durante quase toda a Idade Média, teve sua população concentrada em torno de cidades e povoados, possuindo também um comércio bem organizado. Seu dialeto esteve fortemente presente nas diversas produções literárias realizadas e influenciou de forma direta certas construções presentes no uso do dialeto parisiense. Os textos produzidos em picardo, durante um tempo, rivalizaram com a literatura produzida em Paris.

Apesar de toda essa diversidade, a existência dos traços distintivos de cada dialeto não impedia a comunicação entre falantes de regiões diferentes. Embora existissem dificuldades no processo de comunicação, “un certain nombre de témoignages montrent que la différence dialectale était bien perçue, mais cette diversité linguistique n’était pas un obstacle majeur à la compréhension mutuelle des locuteurs”<sup>6</sup> (DUVAL; REY; SIOUFFI, 2011, cap. 2, p. 25)<sup>7</sup>. É importante que se tenha em mente também que as fronteiras dialetais não coincidiam necessariamente com as fronteiras geográficas. Dessa forma, em determinada área da Champanha, poder-se-ia ter como dialeto aquele utilizado na Borgonha ou mesmo o da Ilha-de-França e vice-versa.

Deixou-se a região da Ilha-de-França para o final devido a sua importância no processo de formação da língua francesa. Tal região encontra-se situada em uma posição central do domínio *d'oïl*, em relação às demais regiões existentes, tendo sido considerada uma importante rota comercial (WARTBURG, 1971). Ao longo da Idade Média, dois espaços dessa região se destacaram: Saint-Denis, centro ideológico onde se

---

<sup>6</sup>“Um certo número de testemunhos mostram que a diferença dialetal era bem percebida, mas esta diversidade linguística não era um obstáculo maior no que diz respeito à compreensão mútua por parte dos falantes.” (Tradução nossa)

<sup>7</sup> As citações retiradas de obras no formato ebook apresentam, além do ano e da página, o capítulo do qual foram retiradas, devido a ausência de uma paginação linear.

localizava a abadia de mesmo nome e que tinha grande movimentação comercial, e Paris, que, apesar de também possuir uma economia voltada para as relações comerciais, possuía uma importância secundária (DUVAL; REY; SIOUFFI, 2011).

Até o século X, o domínio real não possuía uma cidade específica como sede de governo. Com a ascensão de Hugo Capeto, Paris se tornou centro do poder, escolha que acabou sendo definitiva. Tal decisão não significou que a Ilha-de-França e Paris se tenham tornado, respectivamente, a principal região e o principal núcleo urbano do domínio *d'oïl* de forma instantânea. O aumento de prestígio e de importância dentro de tal espaço, no que diz respeito à economia, à política e à cultura, ocorreu de forma gradual. O mesmo processo ocorreu com o dialeto falado na região, o *françoys*.

Wartburg (1971) assinala a presença de causas históricas e linguísticas no processo de transformação do *françoys* de dialeto regional ao que futuramente se tornaria a língua nacional. No momento em que Hugo Capeto escolhe Paris enquanto sede de governo, seu poder como monarca só alcançava os territórios do domínio real. Em uma tentativa de unificação do território, foi necessário firmar uma aliança com a Igreja. Segurança e estabilidade eram os objetivos centrais do acordo no qual:

L'Eglise et le roi tâchaient de défendre le faible contre le fort. Le peuple pouvait donc aimer dans un et l'autre pareillement ses protecteurs. [...] Il en resultait pour le peuple une liaison étroite entre son idéal politique et religieux, entre ses sentiments nationaux et sa ferveur chrétienne. [...] L'Ile-de-France est déjà comme le centre religieux, idéal du pays (WARTBURG, 1971, p. 91-92).<sup>8</sup>

Como exemplos da aliança entre o rei e a Igreja, dois decretos tiveram grande importância neste período: a *Paz de Deus*<sup>9</sup>, que condenava os abusos cometidos contra os membros da Igreja, contra os camponeses ou contra os pobres, e a *Trégua de Deus*<sup>10</sup>, que indicava os períodos nos quais eram permitidos se fazer a guerra, por exemplo (WARTBURG, 1971, p. 91). Porém, ao contrário do que se possa imaginar em um primeiro momento, tais medidas visavam não só à proteção do povo, mas também aos interesses próprios do monarca. Ao condenar a violência e estabelecer regras para os conflitos, a monarquia assegurava também a sua própria segurança e sobrevivência.

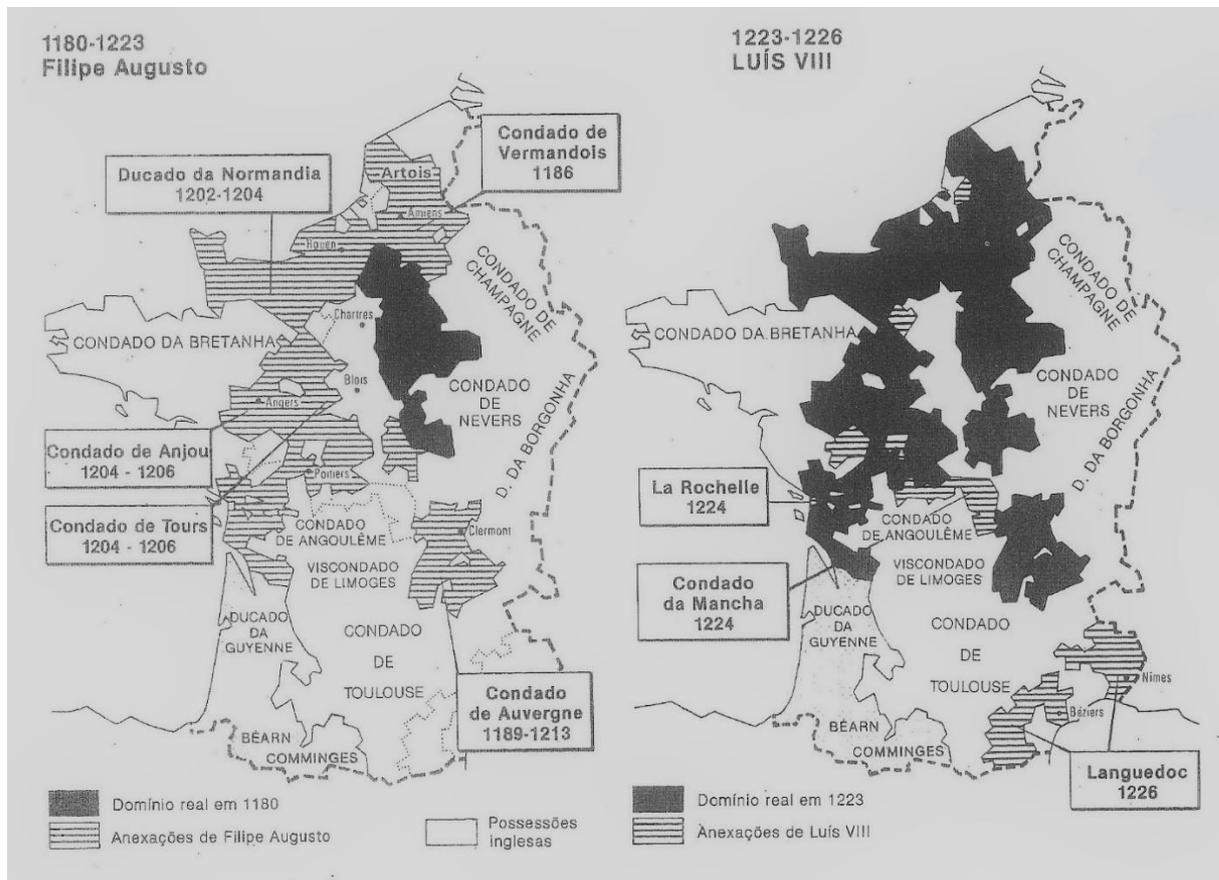
<sup>8</sup> “A Igreja e o rei pretendiam defender o fraco contra o forte. O povo podia então amar em um e em outro, paralelamente, seus protetores. Resultava assim para o povo uma ligação estreita entre o seu ideal político e religioso, entre os seus sentimentos nacionais e seu fervor cristão. [...] A Ilha-de-França já é como o centro religioso, ideal do país.” (Tradução nossa)

<sup>9</sup> Tradução de *Paix de Dieu*. Retirado de Duby (1993, p. 46)

<sup>10</sup> Tradução de *Trêve de Dieu*. Retirado de Duby (1993, p. 62)

Com o aumento de poder da monarquia, o domínio real foi pouco a pouco ganhando novos contornos como é possível notar na figura 1:

**Figura 1:** O domínio real nos séculos XII e XIII



Fonte: Duby (1992, p. 210)

Por se situar no centro da Ilha-de-França, Paris pouco a pouco se tornou um local com um grande trânsito de pessoas, oriundas de lugares diversos. A partir do século XIII, com a criação da Universidade de Paris, esse fluxo de pessoas ganhou mais força. Sobre tal período Duval, Rey e Siouffi (2011, cap. 2, p. 45) afirmam que “Paris attire des immigrants par son importance économique, religieuse, scolaire, politique et administrative. Son rayon d'attraction est non seulement national, mais international”.<sup>11</sup>

Dentro desse espaço de interação entre os falantes de dialetos diversos, uma série de trocas linguísticas foi efetuada, ora influenciando ou sendo influenciada pelo

<sup>11</sup> “Paris atrai imigrantes por sua importância econômica, religiosa, escolar, política e administrativa. Seu raio de atração é não somente nacional, mas internacional.”.(Tradução nossa)

*françoys*. A partir da segunda metade do século XII, os autores começam a substituir algumas das lexias provenientes dos seus dialetos maternos, por lexias originárias da Ilha de França, visando, assim, a um maior alcance do público, que, cada vez mais, voltava-se para a cultura proveniente da região central da zona *d'oïl*. Tal substituição de lexias teve grande força nas regiões da Picardia, Normandia e Champanha (entre a segunda metade do século XII e o século XIII). Diante disso, o dialeto parisiense empregado na região, outrora não tão importante, vai aos poucos galgando o status de prestígio, e que, ao longo dos anos, se tornou referência para as diversas formas de produção textual (WARTBURG, 1971, p. 89-90).

Assim, longe de ser homogêneo, o Francês Antigo nasce de uma grande diversidade dialetal (e cultural, por assim dizer), englobando o dialeto falado na Ilha-de-França, mas também a partir do normando, do picardo, do valão etc.

Ainda no que concerne à formação do Francês Antigo, deve-se levar em conta que nem todas as regiões da zona *d'oïl* faziam parte necessariamente do domínio real. Algumas áreas, como a Valônia possuíam alianças com o rei, mas realmente só vieram a ser incorporadas ao território depois do século XV, pós-conflitos entre a França e a Inglaterra.

Uma terceira região, além da zona *d'oïl* e da zona *d'oc*, é a área do Franco-Provençal, que abarcava o entorno de Lyon até Genebra. Segundo Wartburg (1971), essa região, que foi incorporada ao reino da França tardiamente, apresentava em seu dialeto semelhanças com aquele usado na Borgonha. Apesar de ser bastante relevante para a história da formação da língua francesa, devido à proposta deste trabalho, não serão discutidas maiores explicações acerca desse domínio linguístico.

### **2.1.1 O Francês Antigo**

Apesar dos numerosos estudos realizados acerca da formação da língua francesa, é fato que dessa língua, em especial do período compreendido na Idade Média, só se conhece uma parte do todo, parte essa que foi preservada através da escrita, conforme explica Lusignan (1986) quando afirma que sobre as línguas do período:

Il ne nous reste de celles-ci que des textes écrits, dans les langues savantes ou vernaculaires, que nous savons lire, bien que les modalités mêmes de la lecture médiévale, que nous tenons de reconstituer sur des bases hypothétiques, nous échappent toujours en partie (LUSIGNAN, 1986, p. 7).<sup>12</sup>

Durante o período medieval, o latim foi a língua predominante na escrita, sendo empregada para a documentação jurídica e para a administrativa, para textos eclesiásticos e também para a produção literária. O principal centro de emprego e difusão do latim era a Igreja. Em sua comunidade interna, os clérigos se comunicavam fazendo uso de tal língua. Por outro lado, a comunicação com o grande público podia ser realizada tanto em língua vernácula, quanto em latim, conforme afirma Lusignan (1986, p. 9).

*Os Juramentos de Estrasburgo*, datados de 842, são “el más antiguo texto escrito en francés”<sup>13</sup> (TAGLIAVINI, 1993, p. 649). A produção textual em língua vernácula continuou a ser feita nos séculos seguintes, em geral sendo empregada em textos literários voltados principalmente para a questão religiosa. Assim, o Francês Antigo e o latim conviveram, em seus respectivos usos, durante séculos. Contudo, ao contrário do que se possa imaginar, o latim não funcionava como uma língua estrangeira no território *d’oïl*. A sociedade da época podia ser descrita, em parte, como sendo bilíngue<sup>14</sup>, como assinalam Duval, Rey e Siouffi (2011). Segundo esses autores:

L’usage respectif du latin et du français par les clercs et les laïcs ne connaît certes pas de frontières précises, mais une idéologie sociolinguistique forte et bien déterminée s’attache à chacune des langues. C’est ainsi que le français s’est affirmé comme la langue de la Cour et du pouvoir politique, par opposition au latin, langue de l’Eglise et du pouvoir spirituel. (DUVAL; REY; SIOUFFI, 2011, cap. 3, p.54-55)<sup>15</sup>.

A convivência com o latim influenciou bastante na composição e na formação do Francês Antigo, em especial, no que diz respeito ao léxico de temática religiosa

<sup>12</sup> “Só nos resta destas os textos escritos, nas línguas eruditas ou vernáculas, que podemos ler, ainda que as modalidades da leitura medieval, que tentamos reconstituir em bases hipotéticas, sempre nos escapem em parte.” (Tradução nossa)

<sup>13</sup> “[...] o mais antigo texto escrito em francês.” (Tradução nossa)

<sup>14</sup> Ao tratarmos de uma sociedade bilíngue, deve-se levar em conta os conceitos de Bilinguismo – “situação linguística na qual os falantes são levados a utilizar alternativamente, segundo os meios ou as situações, duas línguas diferentes” (Dubois et al., 2014, p.80) – e Diglossia – “sentido de situação bilíngue na qual uma das línguas é de *status* político inferior” (Dubois et al., 2014, p. 179). No caso do uso do Francês Antigo/Médio e do Latim, fala-se em um bilinguismo sem diglossia.

<sup>15</sup> “O uso respectivo do latim e do francês pelos clérigos e pelos leigos não possuía, certamente, fronteiras precisas, mas uma ideologia sociolinguística forte e bem determinada, esta ligada a cada uma das línguas. É assim que o francês se afirmou como língua da Corte e do poder político, em oposição ao latim, língua da Igreja e do poder espiritual.” (Tradução nossa)

(visto que o ensino era realizado por centros religiosos). *Solennité, rédemption, humanité, solstice, ressusciter*<sup>16</sup>, são algumas das lexias bastante presentes no período e que possuíam relação direta com a religião (WARTBURG, 1971, p. 108-109). Assim, acerca dos contatos entre o latim e o francês nesse período é possível afirmar que:

Le français n'a jamais été isolé de la langue latine. Les contacts qu'entretenaient les locuteurs, à des degrés divers, avec le latin se sont traduits par des échanges linguistiques et par une évolution plus rapide du français que s'il avait été isolé. En effet le bilinguisme collectif d'une population, même partiel et passif, joue toujours un rôle importante dans son évolution linguistique (DUVAL; REY; SIOUFFI, 2011, cap. 3, p. 2)<sup>17</sup>.

Ainda também no século XII, a produção literária no território d'*oïl* ganhou força. Os diversos gêneros, como o teatro e a poesia, já começavam a se apresentar em Francês Antigo ainda que ao lado da escrita realizada em latim. Wartburg (1971) e Duval, Rey e Siouffi (2011) lembram que, assim como as demais línguas, o Francês Antigo possuía duas vertentes de uso: uma sendo popular, empregada pelo povo de uma forma geral no cotidiano, e outra sendo a cortês, empregada, sobretudo, na literatura realizada e voltada para o público da corte, possuindo, assim, um alto valor de prestígio em detrimento dos demais códigos linguísticos.

Ainda longe das regras de normatização, uma das principais características do Francês Antigo é a liberdade de uso das formas existentes. Uma mesma informação podia ser dita de várias maneiras e uma mesma expressão podia adquirir significados diversos, a partir da situação na qual fosse utilizada. No campo da Semântica, a polissemia e a sinonímia são duas das principais características no que diz respeito ao significado (DUCOS; SOUTET, 2012).

As questões fonológicas também têm uma importância fundamental no que concerne ao Francês Antigo. Como já mencionado, os conhecimentos referentes a esse momento da língua francesa chegaram até nós a partir dos documentos escritos, dentre esses os literários.

A literatura da Idade Média, em grande parte, não era produzida para a leitura individual e silenciosa, mas sim para ser lida em voz alta para um grande público. O leitor, apoiado no texto escrito, verbalizava para os seus ouvintes o conteúdo do texto.

<sup>16</sup> Em língua portuguesa: solenidade, redenção, humanidade, solstício, ressucitar.

<sup>17</sup> “O francês nunca esteve isolado da língua latina. Os contatos estabelecidos entre os falantes, em níveis diversos, com o latim são traduzidos por trocas linguísticas e por uma evolução mais rápida do francês do que se ele estivesse isolado. Com efeito, o bilinguismo coletivo de uma população, mesmo parcial e passivo, desempenha sempre um papel importante na sua evolução linguística.”(Tradução nossa)

Não se pode dizer, porém, que os textos escritos eram uma transcrição fiel da narrativa oral. Os copistas se enquadravam em uma tradição (de raiz latina), sendo guiados, pelas transformações existentes segundo sua bagagem cultural prévia, assim como as referências adquiridas no dialeto existente na sua região (DUVAL, REY, SIOUFFI, 2011, cap. 2, p. 8).

Apesar de uma tentativa de se utilizar uma grafia comum, tornando-a, assim, compreensível para todas as regiões, as marcas dialetais da oralidade acabam por se fazerem presentes também na escrita, tornando-a heterogênea. Ainda citando Duval, Rey e Siouffi (2011, cap. 2, p. 75), esses escrevem que “le Moyen Age occuperait une position intermediaire entre l’oralité des sociétés qui ignorent l’écriture et celle des sociétés où l’écriture est socialement essentielle”<sup>18</sup>.

De modo geral, os dialetos presentes no domínio *d’oïl* possuíam uma grande influência das línguas germânicas, herança deixada, em especial, pelos povos Francos. Como assinala Matoré (1985, p. 44), dois prefixos de origem germânica são importantes quando se trata do léxico deste período: *fir* — que dos contatos com o latim *foris* se fixou no francês como *for- forconseiller*<sup>19</sup> — e *mes*, presente em lexias como *mesaventure*<sup>20</sup>.

Ao nomear os elementos ao seu redor, a diversidade e a criatividade tinham força total. A escrita, de uma forma geral, tendia a registrar as questões referentes aos assuntos bélicos, a civilização da época em si, sentimentos (sendo o amor o mais expressivo), assuntos relacionados à nobreza e à vida na corte e à religiosidade, (WARTBURG, 1971, p. 108-110; DUCOS; SOUTET, 2012, cap. 4, p. 1). Porém, apenas uma parte deste léxico chegou até a atualidade. Muito se perdeu visto que uma das fontes principais desse léxico se mantinha na oralidade (MATORÉ, 1985).

Foi o que ocorreu com as lexias empregadas no cotidiano, ou referentes à vida e ao trabalho rural. Esses temas, quando comparados, apresentam uma menor expressividade em detrimento das outras temáticas mencionadas. A partir dos registros textuais da época, é possível notar que:

La richesse de cette langue paysanne nous échappe, nottament au niveau léxical. Le vocabulaire technique professionnel désignant les travaux des

<sup>18</sup> “[...] a Idade Média ocuparia uma posição intermediária entre a oralidade das sociedades que ignoram a escrita e aquela das sociedades onde a escrita é socialmente essencial.” (Tradução nossa)

<sup>19</sup> Em língua portuguesa: *desventura*

<sup>20</sup> Em língua portuguesa: *infortúnio*.

champs n'a que très partiellement franchi les barrières de l'écrit, parce que l'apprentissage se faisait de bouche à oreille, par la transmission d'une expérience pluriséculaire. Le lexique de métiers de la campagne apparaît partiellement dans les chartes, dans des comptes, des devis ou des inventaires, mais il est le grand absent de textes didactiques et littéraires, dont les auteurs méprisaient généralement les "arts mécaniques", qui traitent de la matière et non l'esprit (DUVAL; REY; SIOUFFI, 2011, cap. 2, p. 55)<sup>21</sup>.

### 2.1.2 A formação do Francês Médio

O século XIII deu continuidade às transformações iniciadas nos séculos anteriores. Assim como visto no Francês Antigo, as mudanças verificadas no Francês Médio também não podem ser analisadas isoladas do contexto no qual era utilizado. Desse modo, nas próximas páginas, serão apresentados, de forma breve, alguns pontos relativos à sócio-história do período compreendido entre os séculos XIII e XIV.

Em um cenário cada vez mais urbano, os governantes do domínio real ganhavam força, tendo como principal personagem do período a figura do rei Luís IX<sup>22</sup>. Uma das mudanças observadas foi a organização da administração do reino, com a separação entre o parlamento e o conselho real. Filipe, o Belo, durante o seu governo (1285-1314), estendeu as fronteiras, anexando, assim, novos territórios (WARTBURG, 1971), como é possível notar a partir da figura a seguir:

---

<sup>21</sup> "A riqueza desta língua do campo nos escapa, principalmente no nível lexical. O vocabulário técnico que designava os trabalhos dos campos alcançou de forma muito parcial as barreiras do escrito, porque o aprendizado se fazia de boca a boca, pela transmissão de uma experiência plurissecular. O léxico do trabalho no campo aparece de forma parcial nos cartulários, nas contas dos orçamentos ou dos inventários, mas é o grande ausente em textos didáticos e literários, cujos autores geralmente desprezavam as 'artes mecânicas', que tratam da matéria e não do espírito." (Tradução nossa)

<sup>22</sup> Em 1297 Luis IX foi canonizado pelo papa Bonifácio VIII e recebeu o título de São Luis (LE GOFF, 2014, p.)

**Figura 2:** O domínio real em 1270

**Fonte:** Duby (1992, p. 257)

Porém, o final do século já mostrava um princípio de crise que se acentuaria ainda mais nos anos seguintes. Nesse período, Paris, uma exceção para época, tinha uma média de duzentos mil habitantes. A concentração de pessoas nas cidades, motivada pelos anos de boa economia, era maior do que a produção de alimentos podia dar conta. Somava-se a isso o desgaste do solo, que danificado pelo uso incorreto de algumas técnicas e também pelas mudanças e eventos climáticos, teve sua capacidade de produção agrícola reduzida (CHEDEVILLE, 2004).

Os anos de 1314 a 1316 foram marcados por uma grande escassez de alimentos, levando a uma grave carestia e, conseqüentemente, um alto índice de mortalidade, também bastante influenciado pelos hábitos precários de higiene existentes na época. Do outro lado, tem-se uma crise também na economia. A máquina governamental via-se

necessitada de mais dinheiro para possibilitar o pagamento de seus funcionários, fossem esses burocráticos ou mercenários, assim como para sustentar os luxos exigidos pela aristocracia reinante. Impostos novos passaram a valer, assim como alguns dos antigos foram reajustados, causando, assim, revoltas e manifestos por parte da população (CHEDEVILLE, 2004).

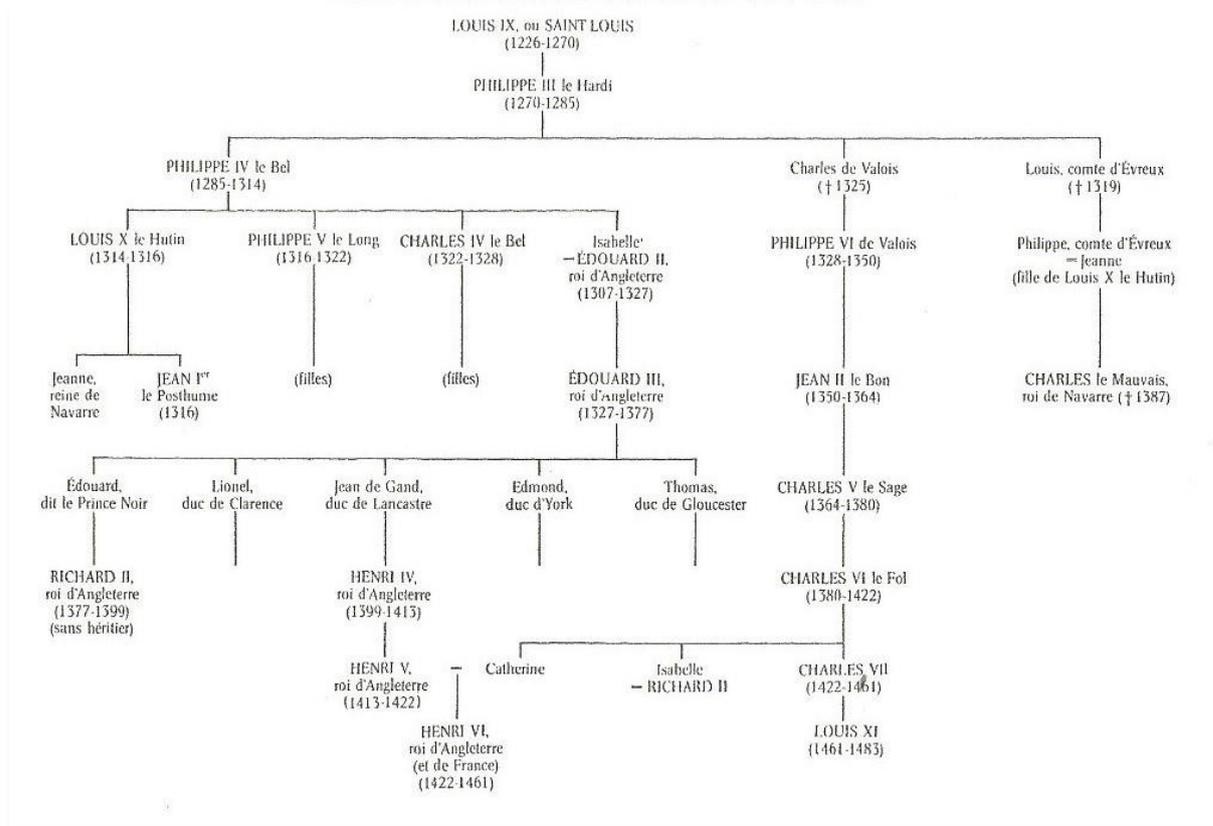
Em 1337, em meio a toda esta situação, a Inglaterra declara guerra à França, tendo como motivo oficial a sucessão dinástica da coroa francesa. Com a morte de Filipe IV – também conhecido pela alcunha de *Filipe, o Belo* – em 1314, assumem, sucessivamente, o trono do reino os seus filhos Luís X (1314-1316), Filipe V (1316-1322) e Carlos IV (1322-1328).

Contamine (2010, cap. 1, p. 3-4) assinala que “au fil de générations, la règle de l’hérédité masculine s’était donc inscrite, non point dans le droit, mais dans les faits. Néanmoins, le royaume continuait d’être réputé un bien comme les autres, transmissible à une fille l’ecas échéant.”<sup>23</sup> No entanto, até Filipe o Belo, todos os reis, ao morrerem tinham um sucessor de linhagem masculina. Tal situação não ocorreu com seus herdeiros. Tanto Luís X quanto Filipe V morreram sem sucessão masculina. No caso de Carlos IV, ocorreu que sua esposa, a rainha Joana de Évreux, estava grávida. Houve, então, a necessidade de uma regência.

Para o cargo de governante regente foram consideradas três opções: Filipe de Évreux, neto do rei Filipe III e irmão da rainha; Filipe de Valois, também neto de Filipe III; e Eduardo III, rei da Inglaterra e neto de Filipe IV por linha materna. Filipe de Valois assumiu a regência que, anos depois, passou a ser um reinado oficial. Desse modo, tem-se então a seguinte linha de sucessão:

---

<sup>23</sup> “Ao longo de gerações, a regra de hereditariedade masculina estava inscrita, não em lei, mas em fatos. Apesar disso o reino continuava sendo considerado um bem como os outros, transmissível a uma filha caso necessário.” (Tradução nossa)

**Figura 3:** Linha de sucessão à coroa francesa (séculos XIV e XV)

Fonte: Allmand (2013, p. 25)

Eduardo III chegou a prestar juramento ao novo rei, porém, para assegurar os seus interesses no continente, mais especificamente falando, o território da Guiana<sup>24</sup>, a Inglaterra declarou guerra à França. Os conflitos duraram mais de cem anos tendo seu fim apenas em meados do século seguinte, em 1453. Durante este período a França teve mais do que os ingleses a temer (em se tratando especialmente das batalhas de Crecy, em 1346, e Poitiers, em 1356<sup>25</sup>): epidemias de peste, por exemplo, assolaram boa parte da Europa, em especial nos anos de 1347, 1361 e 1374, acentuando ainda mais os índices de mortalidade (CHEDEVILLE, 2004, p. 2).

Assim, pode dizer-se que o século XIV foi marcado por uma sucessão de crises, onde a Guerra do Cem Anos foi o evento mais célebre, não sendo, porém, o único. Contudo, nem só de guerras e crises viveu esse período. Entre os séculos XIII e XIV, os estudos científicos ganharam um novo impulso. Segundo o Wartburg (1971, p. 118), tal

<sup>24</sup> Nome utilizado na Inglaterra para designar a região da Aquitânia.

<sup>25</sup> As batalhas de Crecy e de Poitiers são duas das mais famosas batalhas da Guerra dos Cem Anos. Travadas em solo francês, o exército de Filipe de Valois sofreu graves derrotas perante o exército inglês (CONTAMINE, 2010).

interesse “[...] commence par une renaissance de l’aristotélisme, contemporaine de la fondation de l’Université de Paris”<sup>26</sup>. No século seguinte, houve um significativo aumento no número de novas universidades. Saulnier (1962, p. 97) aponta 18 universidades somente nesse século, estando entre elas as universidades de Angers e Avignon (de 1303), Grenoble (de 1347) e Perpignan (de 1386).

Tais mudanças transformaram os contornos da produção intelectual. É possível afirmar que a literatura do século XIV tem um caráter mais crítico e reflexivo acerca dos acontecimentos da época, quando comparada àquela produzida nos séculos anteriores. A poesia e o romance cortês passaram a dividir o espaço com textos agora voltados para uma crítica social. A comédia e o ar satírico, que, em alguns momentos, apresentavam um tom moralizante, fez-se presente nos *fabliaux*, que tiveram como representantes mais famosos Rutebeuf e Jean d’Arras (WARTBURG,1971; DARCOS,1992).

É o momento também das crônicas históricas, que, diferentemente da literatura praticada até então, passa a ser feita em prosa e não mais em verso (ZINK, 1993, p. 90). Voltadas para um tom mais realista, as crônicas vinham com o intuito de registro dos acontecimentos ocorridos, em um espaço definido, durante um determinado período. Entre os cronistas de expressão francesa da época destacam-se os dois *Jean*: *Jean de Joinville* e *Jean Froissart* (WARTBURG, 1971, p. 119).

O *françoys* da Ilha-de-França se firmava cada vez mais como código linguístico escolhido da região. Dois fatores tiveram grande importância para a difusão do *françoys* enquanto língua do reino: a administração real e o comércio (DUVAL; REY; SIOUFFI, 2011).

Com a nova organização do governo, os funcionários da administração real passaram a percorrer o território para cumprir os decretos e ofícios reais. Para tal tarefa, eles faziam uso da língua da sede de governo, o *françoys* da Ilha-de-França. No que diz respeito às atividades comerciais, essas, cada vez mais, necessitavam de um meio de comunicação que fosse facilmente compreensível independente da região geográfica de origem do falante (DUVAL; REY; SIOUFFI, 2011).

A partir do século XIII, a escrita em língua vernácula se faz mais presente. Os documentos da chancelaria real passaram a ser escritos também em vernáculo, a partir

---

<sup>26</sup> “[...] começa por um renascença do aristotelismo, contemporâneo a fundação da Universidade de Paris.” (Tradução nossa)

de 1254, ainda que o latim tivesse uma influência forte (DUVAL; REY; SIOUFFI, 2011). Na literatura, ganha força o movimento de tradução das obras clássicas latinas, iniciada de forma tímida nos séculos anteriores. As traduções dos textos em latim atuaram como meio intermediário para a inserção das lexias latinas no Francês Médio. Sobre essas, é possível afirmar que nesse período:

[...] il n'y a pas d'hellenisme direct. Ces néologismes sont pour la plupart le fait des traducteurs qui, entre 1350 et 1420 à la Cour de France [...] ont multiplié les transpositions de textes latins et grecs. [...] Les traducteurs justifient l'utilisation des mots nouveaux par l'insuffisance du lexique français pour rendre des réalités antiques, ou pour traduire des termes des domaines philosophique, moral et politique.<sup>27</sup> (MARCHELLO-NIZZIA, 1979, p.358-359)

E se antes, no Francês Antigo, essa inserção possuía uma forte relação com os estudos bíblicos e com a religião, nos séculos XIV e XV os neologismos terão relação com a ciência. Tal situação se deu, entre outros motivos, por conta da volta aos estudos relacionados à Antiguidade Clássica, em especial as fontes aristotélicas (MARCHELLO-NIZZIA, 1979, p. 361; WARTBURG, 1971, p.149).

Este *françoys* dos séculos XIII ao XVI já não é mais o mesmo dos séculos anteriores. Ao mesmo tempo em que influenciava a literatura e, por assim dizer, a cultura e sociedade do seu tempo, também era influenciado pelas transformações sociais e culturais existentes. O léxico foi um elemento de grande importância na passagem do Francês Antigo para o Francês Médio em especial “[...] à partir du milieu du XIV<sup>e</sup> où des nombreux néologismes formés à partir du latin sont attestés et où le lexique paraît plus proche du français moderne”<sup>28</sup> (DUCOS; SOUTET, 2012, cap. 4, p. 8).

O trânsito de pessoas, motivado, entre outros fatores, pela necessidade comercial possibilitou uma série de trocas linguísticas. As línguas faladas na zona d’*oc* (occitano) e do Franco-Provençal também contribuíram para a formação do Francês Antigo. Os conflitos militares durante a Guerra dos Cem Anos também desempenharam um papel importante, visto que nessa época “[...] le va-et-vient des troupes a facilité les échanges

<sup>27</sup> “[...] não existe helenismo direto. Estes neologismos são na maior parte o feito dos tradutores que, entre 1350 e 1420 na Corte de França [...], multiplicaram as transposições dos textos latinos e gregos [...]. Os tradutores justificam a utilização das palavras novas devido à insuficiência do léxico francês para dar conta das realidades antigas, ou para traduzir termos dos domínios filosófico, moral e político.” (Tradução nossa)

<sup>28</sup> “[...] à partir da metade do século XIV quando inúmeros neologismos formados a partir do latim são atestados e quando o léxico parece mais próximo do francês moderno [...].” (Tradução nossa)

lexicaux [...]. Le déplacement de troupes provoque le déplacement de mots”<sup>29</sup>(DUVAL; REY; SIOUFFI, 2011, cap. 4, p. 31).

A língua italiana, também em expansão e com uma literatura já importante na época, foi também outra das principais fontes de empréstimos lexicais. A Península Itálica foi um dos grandes centros financeiros da Europa, estando os seus banqueiros espalhados por boa parte do continente. Além dos aspectos econômicos, os habitantes da península também eram conhecidos por seus conhecimentos militares e de navegação. (MARCHELLO-NIZZIA, 1979, p. 363).

## 2.2 A LÍNGUA FRANCESA NA INGLATERRA

Como visto até aqui, a língua francesa foi uma língua de cultura durante a Idade Média, sendo empregada em diversas áreas, desde a literatura à diplomacia. Essa língua foi levada a boa parte da Europa, passando por países como Portugal, Itália, Alemanha e Grécia. Entretanto, é possível afirmar que em nenhum desses países a influência (e as trocas) foram tão fortes quanto na Inglaterra.

É importante lembrar que as relações entre os dois países nem sempre foram turbulentas como ressaltam muitas narrativas do imaginário popular. Ao longo de três séculos, a relação, entre ambos os territórios, podia ser considerada como amistosa. Se fosse possível estabelecer uma data para o início de tal relacionamento entre os dois territórios, essa seria 1066, momento da vitória e ascensão de Guilherme I<sup>30</sup> ao trono anglo-saxão (WARTBURG, 1971, p. 88; WALTER, 2009a, p. 15). Esse rei, normando de nascimento, levou para a Inglaterra grande número de pessoas da sua antiga corte, falantes do normando, um dos dialetos do Francês Antigo. Tal fato fez com que no ano de 1072 somente um em cada oito nobres fosse pertencente à antiga linhagem anglo-saxã. Duval, Rey e Siouffi (2011, cap. 4, p. 49) afirmam que “[...] en 1086, année de

---

<sup>29</sup> “[...] o vai e vem das tropas facilitou as trocas lexicais [...]. O deslocamento das tropas provoca o deslocamento de palavras.” (Tradução nossa)

<sup>30</sup> Antes de ser coroado como rei inglês, Guilherme I foi duque da Normandia (WALTER, 2009a).

rédação du *Domesday Book*, un précieux document cadastral, seul 8% du pays restaient aux mains de l'aristocratie d'origine anglo-saxonne”<sup>31</sup>.

Em pouco tempo, aquela nova língua, trazida por aqueles que vieram do continente, tornar-se-ia a língua da corte anglo-saxã, vindo a ser empregada não somente pela nobreza, mas também para as questões relativas à administração, ao ensino, à religião e à justiça. A língua nativa, por assim dizer, o anglo-saxão, seria empregada pela população rural, que, apesar de ser maioria para a época, não possuía um real prestígio.

Durante os três séculos essa relação seria firmada através dos casamentos entre reis ingleses e rainhas de origem francesa. Do século XII, com o enlace entre Leonor de Aquitânia e Henrique II (1152), até Henrique IV e Margarida de Anjou (1445), todas as rainhas inglesas eram provenientes da zona *d'oïl* (WALTER, 2009a). Tais contatos com o continente resultaram no que se conhece como sendo o anglo-normando, a variante do francês falada no espaço insular.

Devido a tais influências, a Inglaterra foi o primeiro país a produzir material de ensino de francês como língua estrangeira, visto que essa língua era fundamental dentro do processo de ensino. Assim, em meados do século XII, de autoria de Walter of Bibbesworth, foi publicada a primeira obra voltada para o ensino de francês. É também inglês o primeiro dicionário de francês. Realizado de maneira bilíngue, em inglês e em francês, o *Lesclarcissement de la langue françoysse* foi também a primeira tentativa de elaboração de uma gramática francesa (WALTER, 2009a).

Contudo, não se pode dizer que a sociedade em seu todo fosse bilíngue. Em algumas cidades de forte comércio, era provável haver uma situação de bilinguismo<sup>32</sup>. Apesar de o francês ser uma língua bastante difundida, essa só era acessível a uma parcela da população, em geral, aquela que se concentrava nas cidades. No campo, onde a agricultura também fazia movimentar a economia, poucos eram os casos de pessoas fluentes nos dois idiomas, sendo necessária, muitas vezes, a presença de um intérprete para intermediar os contatos entre os senhores e os seus trabalhadores (DUVAL; REY; SIOUFFI, 2011).

---

<sup>31</sup> “[...] em 1086, ano de redação do *Domesday Book*, um precioso documento cadastral, somente 8% do país continuava nas mãos da aristocracia de origem anglo-saxã.” (Tradução nossa)

<sup>32</sup> É possível afirmar que na zona urbana, e especialmente na corte, da Inglaterra entre os séculos XI e XV, tinha-se um caso de bilíngüismo com diglossia (cf. nota 12), onde o francês era a língua de maior força e status no que dizia respeito às questões políticas e sociais.

O *status* da língua francesa em solo inglês começa a mudar no século XIII, com o confisco do ducado da Normandia pelo rei francês Filipe Augusto. A elite dominante vai aos poucos se desligando do continente. Em 1258, um texto escrito pelo rei Henrique III foi redigido tanto em francês quanto em inglês (MARCHELLO-NIZZIA, 1979), mostrando que aos poucos a língua inglesa ia trilhando um caminho próprio.

A queda da influência francesa ganhou impulso no século seguinte com o início da Guerra dos Cem Anos. O francês continuou a ser ensinado nas escolas, porém, a partir da segunda metade do século XIV, passou a conviver com o ensino da língua inglesa, antes ausente nas salas de aula. Em 1363, ocorreu a primeira sessão do Parlamento com uso da língua inglesa. Um fato curioso é que em meio a essa queda de influência da língua francesa em terras inglesas, a corte teve de esperar até o final do século XIV, com Henrique IV, para ter o seu primeiro rei falante de inglês como língua materna (MARCHELLO-NIZZIA, 1979, p. 35-37).

O final da Guerra dos Cem Anos marcou o início de um novo espaço linguístico. Tanto o francês quanto inglês se firmaram cada vez mais em seus respectivos territórios. Ainda assim, no que diz respeito à Inglaterra, os conhecimentos em língua francesa ainda se faziam necessários, visto que, no que concerne ao Direito, por exemplo, as leis francesas ainda eram a base, sendo utilizadas até o início do século XVIII (WALTER, 2009a).

### 3 O UNIVERSO DE JEAN FROISSART: CRÔNICAS HISTÓRICAS

Como se sabe, o ato de se contar histórias é bastante antigo. Com o surgimento da escrita, tal ato passou a ter características e suportes variados conforme o período em que foi realizado. Uma das formas mais antigas de se contar e registrar os fatos históricos são as crônicas. Na Grécia antiga, esse gênero textual tinha como proposta a narração, de forma resumida, dos principais eventos históricos universais, sem seguir necessariamente uma ordem cronológica (ARON; SAINT-JACQUES; VIALA, 2002).

A partir da Idade Média, a cronologia dos fatos passa a ser uma das principais características do gênero. Saulnier (1962, p. 93) afirma que nesse período era possível conceber a escrita das crônicas sob três tipos: as *crônicas orientais*, dedicadas às narrativas da História do Oriente; as *crônicas romanescas*, nas quais eventos históricos eram mesclados com eventos fictícios, para proporcionar uma diversão, não necessariamente, seguindo a veracidade dos fatos; e, por fim, as *crônicas nacionais*, que tinham por objetivo o narrar a História de um determinado território, seguindo uma ordem cronológica dos acontecimentos.

As primeiras crônicas do território francês foram escritas em latim e sob a forma de versos. Em 1250, na abadia de Saint-Denis, têm-se as *Grandes Crônicas da França*, traduzidas posteriormente para a língua vernácula entre 1274 e 1350 (ZINK, 1993). A tradução desta crônica foi o ponto de partida para a escrita (e traduções) das demais crônicas em língua francesa. Apesar da existência das crônicas em prosa desde o início do século XIII, a escrita em verso perdurou até meados do século seguinte.

De uma forma geral, até o século XIII, as crônicas apresentavam os relatos em primeira pessoa de eventos testemunhados pelo próprio autor, possuindo assim um forte caráter memorialista (PAYEN, 1997; ZINK, 1993). Como exemplo, têm-se as crônicas escritas por Geoffroi de Villehardouin (1150-1213), narrando os eventos por ele vividos durante a Quarta Cruzada; outro exemplo é o de Jean Joinville (1224-1317). Senescal residente na Champanha, Joinville participou da Cruzada de 1248 ao lado do rei Luis IX, sobre quem escreveu *Le livre des saintes paroles et des bons faits de notre saint roi Louis*<sup>33</sup>. A obra se divide em duas partes, cuja primeira se dedica ao testemunho pessoal

---

<sup>33</sup> Obra feita sob encomenda de Joana de Navarra, rainha da França de 1274 a 1305 (AUBERTIN, 1896).

do autor, referente aos eventos presenciados na Sétima Cruzada, e uma segunda parte na qual narra os eventos ocorridos durante o reinado de Luis IX (AUBERTIN, 1896; PAYEN, 1997).

Um dos primeiros nomes a escrever crônicas em prosa em língua francesa foi Jean le Bel (c.1290-1370) (GANSHOF; TYL-LABORY,1992, p. 800-801), cônego nascido na cidade de Liège, que nas *Vrayes chroniques* narrou a primeira parte da Guerra dos Cem Anos. Le Bel condenava o uso dos versos para a escrita das crônicas. Zink (1998) indica que esse autor:

[...] avait condamné avec vivacité les chroniques en vers, accusés de mensonge, d'une part parce que les contraintes du mètre et de la rime poussent à l'enjolivement [...], d' autre part parce que la manière littéraire propre à la narration em vers pousse à l'exagération si bien que les exploits réels n' en paraissent plus crédibles (ZINK, 1998, p. 33)<sup>34</sup>.

Na esteira das histórias nacionais, uma das temáticas mais abordadas nas crônicas era a guerra, visto que este tema possui uma margem bastante ampla de assuntos a serem contemplados, como o perfil das sociedades envolvidas, as questões culturais, econômicas e políticas. Dando sequência às narrativas sobre a Guerra dos Cem Anos, tem-se Jean Froissart que entre 1370 e 1400 cobriu, nas suas *Chroniques*, quase um século de história.

### 3.1 O CRONISTA JEAN FROISSART

Mas quem foi o cronista Jean Froissart? Quase desconhecido no século XXI, Jean Froissart foi, ao longo de sua vida, um escritor de produção textual diversificada. Entre os seus textos, são as suas *Chroniques*, obra extensa, em quatro livros, que o tornaram um dos grandes nomes da crônica em língua francesa. Sua data de nascimento não é precisa. Segundo alguns estudiosos, Froissart teria nascido entre os anos 1333 e 1337. Sua cidade-natal, Valenciennes, era a capital do condado de Hainaut, um território situado na zona d'*oïl*, mas que até então estava fora do domínio real. As informações

---

<sup>34</sup> “[...] condenara com vivacidade as crônicas em verso, acusadas de não serem verdadeiras, de uma parte porque as exigências do metro e da rima levam ao embelezamento[...], por outro lado, porque a forma literária própria da narrativa em verso leva ao exagero, ainda que os fatos reais não mais pareçam acreditar nisso.” (Tradução nossa)

sobre sua família e origem são imprecisas. Especula-se que Froissart vinha de uma família de comerciantes (ZINK, 1998), porém, a carência de mais dados sobre o seu histórico familiar faz com que a informação não possa ser tomada como definitiva.

Durante a sua juventude, Froissart iniciou-se na vida religiosa, vindo a se tornar cônego, profissão que, no futuro, seria uma de suas fontes de renda (HARDT, 1999; ZINK, 1998). Em 1361, parte para a Inglaterra, onde integrou a corte da sua conterrânea, a rainha Filipa, esposa do rei Eduardo III. Neste período Froissart atuava como “un des clerics, une sorte de secrétaire [...], d’après son propre témoignage, cajolé et fêté, chargé d’écrire des poèmes pour les divertissements de la cour”<sup>35</sup> (ZINK, 1998, p.7). Como frequentador da corte, Froissart teve acesso a inúmeros testemunhos e informações acerca dos conflitos entre França e Inglaterra e, que, posteriormente, viriam a ser utilizados como material para as suas crônicas.

Ainda como secretário da rainha Filipa, Froissart realizou diversas viagens, dentro e fora da Inglaterra, tendo, então, a oportunidade de visitar a corte do rei David Bruce, em 1365, na Escócia; a corte de Jeanne e Wenceslas de Brabant, em 1366, em Bruxelas; entre 1366 e 1367 atuou como cronista oficial da corte de Eduardo Plantageneta, o Príncipe Negro, em Bordeaux; e em 1369 percorreu a Itália, passando por Milão, Bolonha e Roma (AINSWORTH; VARVARO, 2004; ZINK 1998).

Com a morte da rainha Filipa em 1369, Froissart deixou a Inglaterra e retornou à Valenciennes, onde residiu até o final de sua vida. Durante um período inicial, Froissart supostamente se dedicou a atividades comerciais, porém, tal exercício profissional não foi bem-sucedido. Com o posterior apoio de alguns nobres, Froissart voltou a escrever, fazendo com que os anos após o retorno a Valenciennes tenham sido de grande produtividade literária (ZINK, 1998). Entre 1369 e 1380, além da primeira redação do primeiro livro das *Chroniques*, essa encomendada por Robert de Namur, cunhado da rainha Filipa, Froissart teve também uma grande produção poética, sendo desse período os textos intitulados *L’Espinnette Amoureuse*, *Prison amoureuse* e *Joli Buisson de Jeunesse*. No final da década de 1370 e início dos anos 1380, Froissart, além de prosseguir com a escrita das *Chroniques*, também finaliza a sua novela de cavalaria intitulada *Meliador*.

---

<sup>35</sup> “[...] um dos clérigos, uma espécie de secretário [...], segundo seu próprio testemunho, bajulado e festejado, encarregado de escrever poemas para a diversão na corte.” (Tradução nossa)

Sob a tutela de Guy de Blois, nobre também nascido no condado de Hainaut, Froissart passou os anos 1380 em diversas viagens, incluindo passagens por Paris e região de Flandres, sempre coletando material para as suas crônicas. Tendo finalizado o Livro II, por volta de 1387, dá início à escrita do Livro III. A década seguinte foi marcada pelo seu retorno à Inglaterra, no ano de 1395. De volta ao continente, Froissart deu início à escrita do quarto e último livro das *Chroniques*, que narra os eventos ocorridos durante a sua viagem. Esse quarto livro, porém, não tem um final conclusivo. A esse propósito, Zink (1998) afirma que:

Ce livre IV s'arrête assez brusquement en 1400, après la déposition et le meurtre de Richard II. Toutefois, une allusion est faite à la mort du duc Aubert de Bavière en 1404. Peut-être Froissart est-il mort en 1400, et la notation sur la mort d'Aubert de Bavière est-elle une interpolation. N'a-t-il pas plutôt, [...], volontairement arrêté la rédaction de son grand oeuvre sur les événements de cette année là? Quoi qu'il en soit, le chroniqueur a fini par si bien se confondre avec sa chronique que nous perdons sa trace du jour où il l'interrompt (ZINK, 1998, p. 13-14)<sup>36</sup>.

### 3.1.1 A guerra no século XIV: estruturas do conflito

Os conflitos bélicos foram, durante o período medieval, uma das temáticas mais presentes nas crônicas históricas. A guerra estava presente no cotidiano do homem medieval sendo considerada “[...] pour cette époque et dans cet espace, une des composantes majeures de la vie”<sup>37</sup> (CONTAMINE, 2004, *Avant-Propos*, p. 1). De modo geral, um sistema militar existe para combater um ou mais adversários e para defender o grupo no qual se encontra inserido. No que diz respeito à concepção de guerra na Idade Média, Gonçalves (2007) assinala que:

A concepção ideológica da guerra no medievo ocidental está fundamentada, a priori, na herança greco-romana e na cultura judaico-cristã, acrescentando a esses uma multiplicidade de valores absorvidos das sociedades de tradição germânica, nórdica, judaica, bizantina [...] (GONÇALVES, 2007, p. 21).

<sup>36</sup> “Este livro IV termina de forma bastante brusca em 1400, após a deposição e o assassinato de Ricardo II. Todavia, faz-se uma alusão à morte do duque Aubert da Baviera em 1404. Talvez, Froissart já estivesse morto em 1400 e a anotação sobre a morte de Aubert da Baviera seja uma interpolação. Teria ele, de antemão, [...], voluntariamente, parado a redação de sua maior obra sobre os acontecimentos deste ano? Qualquer que tenha sido a situação, o cronista acabou por tão bem confundir-se com a sua crônica que nós perdemos seu caminho desde o dia em que ele a interrompeu.” (Tradução nossa)

<sup>37</sup> “[...] para esta época e neste espaço, um dos maiores componentes da vida.” (Tradução nossa)

Ao longo da leitura do texto de Froissart, é possível notar que esse fazer a guerra agregava consigo uma série de códigos, que se eram vistos nas roupas utilizadas pelos combatentes, nos meios de transporte por eles utilizados, na bandeira a qual serviam. E como forma de treinar os futuros combatentes, torneios diversos eram realizados de modo a incutir no cavaleiro os ideais pelos quais esse lutaria posteriormente.

Como já mencionado, foram as questões dinásticas relacionadas às monarquias francesa e inglesa que motivaram a Guerra dos Cem Anos. Apesar de essa ser, em geral, a justificativa mais comumente apresentada, outras questões exerceram também grande influência. A Guerra dos Cem Anos “[...] est plus qu’une guerre, c’est une mutation de civilisation, qui marque le passage de la chrétienté féodale à l’Europe des nations, à travers de la prise de conscience de l’identité nationale de la France et de l’Angleterre<sup>38</sup> (MINOIS, 2010, *Avant-propos*, p. 5-6). Dessa forma, é possível afirmar que mais do que as questões dinásticas, a Guerra dos Cem Anos tem como ponto central a crise do sistema feudal e todo o processo de transformações durante período.

No que concerne ao grande conflito bélico do século XIV, alguns fatos se fazem, aos olhos do leitor do século XXI, bastante interessantes. O monarca, por exemplo, tinha total controle sobre as atividades ligadas às questões bélicas. Contamine (2004) afirma que antes da declaração de guerra à Inglaterra, em 1337, Filipe de Valois já havia proibido, por decreto, a existência de conflitos internos, assim como a realização de viagens longas (motivadas ou não por questões bélicas) sem prévia autorização.

Inicialmente, o conflito travado entre os reinos de Filipe de Valois e Eduardo III era visto pela população como uma guerra da nobreza, uma questão não necessariamente ligada às necessidades do povo. Foi papel da Igreja, utilizando-se dos seus párocos e de suas pregações, difundir o caráter nacionalista do conflito, levando ao grande público os motivos para tal embate e as possíveis consequências que uma vitória inglesa poderia acarretar no continente. Esse fator foi crucial no desenrolar do conflito, visto que ao final, além das transformações territoriais, houve também as transformações no que concerne à criação de uma identidade nacional (CONTAMINE, 2004).

Outro campo que apresenta informações sobre o período é a economia. Ainda de acordo com Contamine (2004), no comércio, os produtos que eram de interesse militar

---

<sup>38</sup> “[...] é mais do que uma guerra, é uma mudança de civilização, que marca a passagem da cristandade feudal para a Europa das nações, através da tomada de consciência da identidade nacional da França e da Inglaterra.” (Tradução nossa)

estavam impedidos de serem negociados com o adversário. E com o continente ameaçado, Contamine (2004) assinala também um aumento significativo na construção militar. Visando à proteção das cidades, foram erguidas edificações diversas em larga escala. Tais construções, muitas vezes, eram realizadas por parte dos próprios cidadãos. Era também tarefa dos cidadãos ceder, de forma voluntária, provisões para os combatentes franceses e aliados, o que, em alguns casos, levou a protestos por parte da população.

A organização militar estava diretamente ligada a uma hierarquia, da qual o rei era a maior autoridade. O comando das tropas partia das ordens do rei, mesmo quando esse não se encontrava no local. Para que tal sistema funcionasse, o monarca possuía um representante para cada região de seu território, os *grands seigneurs*. Esse grupo de caráter regional, era marcado pelas *batailles*, uma reunião de combatentes enviada para viagens de curta duração. Ainda no grupo de *grands seigneurs* havia também as chamadas *montres* formadas por agentes que organizavam as ações impostas pelo rei. O chefe de uma *montre* era eleito por prestígio social, exercendo também o papel de tesoureiro de guerra (CONTAMINE, 2004, p. 18-32).

Os exércitos eram compostos basicamente por dois grandes grupos: aqueles que combatiam a pé e os que combatiam a cavalo. No que diz respeito às armas, a madeira e o ferro eram as principais matérias-primas, utilizadas para a fabricação de lanças, espadas escudos etc. (LE GOFF, 2008). O *arco*, especialidade do exército inglês, que pode ser feito tanto em metal quanto em madeira, foi uma das grandes armas da época, assim como a *besta* (ALLMAND, 2013; CANBY, 1965).

Vê-se, então, que, assim como no presente, ir à guerra necessitava toda uma organização. Assim como em uma apresentação teatral, todos os comandos estão interligados e os passos são dados a partir de orientações prévias. A tecnologia era (e ainda é) outro fator relacionado ao ato da guerra. A produção do *canhão*, criado durante a Guerra dos Cem Anos, pode ser considerada um dos exemplos de evolução tecnológica fundamental para os combates, visto que anteriormente a ele, a *bombarda*, maior e mais pesada, possuía um alcance menor.

Assim, ao narrar sobre os eventos relativos à Guerra dos Cem Anos, Froissart mostra uma parte da engrenagem do maquinário de guerra, da mesma forma que apresenta um ponto de vista sobre a sociedade na qual se encontrava.

### 3.2 AS *CHRONIQUES* – PARTE 1: CARACTERÍSTICAS DO LIVRO E DA EDIÇÃO DE SIMÉON LUCE

Na introdução de *Une brève histoire de la littérature française*, Viala (2014) escreve que:

Ce que l'on cherche dans la littérature, ce sont des réponses à des curiosités et à des envies, ce sont des idées et des images, ce sont aussi des émotions et des plaisirs; plaisir de trouver ou retrouver des histoires ou des réflexions surprenantes ou familières, plaisir des mots, des sons et de rythmes, plaisir des images. De tels plaisirs naissent des rencontres avec des représentations des hommes et du monde, avec des scénarios offerts à notre imaginaire, à notre réflexion et à notre compréhension, que celle-ci passe par la raison, par l'émotion ou par la fantasia. [...] Le plaisir littéraire contient une part commune; elle reside dans un travail de la langue, et aussi dans cette capacité qu'ont certains textes de vivre une temporalité multiple: ils sont certes liés au moment et au lieu de leur production, mais peuvent être lus ou entendus dans d'autres situations, parfois des siècles après en conservant leurs force (VIALA, 2014, *Introduction générale*, p. 1)<sup>39</sup>.

Ao se propor a escrita e o estudo de um texto é importante pensar que ambas as atividades estão cercadas de escolhas e de métodos, que serão tomados de acordo com as necessidades pedidas pelo texto em questão.

Com a obra cronística de Jean Froissart não seria diferente. Ao longo da leitura dos volumes 1 e 2 das *Chroniques*, foi possível notar que sua escrita é bastante descritiva e permeada pelos ideais da cavalaria. Ao narrar uma cena, seja de uma conversa entre integrantes da nobreza, seja de um combate ou seja a descrição de um dado espaço geográfico, Froissart constrói sua narrativa de forma que ao leitor é possível perceber claramente o que vem a ser contado, assim como é possível que esse leitor também se veja como um personagem. Contudo, a narrativa de Froissart não pode ser considerada como um fato conclusivo da realidade, mas sim como uma perspectiva dos acontecimentos, um ponto de vista dentre tantos outros existentes.

---

<sup>39</sup> “O que se procura na literatura são respostas às curiosidades e aos desejos, são ideias e imagens, são também emoções e prazeres; prazer de encontrar ou reencontrar histórias ou reflexões surpreendentes ou familiares, prazer das palavras, dos sons e de ritmos, prazer das imagens. Tais prazeres nascem dos encontros com representações dos homens e do mundo, com cenários oferecidos a nosso imaginário, a nossa reflexão e a nossa compreensão que esta passe pela razão, pela emoção ou pela fantasia. [...]. O prazer literário possui uma parte comum; ele reside em um trabalho da língua, e também nessa capacidade que certos textos têm de viver uma temporalidade múltipla: eles são certamente relacionados ao momento e ao lugar de sua produção, mas podem ser lidos ou ouvidos em outras situações, por vezes séculos depois, conservando sua força.” (Tradução nossa)

Uma das principais características, que inclusive diferem as crônicas de Froissart das crônicas escritas por nomes anteriores ao seu, é a narrativa de fatos que ele mesmo não presenciou, valendo-se para tal de testemunhos orais das pessoas que os viveram. Por ser uma figura conhecida na corte, Froissart tinha acesso tanto aos ingleses, vencedores da batalha de Crecy (1346) e de Poitiers (1356), por exemplo, como aos franceses, que, agora prisioneiros de guerra, também se encontravam em solo inglês. Recorrendo novamente a Zink (1998), vê-se que Froissart:

Au cours de voyages destinés à reunir les matériaux des *Chroniques*, il note chaque soir ce qu'il a entendu et appris dans la journée [...]. Plus tard, rentré chez lui, il reprend ces notes, les retravaille et les fonde dans la rédaction définitive de l'ouvrage (ZINK, 1998, p. 30).<sup>40</sup>

Ao longo da leitura, foi possível notar que, ao relatar os fatos ocorridos, Froissart não adotou um tom imparcial. Dessa forma, é possível afirmar que o autor, ao longo da sua escrita, adota um olhar pró-inglês ou pró-francês (LUCE, 1869).

Outra característica interessante a respeito da narrativa de Froissart, que foi notada ao longo da leitura das *Chroniques*, é que o autor não se concentra nos eventos ocorridos em um só espaço. Para mostrar dois acontecimentos ocorridos em um mesmo período, o autor alterna os eventos e personagens. Utilizando pausas, o autor vai de Paris, a Londres e depois ao norte da Inglaterra, mostrando ao leitor o que acontece, em um mesmo tempo, em locais diferentes. Na mudança de local ou de um personagem para o outro, Froissart sempre traz um pouco do que já foi visto. Essa estratégia permite ao leitor uma visão ampla do que é narrado, sem que se perca a cronologia dos eventos, como é possível ver no trecho abaixo:

Vous avés bien oy recorder [...] de le guerre le roy Robert d'Escoce et dou roy d'Engleterre, et comment une triewes furent prises à durer trois ans, là en dedens cilz rois Roberts morut;<sup>41</sup> (CRO, 1, p.103).

Em outra passagem, Froissart diz:

---

<sup>40</sup> “Ao longo das viagens destinadas a reunir os materiais das *Chroniques*, cada noite ele anota o que ouviu e aprendeu durante o dia [...]. Mais tarde, de volta a sua casa, ele retoma essas anotações, as retrabalha e as insere na redação definitiva da obra.” (Tradução nossa)

<sup>41</sup> “Vós haveis bem de recordar [...] da guerra do rei Robert da Escócia e do rei da Inglaterra, e de como uma trégua foi estabelecida para durar três anos, espaço de tempo em que o rei Robert morreu;” (Tradução nossa)

Nous nos tairons un petit à parler dou duc de Normendie et dou conte de Haynau, et parlerons dou roy Edouwart d'Engleterre, qui estoit mis sus mer pour venir et arriver, selonch se intention, en Flandres, et puis venir en Haynau aidier à guerriier le conte, son serourge, contre les François (CRO, 2 p. 34)<sup>42</sup>.

Antes de apresentar as edições das *Chroniques* e de suas características, algo deve ser dito acerca dos personagens existentes na obra. Eles são muitos! Ingleses, escoceses, franceses, flamengos etc. Fosse no campo, na cidade ou na corte, jovens ou idosos, suas aparições sempre acrescentavam algo novo a história. E em meio a tantos personagens, um dos pontos chave das *Chroniques* são as personagens femininas.

Foi possível notar, durante a leitura, que as mulheres em Froissart não só atuavam como protagonistas em cena, como apresentavam um perfil bem definido. A rainha Isabel que depõe o marido e, durante um período de regência, assume o governo da Inglaterra; a rainha Filipa que sempre acompanhava Eduardo III, influenciando em algumas decisões importantes; a condessa Jeanne de Monfort que lutou junto aos seus pela defesa da Bretanha... Descritas sempre como mulheres fortes e de grande coragem, essas personagens deixaram a sua marca na obra. Coincidentemente, as três damas citadas têm suas origens no território *d'oïl*. Se tivesse chegado aos anos 1420, uma outra jovem, certamente, faria parte desta lista. Afinal, não se pode falar em Guerra dos Cem Anos sem falar sobre Joana D'Arc.

### 3.2.1 O livro impresso e o trabalho editorial

Para dar início a esta subseção, faz-se necessário lembrar o conceito de obra tomado por Cambraia (2005). Segundo esse autor:

Chama-se aqui de obra qualquer produto de engenho humano, com finalidade pragmática ou artística. Dentre os tipos possíveis de obra, interessa aqui o texto, obra fundada na linguagem verbal, podendo existir sob a forma sonora (texto oral) e/ou gráfica (texto escrito) (CAMBRAIA, 2005, p. 63).

---

<sup>42</sup> “Nós nos silenciaremos, por um momento, de falar do duque da Normandia e do conde de Hainaut, e falaremos do rei Eduardo da Inglaterra, que estava ao mar para vir e chegar, segundo sua intenção, a Flandres, e seguir para Hainaut para ajudar o conde, seu cunhado, a guerrear contra os franceses.” (Tradução nossa)

Ao tratar das *Chroniques*, tem-se, então, um trabalho voltado para um texto escrito. Esse texto pode se apresentar tanto na forma manuscrita — para o qual são utilizados materiais de escrita como a pena, por exemplo —, quanto em formato impresso — produzido através de um sistema mecânico de impressão e que recebe o nome de edição (CAMBRAIA, 2005). Ambos os formatos possuem características próprias que as diferenciam uma da outra.

Sabe-se que, ao longo dos séculos, as *Chroniques* de Jean Froissart se tornaram célebres, sendo bastante conhecidas tanto na França quanto na Inglaterra, difundidas a partir de cópias manuscritas e, posteriormente, com o advento da imprensa, a partir da publicação de variadas edições da obra. O século XIX contou com duas edições do primeiro livro de crônicas, ambas editadas em quatro volumes: a edição de Jean Alexandre Buchon e a edição de Kervyn de Lettenhove (PICOCHÉ, 2006). Em 1869, com a edição de Siméon Luce, a *Société de l'Histoire de France* deu início a sua edição do primeiro livro das *Chroniques*.

Pela *Société de l'Histoire de France*, foram editados os três primeiros livros de crônicas, estando esses divididos em 15 volumes seguindo a ordem cronológica dos eventos históricos narrados. Tais edições tiveram como editores Simeon Luce (entre 1869 e 1888), Gaston Raynaud (entre 1888 e 1899) e a dupla Léon Mirot e Albert Mirot (entre 1931 e 1975) (SOCIÉTÉ DE L'HISTOIRE DE FRANCE, s.d.).

Lembra Zink (1998) que, devido a sua extensão, ainda não há, até o presente momento, uma edição crítica para tal texto. No entanto é possível indicar que a edição da *Société de l'Histoire de France* como sendo uma edição erudita. Tais edições tratavam de “reduzir a subjetividade do editor na escolha das boas lições e de por em ação um processo quase mecânico de reconstrução do original.” (CERQUIGLINI, 1989 apud ELIA, 1995)

Os onze primeiros volumes dessa coleção encontram-se disponíveis digitalizados, de acesso gratuito no site da Biblioteca Nacional da França, através do seguinte endereço eletrônico: <<http://gallica.bnf.fr/>>. O quarto livro de crônicas só veio a ter uma edição publicada em 2004, a partir do trabalho realizado por Peter Ainsworth e Alberto Varvaro, na coleção *Lettres Gothiques* (AINSWORTH; VARVARO, 2004).

Outra edição do primeiro livro de crônicas foi feita por George T. Diller, em 1972 (PICOCHÉ, 2006). Essa tem por base os manuscritos de Roma e de Amiens, porém o acesso a essa edição é bem restrito visto que, além de estar fora de catálogo impresso, também não está disponível em formato digital.

### 3.2.2 O primeiro livro das *Chroniques*: critérios do editor em 1869

Ao se propor um trabalho com o léxico é indispensável o diálogo realizado entre Linguística Histórica e Filologia. Sabe-se que cada uma dessas duas áreas de conhecimento possui objetivos próprios, sejam esses respectivamente o estudo das mudanças presentes na língua (no que diz respeito à fonética, ao léxico, à semântica, à morfologia e à sintaxe) ao longo da sua história (SILVA, 2008), ou, o estudo acerca da linguagem do ser humano e dos textos que a empregam (TELLES, 2000).

Não se pode considerar a Filologia e a Linguística Histórica como áreas isoladas. Para que seja possível se fazer um bom estudo linguístico é necessário que se tenha uma boa edição de texto. Da mesma forma que, ao se propor uma edição, é necessário que se tenha um bom conhecimento acerca da língua presente no texto (TELLES, 2000).

Do primeiro livro das *Chroniques*, o mais extenso dos quatro livros escritos por Froissart, são conhecidas três redações. Cada uma delas apresenta características e peculiaridades próprias que as diferencia umas das outras. As datações para as três redações não são precisas. A primeira redação, conhecida como o manuscrito de Paris, está alocada na Biblioteca Nacional da França (mss. fr. 6477–6479) e possivelmente foi escrita entre os anos de 1369 e 1373 (LUCÉ, 1869; ZINK, 1998). Na Figura 4, tem-se a reprodução de um dos fólios do manuscrito de Paris.



Após o seu retorno ao continente, através de um pedido de Robert de Namur, Froissart teria resgatado estes primeiros textos em versos que serviriam de base para a primeira versão do primeiro livro das *Chroniques* (ZINK, 1998).

Assim, esses versos foram transformados em prosa, aos quais foram somados, além da reescrita de Froissart, trechos copiados da obra de Jean le Bel. Tal ato de copiar representava respeito e admiração para com aquele que foi o seu modelo (LUCÉ, 1869; ZINK, 1998). Os fatos narrados nessa primeira redação vão desde o reinado e declínio do governo de Eduardo II, em 1314, até a conquista da cidade de Ardres em 1367.

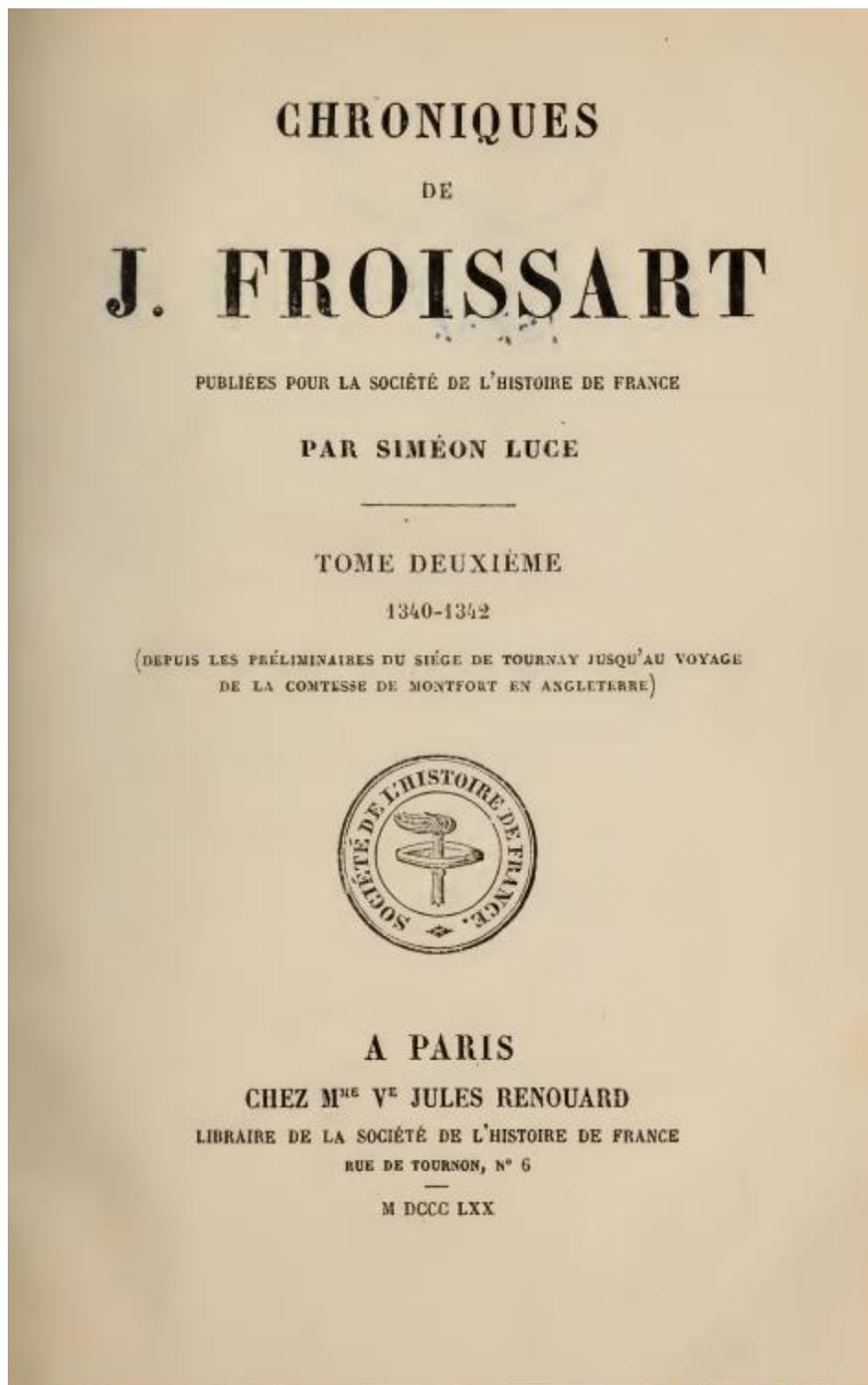
A segunda redação, conhecida como o manuscrito de Amiens-Valenciennes, está alocada na biblioteca da cidade de Amiens. Escrita provavelmente entre 1377 e 1378, essa redação apresenta apenas uma parte do texto da primeira redação, finalizando no ano de 1346, após a batalha de Crecy.

Uma terceira redação, conhecida como o manuscrito de Roma, acha-se na biblioteca do Vaticano. As principais características dessa terceira redação, segundo Luce (1869) são: a) na escrita, o texto compreende cerca de um terço do que foi registrado na primeira redação, sendo encerrada ao final do reinado de Filipe de Valois, em 1350; b) um tom pró-Inglaterra, visto na primeira redação, é revertido para a França, fruto das experiências vividas em sua última viagem à Inglaterra, em 1395.

A edição da *Société de l'Histoire de France* toma por base o manuscrito de Paris. Tal escolha, segundo Luce (1869), deu-se tendo em vista que esse manuscrito apresenta um texto mais completo, vindo a abranger eventos não relatados nos manuscritos de Amiens-Valenciennes, nem no manuscrito de Roma.

Enquanto editor das *Chroniques*, Siméon Luce foi o responsável pela edição do primeiro livro de crônicas, que em sua edição se apresentou dividida em oito volumes. Os volumes 1 e 2, que fazem parte do *corpus* deste trabalho, narram os primeiros conflitos da disputa travada entre França e Inglaterra, tendo seu início por volta de 1314 e indo até os eventos de 1342. Os dois volumes encontram-se em bom estado de conservação. Não foram encontrados danos (perfurações ou corrosões) que dificultassem ou impossibilitassem a leitura. Na figura abaixo, tem-se a folha de rosto do volume 2 da edição de Siméon Luce:

**Figura 5 :** Folha de rosto do volume 2 das *Chroniques*, edição de Siméon Luce



**Fonte:** Froissart (1870)

O volume 1 da edição de Siméon Luce (FROISSART, 1869) é dividido em duas partes: a primeira parte tem início com uma introdução ao texto das *Chroniques*, na qual o editor traça o perfil dos manuscritos de Paris, Amiens-Valeciennes e Roma, de Jean Froissart e de sua obra, assim como explica as suas escolhas e os critérios tomados enquanto editor. Ao final da introdução é apresentado um sumário contendo um breve

resumo dos eventos narrados no volume. Ao total, esta primeira parte apresenta 265 páginas, numeradas em algarismos romanos.

As *Chroniques* serão iniciadas na segunda parte da obra. O texto se divide em 33 capítulos, perfazendo um total de 205 páginas, numeradas em algarismos arábicos. Entre as páginas 207 e 500, inicia-se a apresentação das variantes do texto (manuscritos de Amiens e Roma). Ao final desse volume, constam um adendo (p. 501), uma errata (p. 503) e um índice (p. 505-508).

No que concerne ao volume 2, esse também apresenta um breve resumo dos eventos narrados feito pelo editor. A paginação é feita, aqui, através dos algarismos romanos. O texto das *Chroniques* se encontra entre as páginas 01-181 (aqui agora já utilizando a numeração indo-arábica). Ao final do volume, constam também as variantes dos manuscritos de Amiens e Roma (p. 183-417), uma errata (p. 418) e um índice (p. 419-420)

Enquanto editor, Luce (1869, p. 99) afirma que “L’orthographe du texte comme des variantes est la reproduction fidèle des manuscrits”<sup>43</sup>. Dessa forma, o editor busca manter o texto de Froissart, coma sua língua do século XIV. O francês apresentado por Froissart é bastante influenciado pelas formas do dialeto natural do autor, o valão. Sobre essa presença de diversidade linguística, o editor afirma que o apagamento dessa diversidade transforma essa língua em algo artificial, perdendo assim o seu caráter real e histórico.

A pontuação, de modo geral, foi mantida como no original. Contudo, o editor assinala que em casos em que havia longos períodos interligados pela conjunção *et*, essa foi substituída pelo uso do ponto e vírgula (;) visando, assim, a uma melhor leitura e compreensão do texto por parte do seu público leitor.

### 3.3. AS *CHRONIQUES* – PARTE 2: OS EVENTOS NARRADOS POR JEAN FROISSART

Ler as *Chroniques* de Jean Froissart é deparar-se com várias histórias em uma só, descobrir nomes, personagens, espaços diversos que vão das florestas da Escócia à

---

<sup>43</sup> “A ortografia dos textos, assim como a das variantes, é a reprodução fiel dos manuscritos.” (Tradução nossa)

corte em Paris. É adentrar por castelos de nobres e casas de fazenda descobrindo os móveis, os utensílios utilizados, fosse para o preparo de alimentos ou para o momento de combate.

A temática que norteia as *Chroniques* é, como já foi dito anteriormente, a guerra, com todas as suas armas, códigos e hierarquias. Ao tratar dessa guerra, que perdurou por mais de cem anos e que envolveu boa parte do continente europeu, Froissart trata tanto da morte quanto da vida. Morte de um sistema econômico, o feudal; dos ideais heróicos, tão narrados nos poemas e novelas de cavalaria; mortes físicas dos inúmeros personagens, que célebres ou não, fizeram parte desse capítulo da História. Mas, ao mesmo tempo, trata também de vida, a vida e a necessidade de sobrevivência e a transformação de toda uma sociedade.

### 3.3.1 As *Chroniques* – volume 1

Logo no Prólogo das *Chroniques*, Froissart adverte o seu leitor que as suas crônicas irão narrar os grandes feitos realizados durante as grandes guerras entre França e Inglaterra e reinos vizinhos, seguindo o mesmo caminho já trilhado por Jean le Bel, alguns anos antes. A declaração oficial do conflito só se deu em 1337, porém, os anos anteriores já apresentavam conflitos menores, uma espécie de ensaio para o que estava por vir.

Coroadado em 1307, Eduardo II é apresentado por Froissart, durante os anos de seu reinado, como um rei indolente, que era facilmente manipulado por alguns dos seus conselheiros da corte, em especial por Hugo Despenser. Segundo Minois (2010), o governo de Eduardo II foi marcado por uma série de perdas para a Inglaterra, tanto no campo territorial quanto no campo econômico, o que o tornou bastante impopular tanto entre a população, de modo geral, quanto entre uma parte da nobreza.

Aproveitando-se de uma viagem à França, a rainha Isabel procurou o apoio de seu irmão, o rei Carlos IV, para depor seu marido do trono inglês, passando, assim, a coroa para o seu filho, o futuro Eduardo III. Na narrativa, Isabel é descrita como uma mulher ativa e de temperamento forte. Acompanhada por seu filho, Isabel chega à França onde se encontra com Carlos IV. A rainha consegue o apoio do irmão para os

seus planos, porém, pressionado pelo papa e por parte de alguns nobres ingleses, Carlos IV retira o apoio aos projetos da irmã, fazendo com que esta deixe Paris.

Ao se dirigir ao condado de Hainaut, Isabel consegue o apoio do conde Guilherme I. Froissart conta que em 1326, Isabel e seu filho voltam à Inglaterra, onde, com a ajuda de seus aliados, cercam a cidade de Bristol, onde se encontravam o rei Eduardo e seus conselheiros da família Despenser. Presos em um castelo, Eduardo II e Hugo Despenser tentam uma fuga pelo mar, porém, essa é interrompida quando ambos caem nas mãos de um cavaleiro ligado à rainha Isabel e voltam a ser presos. Algum tempo depois Eduardo II seria assassinado e Hugo Despenser viria a ser enforcado em praça pública.

A rainha Isabel, vitoriosa, promove uma luxuosa festa em Londres em agradecimento aos soldados de Hainaut que a apoiaram em seu projeto. Em 1327, após ser julgado por um Parlamento<sup>44</sup>, Eduardo II é deposto oficialmente. A rainha Isabel assume o governo durante regência, até que seu filho, o futuro rei Eduardo III, na época com quatorze anos, alcançasse a maioridade.

Tal fato não era totalmente do agrado do jovem Eduardo. Tido por alguns de sua época, como Froissart, como um exemplo de cavaleiro a ser seguido, o futuro rei tinha uma personalidade bastante controversa por trás da sua aparência hipoteticamente exemplar. Segundo Contamine (2010) e Minois (2010), atlético, impulsivo e egocêntrico seriam alguns adjetivos possíveis para descrever um pouco da personalidade de Eduardo III. Acostumado desde a infância com as intrigas e disputas internas na corte, o jovem rei via no uso da força e da violência, poderosas armas de conquista que utilizava de forma recorrente no intuito de alcançar seus objetivos.

Aos dezoito anos, após afastar sua mãe do comando do território, Eduardo III assume a coroa. Seus primeiros anos como rei foram bastante movimentados, sendo marcados pela retomada das campanhas de guerra com a Escócia (uma parte do território havia sido perdida durante o reinado de Eduardo II), pelo seu casamento com a jovem Filipa de Hainaut, e pela coroação de Filipe de Valois como rei da França.

Todos esses eventos são descritos com grande precisão por Froissart. A geografia escocesa, assim como o aspecto dos animais, o cenário do enlace matrimonial,

---

<sup>44</sup> Durante a Idade Média, entendia-se como Parlamento uma assembleia formada pelos cidadãos de uma determinada localidade (MINOIS, 2010).

a corte francesa, são descritos com detalhes, permitindo ao leitor ser também um participante dos eventos.

Com a coroação de Filipe de Valois, as tensões entre a França e a Inglaterra se fazem cada vez mais presentes. Eduardo III presta juramento de lealdade ao novo rei francês após uma série de correspondências e visitas diplomáticas. O rei inglês, porém, tinha em seus territórios outros problemas tão urgentes quanto o destino da coroa francesa. As tensões com os Escoceses voltam a ameaçar a sua soberania. Entre 1333 e 1336 uma nova série de batalhas toma conta do norte do território

Pouco a pouco os sinais de um conflito maior se espalhavam pela Europa. Além das disputas territoriais com a Escócia, a Inglaterra entrou em conflito com a França pelo domínio da Gasconha. Em Flandres, revoltas internas já indicavam uma possível instabilidade política. Pouco a pouco, alianças vão sendo feitas, assim como desafios são propostos: o rei David de Bruce, da Escócia, se alia aos franceses, enquanto o condado de Hainaut se torna aliado da Inglaterra.

Assim, em 1337, a Inglaterra declara guerra à França, tendo como um dos primeiros eventos o cerco à cidade de Cambrai, no norte do domínio real. A armada inglesa avança com seus aliados pelo continente. Em 1340, em uma assembleia em Bruxellas, Eduardo III se proclama rei da França, passando a disputar oficialmente a coroa francesa com Filipe de Valois. Por sua posição, enquanto aliado da Inglaterra, a França declara guerra ao condado de Hainaut, finalizando-se, assim, o volume 1 da edição de Siméon Luce.

### **3.3.2 As *Chroniques* – volume 2**

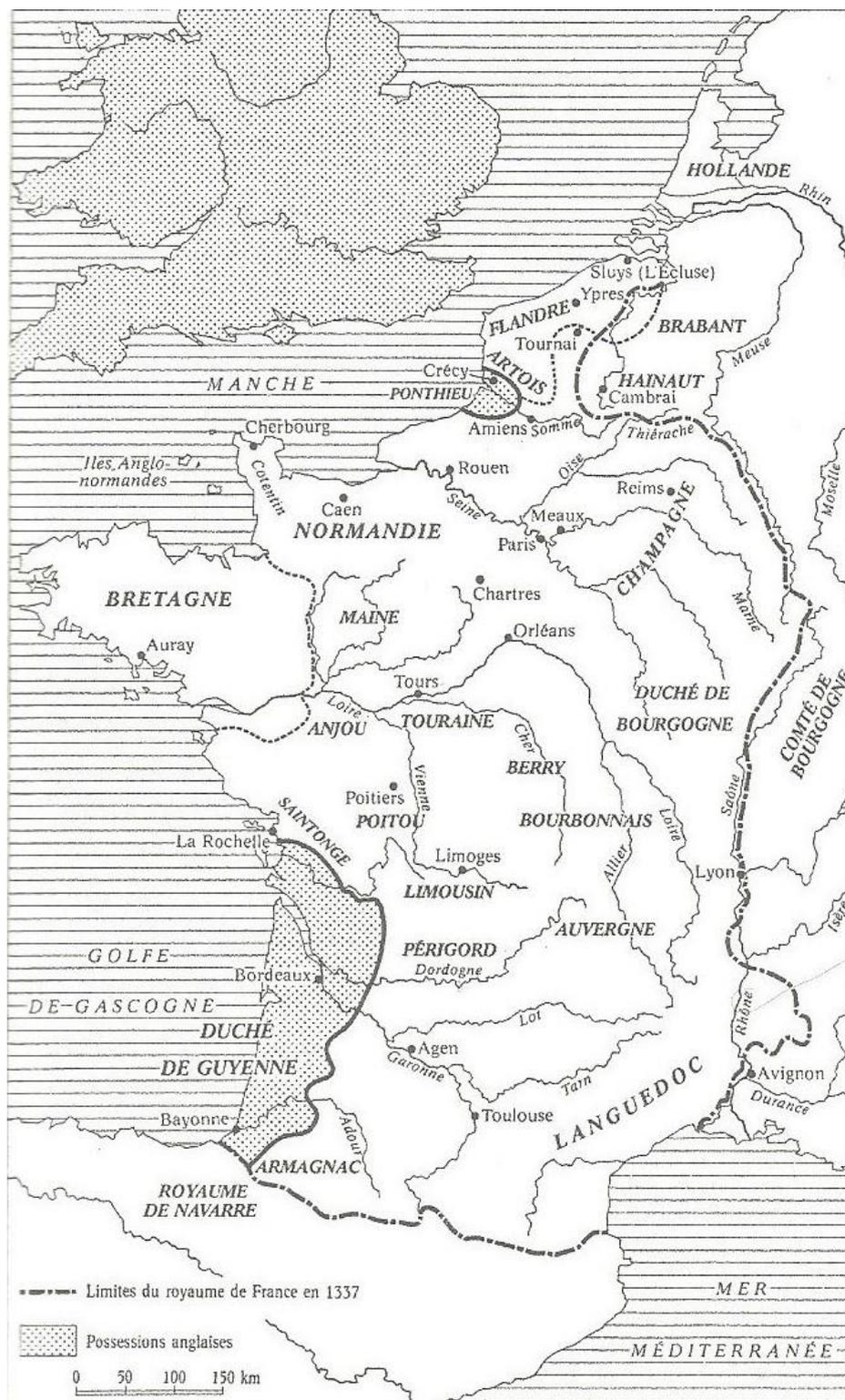
O volume 2 dá continuidade exatamente de onde o primeiro parou, com os eventos posteriores à declaração de guerra da França com o condado de Hainaut e o cerco à cidade de Tournay. Cobrindo os eventos situados entre 1340 e 1342, Froissart apresenta ao leitor mais uma leva de personagens e os conflitos nos quais se envolvem. Os capítulos são curtos, alternando sempre os espaços nos quais se passam as ações. Froissart apresenta no intervalo de um ou dois capítulos o desenrolar de uma ação, geralmente contendo início, meio e fim.

Essa primeira fase da Guerra dos Cem Anos não possui batalhas longas ou grandiosas, o que não quer dizer que essas não influenciaram em maior ou menor escala os rumos do conflito. De modo geral, a Inglaterra é a grande detentora de vitórias nessa primeira fase, tomando como exemplo Crecy e Poitiers. A França, por outro lado, amargou uma série de derrotas durante um bom período (CONTAMINE, 2010).

Como no volume anterior, vários pequenos conflitos ameaçavam a frágil estabilidade europeia. Os conflitos em Flandres aos poucos foram ganhando força, vindo a ameaçar os interesses do rei francês. A pedido desse, o papa Bento II lança uma bula de excomunhão contra os flamengos, no intuito de abafar a revolta. Ao tomar conhecimento de tal situação, Eduardo III se posiciona a favor dos flamengos. Em uma tentativa de por fim ao motim, o exército francês parte para a região de Flandres. Os flamengos contra-atacam, tomando as cidades de Dunquerque, Messines e Bourbourg.

Froissart conta que, visando a conquistar o condado de Hainaut, os franceses continuam a sua marcha rumo ao norte. Em Valenciennes, porém, as tropas francesas, com seus marechais, cavaleiros e escudeiros, se detêm, tendo de recuar frente aos combatentes de Hainaut. Os conflitos entre ambos os exércitos perduraram por dias seguidos. Ao final, os franceses desistem da frente de Hainaut, e após uma mudança de percurso, seguiram em direção à cidade de Cambrai. Assim, apresenta-se, aqui, a Figura 6 que ilustra a localização geográfica de alguns dos espaços citados no texto.

Figura 6: Mapa do reino da França em 1337



Fonte: Allmand (2013, p.35)

Na Inglaterra, Eduardo III se preparava para ir até Flandres, território ao qual se encontrava aliado. Durante o percurso, houve um encontro inesperado entre os exércitos francês e inglês. Tem início a primeira batalha em alto-mar. A França possuía

experiência marítima, porém os ingleses possuíam um maior preparo em combates em alto-mar, vindo, então, a derrotar a tropa francesa. Segundo Froissart, as batalhas no mar tinham um caráter muito mais grave em relação às batalhas travadas em terra, visto que no mar não havia possibilidade de recuo ou de fuga.

Na Escócia, o fantasma da guerra voltava a assombrar a coroa Inglesa. No continente, o ducado da Bretanha se vê em meio a uma guerra motivada por questões dinásticas. Com a morte do duque Jean III, seu filho, também chamado Jean, conhecido como conde de Monfort, reivindica o ducado, vindo a disputá-lo com Jeanne de Penthièvre, sobrinha de sangue de Jean III e também do rei da França, por seu casamento com Charles de Blois. Monfort sai vitorioso, o que não põe fim às disputas no território, visto que parte da nobreza local não o aceita. Por tal motivo, visando a assegurar a Bretanha, Monfort viaja para a Inglaterra e se alia à coroa inglesa, no intuito de impedir os possíveis ataques por parte da França.

No continente, Charles de Blois e seus aliados tentam conquistar a Bretanha, realizando cercos a grandes cidades, como foi o caso de Rennes. Durante essa passagem, Froissart apresenta mais uma de suas personagens femininas, descrita como uma heroína. Nesse caso em especial, uma heroína bretã. Ao receber a notícia de que seu marido havia sido capturado pelas forças de Blois, a condessa de Monfort parte em seu resgate, sendo para tal acompanhada por um grande grupo armado. Segundo Froissart, a condessa de Monfort defendeu bravamente seu território. Presa em um castelo nas redondezas de Rennes, ela busca o auxílio do rei Eduardo III. Durante uma das ações, a condessa se junta aos combatentes bretões, vindo a ser também um soldado em batalha.

As disputas continuam, mesmo após a chegada da ajuda inglesa, que consegue neutralizar, em parte, as investidas de Charles de Blois contra o comando da condessa. O volume 2 termina com a condessa partindo para a Inglaterra e com Charles de Blois indo ao encontro do rei em Paris.

## 4 OS CAMINHOS DO LÉXICO

De modo geral, ao se pensar nos aspectos que compõem uma sociedade, é comum reunir, em um grupo, fatores como a história, a política, a economia etc. Nem sempre, porém, o fator língua é lembrado como um desses elementos, enquanto componente de uma dada comunidade, devendo também ser considerado um elemento de identidade cultural de um grupo.

As discussões acerca do que é língua são diversas. Porém, apesar de ser um ponto importante para o estudo proposto aqui, devido ao espaço e a proposta deste trabalho não caberá, para o momento, uma longa discussão acerca das possibilidades de definição do que é língua. Desse modo, emprega-se aqui a definição dada por Dubois et al. (2014, p. 353), segundo os quais *língua* é “um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade”.

Assim como a comunidade, a língua, por ela empregada como código linguístico, também se transforma ao longo do tempo. Esse processo de mudança é gradual, “contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2009, p. 87).

Ao olhar para o passado, não se tem acesso ao modo e ao momento exato de como se deram as transformações na língua (SOUZA, 2006, p.13). De modo geral, estas mudanças chegam ao presente através de uma documentação escrita, onde, em meio a questões relativas à sintaxe e a morfologia, tem-se no léxico uma das principais fontes de dados das relações entre língua e cultura (FARACO, 2014).

Assim como ocorre com *língua*, são variadas as definições de léxico, estando essas relacionadas aos objetivos almejados por cada estudioso ao longo do seu trabalho. Voltando mais uma vez a Dubois et al. (2014, p. 341), tem-se o léxico como sendo “o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc”. Vilela (1979) diz que o léxico de uma língua tem a sua definição geralmente ligada a três ideias: a ideia do léxico enquanto dicionário de uma língua; o léxico como sendo uma competência do falante; ou ainda o conjunto das unidades léxicas de uma língua.

Ainda segundo Vilela (1979), um dos pontos de conflito para a definição de léxico é a relação existente entre léxico e gramática. Rey-Debove (1984) assinala a

existência de um diálogo entre ambos e sinaliza que tais lexias não devem ser vistas como sinônimos. Segundo a autora:

O léxico duma língua seria o conjunto das unidades submetidas às regras da gramática dessa língua, sendo a junção da gramática e do léxico necessária e suficiente à produção (codificação) ou à compreensão (descodificação) das frases duma língua (REY-DEBOVE, 1984, p. 45).

Diante de tantas definições, para este trabalho, adotou-se a definição de Isquierdo e Oliveira (2001). Segundo as autoras, o léxico é:

[...] um saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma sociedade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade (ISQUERDO; OLIVEIRA, 2001, p. 9).

Por mais próximas que sejam as línguas (como é o caso das línguas românicas), cada uma possui um sistema distinto no que diz respeito à formação e renovação lexical. Não necessariamente, esta renovação ou formação seguirá as mesmas regras. Como elemento de identidade cultural, cada uma delas será formada (e transformada) através do dos seus falantes, estes que agregam consigo toda uma bagagem cultural prévia. Como esta bagagem tende a ganhar a cada dia novas aquisições, pode-se dizer que o léxico de uma língua está sempre em expansão, sendo então considerado como um sistema aberto (ao contrário de outros como a morfologia e a sintaxe, por exemplo) (BIDERMAN, 2001a). Sobre tal assunto, a mencionada autora afirma que “cada comunidade humana que forja o seu instrumental linguístico para designar conceitos novos utiliza o modelo linguístico herdado por seu grupo social (BIDERMAN, 2001a, p. 15).”

Desse modo, ao estudar o léxico de uma língua tem-se um verdadeiro universo composto de informações sociais, culturais e históricas de uma determinada comunidade. Através dele é possível observarem-se questões referentes a hábitos cotidianos dos falantes, assim como momentos históricos de fala distintos.

Assim como ocorre nos demais níveis de língua (fonética, semântica, sintaxe, morfologia), o léxico apresenta uma série de transformações. Ao longo do tempo, tais mudanças:

[...] são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte da língua. Foi o que sucedeu ao latim. Se a língua, porém, continuar a existir como meio de comunicação oral (e também escrito), o seu léxico se ampliará sempre. Por essa razão, não se poderá censurar em demasia os lexicógrafos se os seus dicionários não registrarem todos os vocábulos e significados que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexequível (BIDERMAN, 2001b, p. 203).

Sobre a formação histórica, não é possível definir uma data de início ou término de uma dada mudança, não podendo, assim, identificar com precisão o momento em que um item lexical passou a fazer parte da língua. Essas transformações, obviamente, estão relacionadas com o cotidiano dos falantes, que criam ou descartam itens de acordo com a sua utilidade. Sendo assim, é possível dizer que “a língua se adapta às necessidades expressivas dos falantes, e continua a funcionar como língua na medida em que se adapta” (COSERIU, 1979, p. 94).

Por ser um universo tão amplo, os estudos acerca do léxico são também diversificados, trabalhando ora com a formação desse léxico em si, ora com a catalogação dos itens lexicais, ou dando conta de itens referentes a ciências específicas. Essas três áreas de estudos são, então, conhecidas como Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. As três, apesar de possuírem objetivos diferentes, não podem ser consideradas como campos isolados visto que os diálogos entre elas possibilitam contribuições diversas.

Apesar de este trabalho ser voltado para os estudos lexicográficos, far-se-á uma apresentação geral tanto da Lexicologia quanto da Terminologia. Ambas, como já mencionado, também tratam dos estudos lexicais, e com maior ou menor influência, também foram importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

#### 4.1 LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA

De modo geral, a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia datam de um período recente. Porém se engana quem pensa que os estudos lexicais são interesses apenas do homem moderno. Abbade escreve:

[...] os estudos acerca das palavras remontam a Antiguidade Clássica. Sem o lugar merecido, os estudos lexicais permaneceram em segundo plano durante um bom tempo da história linguística. Relegados a segundo plano, os estudos

lexicais foram deixados de lado para dar lugar às preocupações acerca dos estudos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Quase nada se fazia com as palavras de uma língua além de organizá-las alfabeticamente e buscar suas definições a partir de sua literatura. Apenas a lexicografia tinha uma função definida até o início do século XIX, pelo menos (ABBADE, 2011, p. 1332).

Dentre as três áreas mencionadas, a Lexicologia seria, talvez, considerada a mais ampla. Seu objetivo é estudar “as unidades lexicais de uma ou várias línguas, seja no que tange ao significado ou ao significante” (ORSI, 2011, p.164) vindo a ser então “o estudo científico do léxico, mais especificamente das palavras de uma língua. A Lexicologia ocupa-se, portanto, do componente lexical geral e não especializado, das línguas” (FINNATO; KRIEGER, 2004, p. 43).

Mas o que vêm a ser os ditos componentes ou unidades lexicais de uma língua? Seriam estes os que se empregam como sendo palavra? Lexia? Ou, ainda, vocábulo? Diante das diferentes definições, em muitos trabalhos de cunho lexicológico, é comum o emprego de tais termos. Em alguns casos, tanto *palavra* quanto *lexia* ou *vocábulo* são utilizados como sinônimos (ORSI, 2011). Entretanto, cada um dos três possui conceito próprio, mesmo que interligados, uns aos outros, não representam necessariamente a mesma coisa.

Unidade mais conhecida do grande público, entende-se *palavra* como sendo “um termo genérico, tradicionalmente utilizado na língua, fazendo parte do vocabulário de todos os falantes” (ABBADE, 2011, p. 1333). Segundo Dubois et al. (2014, p. 420) outra definição, seria aquela na qual “para a estatística léxica, a palavra é a unidade de texto inscrita entre dois brancos gráficos. Cada ocorrência é uma nova palavra.”. Nesse sentido, os autores afirmam que *palavra* se opõe a *vocábulo*, visto que em se tratando de um texto “[...] a palavra representa então toda a unidade emitida (*O Cid* comporta 16.690 palavras), enquanto que o vocábulo representa uma unidade particular emitida” (DUBOIS et al., 2014, p. 573).

Por fim, tem-se a *lexia* como sendo “a unidade significativa do léxico de uma língua, ou seja, é uma palavra que tenha significado social” (ABBADE, 2011, p. 1334). A *lexia*, enquanto unidade lexical, está diretamente ligada a questões relativas à memória e conhecimentos cognitivos dos falantes, tendo suas origens a partir das associações de ideias por eles realizadas (POTTIER, 1978). De modo geral, as lexias são formadas basicamente a partir de três categorias primárias: os substantivos, os adjetivos e os verbos. Entende-se, então, que, por mais próximas que sejam, o uso de cada uma delas será distinto, não podendo ser empregadas livremente como sinônimos

para expressar um significado comum. Diante do exposto, para este trabalho, utiliza-se aqui *lexia* para designar um componente (ou unidade) lexical.

De acordo com Pottier (1978), as *lexias* possuem um sistema próprio de subdivisão. Sendo assim, no grupo entendido como *lexia*, têm-se as *lexias* simples, as *lexias* compostas, as *lexias* complexas e as *lexias* textuais.

Uma *lexia* simples vem a ser o que se entende comumente como *palavra*. Sendo assim, *épée* ('espada'), *chevalier* ('cavaleiro') e *roi* ('rei') podem ser empregados como exemplos desse tipo de *lexia*. As *lexias* compostas resultam de uma integração semântica, a partir do encontro de duas *lexias* simples. Essa terceira *lexia*, produto da mencionada união, ganha um novo significado, como ocorre em *écumeur de mer* ('pirata').

As *lexias* complexas vêm a ser "uma sequência em vias de lexicalização a vários graus" (POTTIER, 1978, p. 269). Pottier também afirma que as siglas podem ser também consideradas como sendo *lexias* complexas. O quarto e último tipo de *lexia* proposto são *lexias* textuais, que se originam a partir de *lexias* complexas que "alcançam o nível de um enunciado ou um texto" (POTTIER, 1978, p. 270).

É em torno das *lexias* que se desdobra o trabalho da Lexicologia. É através delas que se realizam análises, observam-se as influências e as descrições de fenômenos diversos presentes no léxico, assim como as relações existentes entre uma unidade lexical e a cultura que a cerca. Entende-se, também, que o uso ou desuso de uma determinada *lexia* não pode ser visto como algo definitivo. O fato de essa não ser parte do vocabulário em uso em um dado momento histórico, não significa que a *lexia* em questão desapareceu por completo, sem possibilidade de retorno, do mesmo modo que um item presente na língua hoje pode vir entrar em desuso futuramente.

Quanto à Terminologia, Biderman (2001, p. 19) afirma que esta "se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano.". Considerada uma *lexia* polissêmica, terminologia pode evocar também o conjunto de termos especializados de uma área do saber. Para diferenciar cada uma delas, Gladis Almeida (2011, p. 197-198) sugere utilizarem-se então *Terminologia*, para área de estudos, e *terminologia* para o conjunto de termos estudados por ela.

Assim como os demais estudos lexicais, o estudo terminológico remonta a tempos pretéritos, nesse caso, desde o século XVIII, levando em conta os trabalhos realizados pelo químico francês Antoine de Lavoisier. No século XIX, o interesse pelos termos específicos de áreas distintas do saber se tornou cada vez mais forte. Porém, a

Terminologia é uma área de estudos recente, iniciada apenas no século XX. Para os estudiosos da área, toma-se a tese intitulada *A normalização internacional da terminologia técnica*, escrita por Wüster em 1931, como trabalho fundador da dessa área de estudos (ALMEIDA, 2011).

Os estudos da Terminologia também não ocorrem de maneira isolada, sendo de fundamental importância o diálogo com outras áreas de estudo, como a Lexicografia e a Lexicologia, mas também com a Biologia, a Geografia, a Medicina, a Química ou qualquer que seja o campo na qual a terminologia em questão esteja inserida.

Bastante próxima da Lexicologia, tem-se a Lexicografia. Enquanto a primeira se propõe, como já dito, à descrição e à análise do léxico, a segunda, conforme Zavaglia (2011), tem seus trabalhos voltados para a organização do repertório lexical existente em uma língua. O trabalho lexicográfico:

[...] é uma arte, ou melhor, o processo do engenho de se inventariar palavras, as unidades lexicais, de se escrever sobre elas, de descrevê-las, de classificá-las, de ordená-las, de organizá-las nos chamados verbetes. Os verbetes: berço das palavras nos dicionários; é neles que o lexicógrafo deposita suas meditações, seus arranjos, sua criação, seu ofício (ZAVAGLIA, 2011, p. 234).

A Lexicografia se caracteriza por ser interdisciplinar. O ato de repertoriar e de organizar o léxico necessita também por parte do lexicógrafo de conhecimentos em áreas diversas como a Semântica (essencial para os estudos do léxico de modo geral), a Morfologia, a Etimologia, a Terminologia, a Tradução etc.

Por ser o texto a principal fonte de informações para os estudos lexicais, outro diálogo bastante importante é feito com a Filologia. A partir do trabalho realizado pela Filologia, com a edição de textos:

[...] o estudioso, resgata fatos culturais e históricos que reconfiguram uma determinada época e lugar. É, por assim dizer, uma reconstrução de um espaço possibilitado pela materialidade da edição, em que se experimentam a maneira de pensar de um dado povo, o seu contexto histórico-social, a sua linguagem. (DUARTE, 2011, p. 36)

Como visto na sessão anterior, ao escrever o seu texto, Froissart apresenta ao leitor uma série de dados, tanto históricos quanto linguísticos, referentes ao meio em que vive. Esse texto, quando editado, resgata, através das lexias por ele empregadas, uma parte da cultura de uma determinada sociedade (no caso aqui a França do século XIV), preservando, assim, a memória de um povo.

Por outro lado, ao se propor, o estudo ou a proposta de edição de uma determinada produção escrita tem-se a necessidade do conhecimento acerca da língua e, mais precisamente, do léxico que vem a ser empregado. Dessa forma é necessário em alguns casos “recorrer ao auxílio da Lexicografia para esclarecer as acepções das lexias, tomando por base o seu contexto discursivo” (XAVIER, 2011, p.3). Desse modo, o diálogo entre a Filologia e as áreas de estudos lexicais, em especial a Lexicografia, são fundamentais para o desenvolvimento de um trabalho que tenha por objetivo tanto o texto quanto o léxico.

#### **4.1.1 De quantas obras se faz a Lexicografia? As definições de dicionário, glossário e vocabulário**

Ao se pensar em Lexicografia, talvez o primeiro pensamento que venha à mente, seja *dicionário*. Tal ideia se justifica por ser a Lexicografia a vertente de estudos responsável por sua produção. Mas será que a lexicografia produz apenas dicionários? Existiriam, então, outras produções de caráter lexicográfico? Quais seriam então as diferenças em relação a essas produções?

Empregados muitas vezes como sinônimos, os glossários e os vocabulários são, além dos dicionários, obras do trabalho lexicográfico. No que diz respeito à produção lexicográfica, Barbosa (2001) afirma que:

[...] os chamados dicionários de língua processam as unidades lexicais da língua em geral; os denominados vocabulários, dicionários terminológicos, dicionários técnicos, glossários, etc. processam vocábulos representativos de uma norma linguística, inclusive as das línguas de especialidade; e ainda, glossários ou vocabulários processam o vocabulário de um texto ocorrência. (BARBOSA, 2011, p. 33)

A partir do que disse Barbosa, é possível notar que as produções lexicográficas apresentam semelhanças entre si, porém, seria errôneo empregá-las a título de representação de um mesmo tipo de documento textual. Tais obras possuem objetivos distintos e tiveram maior ou menor influência nos estudos do léxico ao longo do tempo.

Pode-se considerar como dicionário a “obra lexicográfica que apresenta uma relação de unidades lexicais organizadas e classificadas segundo critérios e princípios definidos, dependendo do seu objetivo ou escopo de criação e/ou uso” (ZAVAGLIA,

2011, p. 239). Tal obra pode ser feita nos mais diversos tamanhos, ter suportes variados, (impresso, em meio eletrônico ou on-line), possuir objetivos e públicos variados. Sobre esse produto lexicográfico, Rey-Debove (1984) escreve que ele:

[...] apresenta: a) uma seqüência vertical de itens, ditos "entradas", geralmente dispostos em ordem alfabética, seqüência essa chamada "nomenclatura"; b) um programa de informação sobre essas entradas, que forma com elas os verbetes. As entradas são sempre signos lingüísticos, e a informação dada deve aplicar-se, ainda que em pequena parte, ao signo [...]. (REY-DEBOVE, 1984, p. 63)

No que concerne aos objetivos, Dubois e Dubois (1970, p.7) enumeram três como sendo os principais. São eles:

- tradução de mensagens de comunidades lingüísticas, podendo ser estas estrangeiras (no caso dos dicionários bilíngues);
- aprimoramento dos meios de expressão lingüística através de informações acerca da semântica, fonética, sintaxe e morfologia (dicionários de língua);
- ampliação da quantidade conhecimentos e saberes do leitor (dicionários enciclopédicos);

Um segundo tipo de produção lexicográfica é o glossário, presente geralmente ao final de produções textuais diversas. Para Zavaglia (2011), a prática de produção de glossários é, dentre os trabalhos lexicográficos, uma das mais antigas. Ela o define como sendo:

[...] uma lista de palavras que serve para explicar ou explicitar o significado de outras palavras, cuja significação é de difícil compreensão, quando localizado ao final de um livro ou texto [...]. Um glossário pode ser mono, bi ou plurilíngue; geralmente apresenta uma definição do termo, sem o rigor lexicográfico [...]. (ZAVAGLIA, 2011, p. 237)

Ao tratar de um vocabulário, deve-se ter em mente duas vertentes de uso: a primeira em que esse se opõe ao léxico, e a segunda, em que se diferencia dos dicionários e glossários. Em se tratando do primeiro caso, Vilela (1997) nos diz que:

[...] vocabulário é uma subdivisão do léxico, como o léxico de um autor, o léxico de um texto, o léxico de uma escola, de uma área do saber etc. Ao distinguir-se vocabulário e léxico, não se trata tanto de uma diferenciação entre "parte" e "todo", pois: o léxico é o conjunto de palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade lingüística (VILELA, 1997, p.31)

Nesse caso, ao falar do *lexico de lingua francesa*, trata-se, também, de todas as palavras existentes nessa língua e, que devido a sua amplitude, “[...] aucun dictionnaire connu n’a jamais complètement rassemblés [...]” (PICOCHÉ, 2011).<sup>45</sup> Por outro lado, quando se discute o vocabulário francês da Idade Média, atém-se às lexias em uso de um momento preciso (Idade Média) em um local específico (a França).

No segundo caso mencionado por Vilela (1997), ao tratar do uso de vocabulário enquanto sinônimo de dicionário e glossário, assinala que “[...] o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a recolha de um sector determinado duma língua e o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola, de uma época” (VILELA, 1997, p. 32).

As próximas páginas serão dedicadas a uma apresentação, de forma breve, da produção lexicográfica em alguns momentos da história. Para tal, foi feito um recorte para a França dos séculos XVI e XVII, período no qual foram produzidos alguns dos dicionários usados como referência para este trabalho.

#### **4.1.2 A produção lexicográfica ocidental entre os séculos XV e XVII**

Segundo Biderman (1984; 2001a) e Zavaglia (2011), o interesse pela lexicografia se faz presente desde a Antiguidade. Apesar dos textos realizados nesse período serem bastante distintos do que se compreende como Lexicografia hoje, em ambos os momentos, essa área de estudos manteve uma relação direta com a busca por informação e compreensão da língua através do seu léxico. No caso específico da Antiguidade Clássica, afirmam Biderman e Zavaglia que a produção lexicográfica era voltada principalmente para o estudo de textos literários.

Durante a Idade Média, a busca pelo conhecimento através do léxico se manteve em atividade. Farias (2007) afirma que durante esse período:

[...] com a ascensão das línguas à categoria de vernáculos, ocorre grande investimento na elaboração de obras lexicográficas, com destaque especial para os glossários e as enciclopédias. A tradição de listar palavras fez com que ressurgissem e se multiplicassem as listas temáticas bilíngües. Estas poderiam estar vinculadas, por exemplo, a um campo de atividade, a uma

---

<sup>45</sup> [Tradução livre]: “[...] nenhum dicionário conhecido jamais conseguiu reunir [...]”

profissão, ou mesmo a setores variados como as ervas, os instrumentos bélicos, as especiarias, dentre outros (FARIAS, 2007, p. 91).

Como exemplos de produções voltadas para o léxico medieval, têm-se as *Etimologias*, de Santo Isidoro de Sevilha, espécie de enciclopédia medieval, as glosas de Reicheneau (datada do século VIII) e as glosas de Cassel (datada do século IX).

A prática lexicográfica, como se conhece no contexto atual, tem seu início juntamente com os primeiros passos da Idade Moderna. A Espanha será um dos países pioneiros com o seu *Universal Vocabulario*, de Alonso de Palencia (datado de 1490) e com o dicionário *Latino Español* (datado de 1492) e *Español Latino* (datado de 1495) de Antônio de Nebrija. Neste momento a produção de dicionários, que começa a ganhar uma intensa produção a partir das ideias de normatização das línguas, se fazia sob o formato bilíngue, vindo a empregar a língua latina ao lado de uma língua vernácula (BIDERMAN, 1984).

Dentre os países de língua latina, a França se destacou tendo exercido grande influência na história moderna da lexicografia. Nesse país, o surgimento dos dicionários apresentou uma forte relação com a construção da França enquanto nação.

Ainda no século anterior, por influência do movimento Renascentista, a língua francesa começou a ter maior visibilidade, ocupando funções antes exercidas pelo latim. Em um ato político, o rei Francisco I estabeleceu a língua francesa como língua a ser utilizada na justiça. Com o decreto de Villers-Cotterêts, em 15 de agosto de 1539, o francês adquire um status oficial e de privilégio (WARTBURG, 1971, p. 144-145; WALTER, 2009b, p. 85).

Foi ainda durante o século XVI que o interesse pela língua vernácula ganhou impulso. No século seguinte, em 1634, sob a orientação do cardeal Richelieu foi criada a *Académie Française*. Um dos principais pontos discutidos por aqueles conhecidos como acadêmicos<sup>46</sup> versava justamente sobre a ortografia da língua francesa, entre adotar um tom pró-reforma ou preservar a antiga ortografia (WALTER, 2009a)

Entre a criação da Academia e a publicação do seu primeiro dicionário, tem-se um espaço de sessenta anos. Houve durante esse período uma “[...] interdiction légale de faire publier n’importe quel dictionnaire du français avant la parution de Dictionnaire

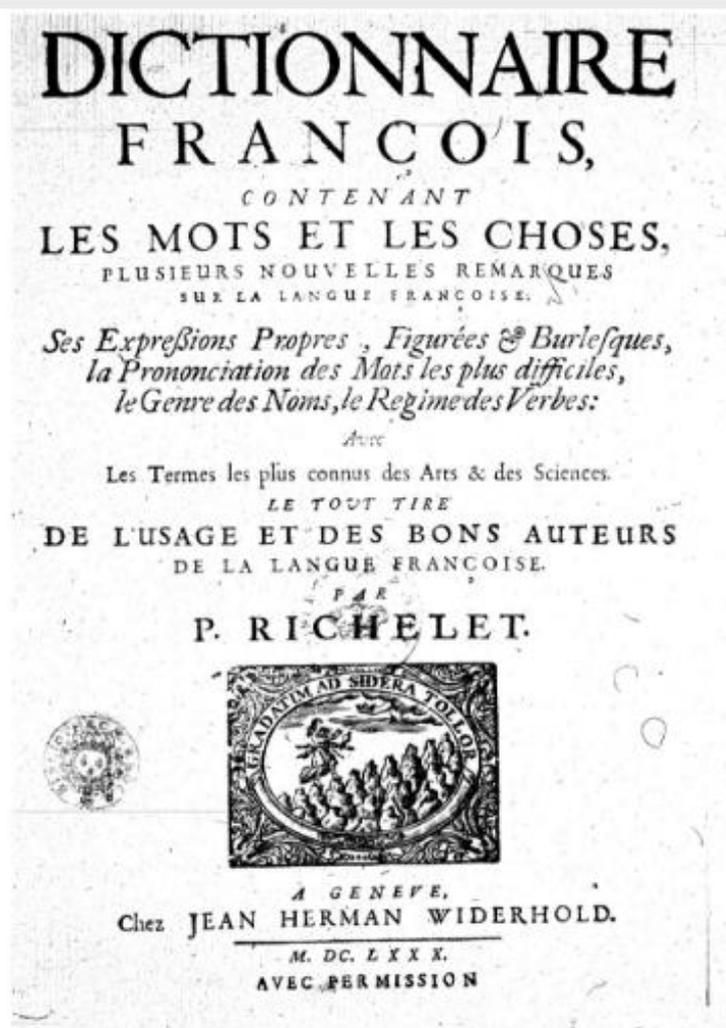
---

<sup>46</sup> Em língua portuguesa: *acadêmicos*. Tal lexia foi escolhida em 1635 para designar os membros da Academia Francesa (ACADÉMIE FRANÇAISE, s.d.)

de l'Académie”<sup>47</sup> (WALTER, 2009a, p. 207). Contrariando tal interdição, têm-se, em 1680 e em 1690, as seguintes publicações:

- o dicionário produzido por Pierre Richelet (primeira edição datada de 1680). Diferente da proposta da Academia, o *Dictionnaire François contenant les mots et les choses*<sup>48</sup> registra as palavras populares, além das palavras da corte e as consideradas como sendo de bom uso, como se mostra na Figura 7.

**Figura 7:** Dicionário de Pierre Richelet



**Fonte:** Richelet (1680)

<sup>47</sup> “[...] interdição legal de se publicar não importa qual dicionário do francês antes do lançamento do Dicionário da Academia.” (Tradução nossa)

<sup>48</sup> “Dicionário francês contendo as palavras e as coisas.” (Tradução nossa)

- O dicionário realizado por Furetière (primeira edição datada de 1690). Tido como mais ambicioso que o de Richelet (WALTER, 2009a), o dicionário, dividido em três volumes, de Furetière já deixa claro os seus objetivos a partir do próprio título: *Dictionnaire Universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes et les termes de toutes les Sciences et les Arts*,<sup>49</sup> que se pode ver na Figura 8. A publicação de tal obra resultou na expulsão de Furetière da Academia.

Figura 8: Dicionário de Furetière

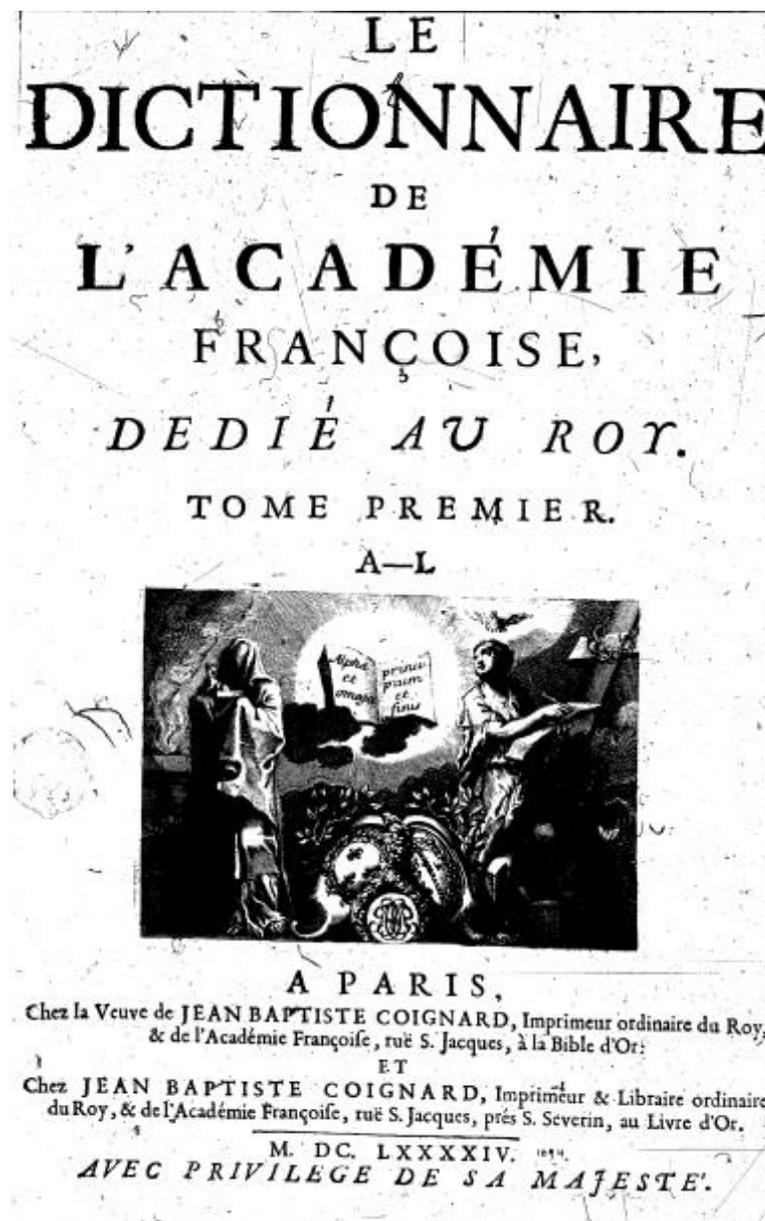


Fonte: Furetière (1702a)

<sup>49</sup> “Dicionário Universal contendo de modo geral todas as palavras francesas, tanto antigas quanto modernas e os termos de todas as Ciências e as Artes.” (Tradução nossa)

- O dicionário da Academia Francesa, de que a primeira edição data de 1694, como se vê na Figura 9, segue uma fórmula voltada para o purismo linguístico, tal dicionário propondo-se a registrar apenas as lexias de *bon usage*.

**Figura 9:** Dicionário da Academia Francesa



Fonte: Académie Française (1694)

Sobre esse dicionário, Walter (2009a) afirma que:

[...] Dictionnaire de l'Académie constituera en définitive le premier dictionnaire de l'usage que l'on pourrait qualifier de synchronique, mais d'un

usage restreint puisqu'il décrivait l'usage d'un seul milieu: celui de la Cour et des meilleurs auteurs' (WALTER. 2009a, p.205)<sup>50</sup>.

Apesar de hoje esse dicionário ser visto como uma obra com uma série de lacunas (devido a sua busca por um purismo linguístico), sabe-se que ele foi considerado por muitos anos como uma obra de referência para o público francês (WARTBURG, 1971).

#### 4.2 ENTRE A GUERRA E O LÉXICO: O VOCABULÁRIO DE JEAN FROISSART

Apesar de ser um autor bastante citado por sua importância histórica e literária, são poucos os estudos de cunho linguístico referentes à obra de Froissart. Picoche (1976) assinala a existência de doze trabalhos voltados para questões relativas à língua, sendo que desses doze, apenas dois trabalhos são voltados para questões lexicais

- o primeiro intitulado *Études sur le vocabulaire abstrait de Froissart* (publicado entre os anos de 1942-1945) de Lucien Foulet;
- o segundo escrito pela própria Picoche, em 1967, intitulado *Quelques picardismes de Froissart attestés par ses rimes* (voltado para os textos poéticos do autor).

Nesse espaço de mais de quarenta anos, são poucos os trabalhos relativos à língua utilizada por Froissart. Dentre eles, destacamos aqui o realizado por Picoche (2006). Em língua portuguesa, em especial no que concerne à produção científica realizada no Brasil, até o momento não foram encontrados trabalhos de cunho linguístico sobre Froissart.

Ao estudar temas tão influentes como a guerra, é importante ter em mente a grande carga de informações que pode ser encontrada nas lexias utilizadas no texto. Entre soldados e reis, entre lanças e espadas, entre cavalos e embarcações, uma diversidade lexical se faz presente permitindo ao leitor descobrir a cada nova lexia um pouco mais acerca desse período tão rico culturalmente.

Sobre as questões lexicais existentes na Idade Média, Matoré (1985) afirma que:

---

<sup>50</sup> “ [...] Dicionário da Academia constituirá, em definitivo, o primeiro dicionário de uso que poderíamos qualificar como sincrônico, mas de um uso restrito, visto que ele descrevia o uso de apenas um meio social: aquele da Corte e dos melhores autores .” (Tradução nossa)

L'étude du vocabulaire médiéval rencontre des difficultés spécifiques. [...] La phonétique et la syntaxe de l'Ancien Français (et dans une moindre mesure du Moyen Français) ont provoqué depuis longtemps des études remarquables et, dans certains cas, définitives; il n'en est pas de même du vocabulaire médiéval qui, à l'exception de dictionnaires et de glossaires, n'a suscité pendant longtemps que peu de vocation (MATORE, 1985, p.13-14)<sup>51</sup>.

Sabe-se, por um exemplo, que as fontes do vocabulário francês medieval se dão em número considerável, porém, de modo geral, essas fontes têm por objetivo servir de apoio a um texto editado, assinalando e definindo, de forma breve, as lexias com maior dificuldade de compreensão (MATORE, 1985), atividade muito próxima do que tem por intuito a produção de glossários.

Entre as características da língua francesa ao longo do século XIV, período no qual Jean Froissart viveu e escreveu sua obra, talvez a mais marcante seja a ausência de uma norma ortográfica que só viria a dar seus primeiros passos dois séculos depois. Desse modo, deve-se notar que os caminhos percorridos pela lexicografia histórica não serão necessariamente os mesmos que os percorridos pela lexicografia contemporânea, como afirma Machado Filho (2011):

A falta, nesse período, de uma ortografia balizadora [...] – não obstante os esforços dos primeiros ortógrafos dos anos quinhentos – faz do trabalho lexicográfico histórico um campo de pesquisa deveras idiossincrático, já que, diferentemente da lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos da escrita, isto é, o pleno registro da variação gráfica, é muito mais requerido naquela do que nesta [...] (MACHADO FILHO, 2011, p. 382).

Essa mesma variação gráfica se faz presente ao longo do texto de Froissart e acompanha as inovações tecnológicas da época, como ocorre com a lexia *canon*, ('canhão'), arma de artilharia que tem seus primeiros registros de uso durante a Guerra dos Cem Anos. Além da grafia *canon*, Froissart a apresenta também a forma *kanon* (*kanons*).

Sabe-se que a estrutura militar é formada a partir de graus diversos de hierarquia (situação que prevalece até o momento). A posição do combatente indicava também as armas por ele empregadas. Uma das figuras mais presentes no imaginário medieval são as *armeure de fer*, que, no texto de Froissart, poderia designar tanto as 'armaduras de

---

<sup>51</sup> "O estudo do vocabulário medieval encontra dificuldades específicas. [...] A fonética e a sintaxe do Francês Antigo (e em menor grau do Francês Médio) proporcionaram, ao longo do tempo, estudos marcáveis, e em alguns, casos, definitivos; o mesmo não ocorreu com o vocabulário medieval que, à exceção de dicionários e glossários, que durante muito tempo apenas suscitaram pouca vocação." (Tradução nossa)

ferro' (a vestimenta completa do cavaleiro que também servia como uma espécie de rama de proteção), quanto o 'combatente' que a portava (ZINK, 1998).

Entre os membros da cavalaria têm-se os *lances* ('lanceiros'), que ao longo da guerra, como o próprio nome já diz, faziam uso de *lances* ('lanças'). Do lado da Infantaria inglesa, havia os temidos *arcier~archier* ('arqueiros'), os grandes responsáveis pelas primeiras grandes vitórias inglesas, personagens fundamentais da batalha de Crécy (CANBY, 1965). Na parte mais baixa da pirâmide hierárquica da guerra, tinham-se os *baceler~bachelor*, 'jovens combatentes, ainda não sagrados cavaleiros', que, em geral, encontravam-se em suas primeiras batalhas (ACADÉMIE FRANÇAISE, 1694a; FURETIÈRE, 1702a).

Outras figuras de destaque na guerra medieval eram os *chevaliers banières*, que também eram grafados *banières* ou *banères*. Esses personagens, sempre presentes no texto de Froissart, eram os 'encarregados por levar a bandeira de um senhor', papel de certa importância visto que era, a partir de tal elemento, que se reconhecia por qual grupo os combatentes lutavam.

Pelo fato de a Inglaterra ser uma ilha, algumas das batalhas eram realizadas em alto-mar (e, por tal motivo, eram possivelmente mais violentas). Para tal batalha, empregavam-se embarcações diversas como a *nave* e a *carrake*. No percurso terrestre, nas marchas realizadas pelos soldados, sempre havia o *charoi~charoy*, 'empregado para o transporte em especial de bagagens, armas e munições'.

Na trilha do vocabulário empregado por Froissart, tem-se não apenas o nome de armas e de personagens de outrora. Alguns, como se sabe, permanecem em uso até hoje. Outros, por fatores sociais e históricos, caíram em desuso (como *banière~banère*) ou passaram a ter um novo significado, como de *baceler~bachelor* que passou a *bachelier*. Independentemente da situação atual, é válido e importante pensar que nos itens lexicais apresentados pelo autor tem-se não só uma informação de cunho bélico. Esse vocabulário traz consigo também uma parte da história da própria França e sua tentativa de constituir uma nação.

## 5 OS ATORES, OS UTENSÍLIOS DE GUERRA E OS MEIOS DE TRANSPORTE NAS *CHRONIQUES*

Ao tratar da guerra, Froissart usa um vocabulário bastante amplo e recheado de informações históricas acerca da hierarquia e da organização militar, assim como das tecnologias existentes na época (no que diz respeito às armas e aos meios de transporte). O levantamento das unidades lexicais referentes a tais temáticas poderão ser principalmente foco de interesse de especialistas acerca da história e da guerra no período da Baixa Idade Média, não excluindo, assim, os demais interessados pelos eventos narrados do período.

Para este trabalho, organizou-se o vocabulário em ordem alfabética. Ao final deste trabalho, foram contabilizadas 90 unidades lexicais distribuídas nos seguintes campos: *atores da guerra*; *utensílios da guerra*; *meios de transporte*. Tais campos foram escolhidos por serem esses os de maior representação no texto. Para uma melhor compreensão buscou-se incluir também, além da grafia utilizada por Froissart, a grafia do francês moderno. Em alguns casos, não foi possível apresentar uma grafia atualizada por conta da ausência da lexia nos dicionários contemporâneos.

Para a realização de tal listagem, seguiu-se a seguinte metodologia:

- 1ª Fase: leitura das *Chroniques* (v. 1 e 2 da edição de Simeon Luce para a Société de l'Histoire de France) e levantamento dos itens lexicais pertencentes aos três campos indicados (*Atores*, *Utensílios* e *Transportes*) e suas subdivisões.
- 2ª Fase: pesquisa e análise em dicionários de língua francesa. Foram consultados, nessa etapa da pesquisa, a primeira edição do *Le dictionnaire de l'Académie Française* (volumes 1 e 2), publicado pela Académie Française (1694); a segunda edição do *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, & les termes des sciences et des arts* de Antoine Furetière (1702) (volumes 1, 2 e 3); o *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, volume 7, de Charles du Cange (1850). Todos os dicionários citados encontram-se disponíveis de forma gratuita no seguinte endereço: <<http://gallica.bnf.fr/>>. Na versão impressa, foram consultadas, também,

as seguintes obras: o *Dictionnaire de l'Ancien Français*, de Greimas (1989 [1980]), *Dictionnaire étymologique et historique de la langue française*, de Baumgartner e Ménard (1996), *Dictionnaire étymologique du français*, de Picoche (2009) e o *Vocabulário histórico do Moyen Âge*, de Touati (2007). Para a correspondência das palavras do século XXI foram utilizados o *Le Petit Robert Micro* de Alain Rey (2008) e a edição on-line dos dicionários Larousse (s.d.). Para algumas lexias, foi necessário consultar dicionários especializados. Nesse caso, optou-se pelo *Nouveau dictionnaire militaire* (1891). Também foram consultados o *Trésor de la langue Française informatisé* (2002), *Dictionnaire du moyen français: lexique de Jean Froissart*, de Picoche (2006).

- 3ª Fase: organização das lexias em seus respectivos campos e subcampos; quando a tratar da organização e das informações sobre as lexias arroladas no vocabulário, indica-se que:
  - dentro de cada categoria, os verbetes se apresentam seguindo uma ordem alfabética. As entradas se apresentam sob a forma no singular;
  - todas as entradas dos verbetes encontram-se grafadas em negrito. Além da classificação gramatical, segue-se, quando possível, a forma existente no francês moderno e a definição (com base no contexto).

Quanto aos três campos aqui apresentados, pode-se dizer que:

- a) no grupo dos *atores da guerra*, encontram-se listados tanto os membros da nobreza, como *ro-/roy* ('rei'), *conte* ('conde'), quanto os funcionários administrativos (que lutavam não necessariamente de forma direta).
- b) O grupo dos *utensílios de guerra* se subdivide em três subgrupos:
  - o subgrupo das armas usadas nos combates. Esse subgrupo se divide em outros dois: as armas provenientes de *elementos da natureza* e as *fabricadas pelo homem*;
  - as *vestimentas* (que podem em determinados servir também enquanto arma de defesa);
  - as *insígnias militares*, adotando aqui a nomenclatura empregada por Matoré (1985, p.160), levadas pelos combatentes (*banière ~ banères ~ banereth*; 'bandeiras'), assim como os equipamentos usados para acomodação, como a *tente* ('tenda') e o *pavillon* ('pavilhão');

- c) o grupo dos *meios de transporte* se subdivide em dois: os *aquáticos* (aqueles que utilizados tanto meio marítimo quanto fluvial) e os *terrestres*.

A partir do exposto pôde-se chegar ao seguinte quadro:

**Quadro 1: Campos e lexias referentes ao ato de guerra**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>		<b>Exemplo</b>	<b>Total de Lexias</b>
<b>Atores da guerra</b>	-----		<i>Roi/roy, escuier, arcier...</i>	28
<b>Utensílios da guerra</b>	Armas	Elementos da Natureza	<i>Pierre, kesne...</i>	6
		Feitas pelo homem	<i>Bombarde, lance, glave, escut...</i>	19
	Vestimentas		<i>Auketon, tabar, bacinès...</i>	11
	Insígnias e acomodações		<i>Bannière, geule...</i>	7
<b>Meios de transporte</b>	Aquáticos		<i>Carrakes, nacelle...</i>	9
	Terrestres		<i>Charroi, chevalés</i>	10
<b>Total</b>				90

## 5.1 O VOCABULÁRIO

### 5.1.1 Os atores da guerra

#### **ARBALESTRIER**

**s.m.** pl. *arbalestriers*; fr. mod.: *arbalétrier*. Combatente que leva uma *arbalète* (pt. besta), arma formada por um arco sustentado sobre uma peça de madeira através de cordas e uma forquilha.

*Si se ordonnèrent et appareillèrent et sans delay pour assallir. Et fisent li Valenciennes tous leurs **arbalestriers** traire avant et approcier les barrières; mais il y avoit si grant trencis de fossés qu'il n'i pooient avenir* (CRO, 2, p. 63, L. 1-5).

#### **ARCHIER**

**s.m.** pl. *archiers*; var. *arcier(s)*; fr. mod.: *archer*. Combatente armado com arco.

*Quant cil armé furent ensi assamblé, il se hastèrent pour secourre les aultres compagnons, qui deffendoient leur hostelz en le grande rue, au mieus qu'il pooient. Et passèrent cil armet parmi l'ostel au signeur d'Enghien, qui avoit grandes portes derrière et devant sour le grande rue, et se ferirent estoutement en ces **archiers**. Dou trait y eut fuison des Haynuiers navrés et blechiés* (CRO, 1, p. 46, L. 23-30).

*Li dessus dit obéirent au commandement le roi, leur signeur, et fisent leurs pourveances et lor amas de gens d'armes et d'**arciers** à Londres, et chargièrent leurs vaissiaus en le Tamise. Quant il furent tout venu et apparilliet, il estoient environ cinq cens armeures de fier et deus mille arciers. Si entrèrent en leur navie, qui estoit toute preste, et puis si se desançrèrent* (CRO, 1, p. 135, L. 10-17).

#### **BACHELER**

**s.m.** var. *baceler*; fr. mod.: *bachelier*. Homem jovem que espera tornar-se cavaleiro.

*Et y prist pluseurs fors chastiaus, que ses gens obtinrent sus les Escos de puis un grant temps, et principalement le bonne cité de Bervich. Et estoient demoret de par le roy englès, pour tenir les frontières, pluseur apert **bachelor**, chevalier et escuier, entre les quelz messires Guillaumes de Montagut et messires Gantiers de Mauni en font bien à ramentevoir* (CRO, 1, p. 112, L. 5-12).

*De telz grains et de telz semences sont servi et alosé li vaillant homme et li preu par leur vaillance. Encores avant on voit le preu **baceler** seoir à haute honneur à table de roy, de prince, de duch et de conte, là où plus nobles de sanch et plus rices d'avoir n'est mies assis (CRO,1, p. 4, L. 14-19).*

## **BAILLE**

**s.m.** pl. *bailes*; fr. mod.: *bailli*. Oficial que podia exercer funções administrativas ou militares

*Et appocièrent ces **bailles**, qui estoient fortes durement, cescuns son glave en son poing. Et commencièrent à lancier, et à jeter grans cops à chiaus de dedens; et cil de Honnecourt, à vaus deffendre vassaument (CRO, 1, p. 167, L. 24-28).*

## **BARON**

**s.m.** pl. *barons*; fr. mod.: *baron*. Grande senhor de terras de um reino que se encontrava sob as ordens do rei.

*Li rois englès à ces parolles entendi volentiers, et fist faire ses pourveances grandes et grosses. Et tantost que cilz yviers fu passés, à l'esté ensieuwant, il monta en mer, bien acompagniés de contes et de **barons** et d'aultre chevalerie, et passa le mer et arriva en le ville de Anwiers, qui adonc se tenoit pour le duc de Braibant (CRO, 1, p. 139, L. 16-22).*

## **BIDAU**

**s.m.** pl. *bidaus*. Combatentes que se locomoviam a pé.

*Dont s'armèrent moult vistement li signeur qui laiens estoient. Et ossi fisent toutes leurs gens, et se partirent par une aultre porte que par celle devant qui li Flamench estoient. Et pooient estre entours six banières et deux cens bacinès, et environ cinq cens **bidaus** tout à piet. Et chevaucièrent tout au tour de le ville de Saint Orner, ensi qu'il avoient guides qui bien les savoient mener (CRO, 2, p. 77, L. 23- 30).*

## **BRAKENIER**

**s.m.** Servo que se ocupa dos cães de caça.

*[...] cescuns mesist ses selles et appareillast ses chevaux; et, quant on l'oroit le seconde fois, que cescuns s'armast; et à le tierce fois que cescuns montast sans atargier et se traisist à se banière, et que cescuns persist sans plus un pain et le tour sast*

*derrière lui à guise de **brakenier**; et ossi que cescuns laissast là endroit tous harnas, tous charois et toutes pourveances, car on se combateroit l'endemain, à quel meschief que ce fust : si aroit on outout perdu ou tout gaegnet* (CRO, 1, p.55-56, L. 31-32/1-8).

### **BRIGAN**

**s.m.** pl. *brigans*; fr. mod.: *brigand*. Combatente a pé, integrante de uma camapnha que não pertencia a uma armada regular e que podia estar relacionado a grupos voltados para o roubo.

*Quant il furent tout assamblé à Saint Quentin ou là environ, si fu regardé par le connestable, le conte de Ghines et les mareschaus de France, monsigneur Robert Bertran et monsigneur Mahieu de Trie, quel nombre de gens d'armes il pooient estre; si trouvèrent qu'i[l] estoient bien six mille armeures de fier, chevaliers et escuiers, et bien huit mille, que **brigans**, que bidaus, que aultrès gens poursievant l'ost* (CRO, 1870, vol. 2 p. 8-9, L. 29-31/1-6).

### **CHARETON**

**s.m.** pl. *charetons*; fr. mod.: *charretier*. Aquele que conduz um carro, em especial os de uso rural.

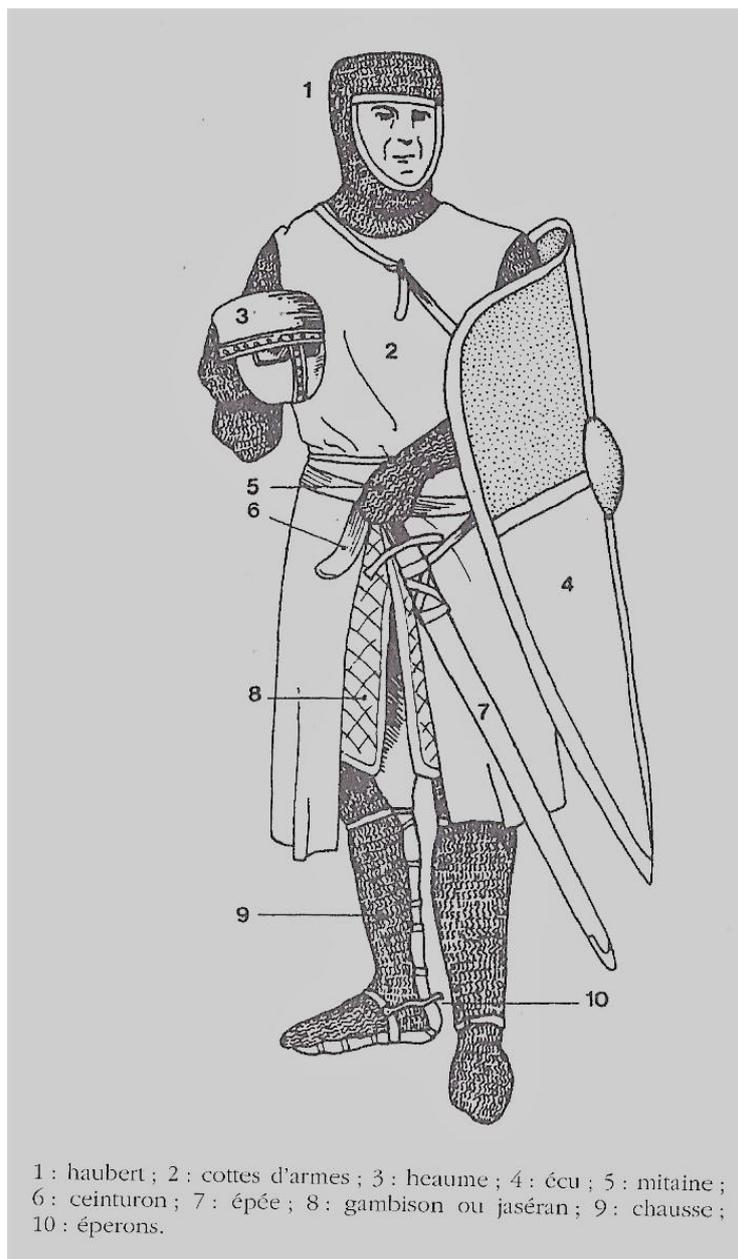
*L'endemain, se reposa li hos là endroit tous quois, et li rois et li signeur alèrent vers Feglise de Duremmes. Et adonc fist li rois feaulté à l'eglise et à l'evesque, et ossi à le cité et as bourgeois, car faite ne l'avoit encores. Em celle cité, trouvèrent il leurs **charetons** et leurs charètes et tout leur harnas, que il avoient laiiet trente et deus jours en devant en un bois, à mienuit, si com il est contenu chi dessus* (CRO, 1, p. 72, L. 2-10).

### **CHEVALIER**

**s.m.** pl. *chevaliers*; fr. mod.: *chevalier*. Jovem nobre que combate à cavalo; Membro de uma ordem de cavalaria, como ilustrado na figura 10.

*Chilz contes Henris de Lancastre dessus dis vint à grant compagnie de gens d'armes. Apriès, tant d'uns et d'autres vinrent contes, barons, **chevaliers** et escuiers, à tout gens d'armes, qu'il leur sambla bien qu'il fuissent hors de tous perilz. Et tous les jours croissoient gens d'armes, ensi qu'il aloient avant* (CRO, 1, p.28, L. 6-12).

Figura 10: Chevalier



Fonte: Touati (2007, p. 76)

### CHEVALIER BANIÈRE

**s.m.** pl. *chevaliers banières*; var. *chevalier(s) banère(s)*; fr. mod.: *porte-drapeau*. Em um grupo, o cavaleiro que tinha por função levar a bandeira do senhor que representava.

*Ançois que les batailles fuissent à leur droit ordonnées et assamblées, commença li jours à apparoir. Lors commencièrent les **banières** à chevaucier en haste desparsément par bruières, par montagnes, par vallées et par rokaille malaisies, sans point de plain pays* (CRO, 1, p. 56, L. 12-17).

*Adonc pria li rois à ce prélat, l'evesque de Lincolle, qu'il volsist entreprendre ce message à faire pour l'amour de lui, et à deus chevaliers banerès qui là estoient, et à deus clers de droit ossi, qu'il volsis sent faire compagnie à l'evesque en ce voiage. Li dessus dis evesques, li doi chevalier banereth, li doi clerch de droit ne veurent mies refuser le requeste dou roy, ains li ottrièrent volentiers* (CRO, 1, p. 120, L. 20-27).

### **CHEVALIER BANERETH**

**s.m.** fr. mod.: *chevalier banneret*. Cavaleiro que tinha muitos vassalos para compor uma campanha levando a sua bandeira.

*Adonc pria li rois à ce prélat, l'evesque de Lincolle, qu'il volsist entreprendre ce message à faire pour l'amour de lui, et à deus chevaliers banerès qui là estoient, et à deus clers de droit ossi, qu'il volsis sent faire compagnie à l'evesque en ce voiage. Li dessus dis evesques, li doi chevalier banereth, li doi clerch de droit ne veurent mies refuser le requeste dou roy, ains li ottrièrent volentiers* (CRO, 1, p. 120, L. 20-27).

### **CONTE**

**s.m.** var. fem.: *contesse*; fr. mod.: *comte*. Grande senhor feudal que, diferentemente do baron e do duch, governava de forma independente.

*De telz grains et de telz semences sont servi et alosé li vaillant homme et li preu par leur vaillance. Encores avant on voit le preu baceler seoir à haute honneur à table de roy, de prince, de duch et de conte, là où plus nobles de sanch et plus rices d'avoir n'est mies assis* (CRO, 1, p. 4, L. 14-19).

*Li consaulz se tourna à cou que il se traisist par devers Hembon, là où la contesse de Montfort estoit; car, puis que li sires estoit en prison, s'il pooit prendre le ville, le chastiel et le contesse, il aroit tost sa guerre afinée. Ensi fu fait. Si se traisent tuit vers Hembon et assegièrent le ville et le chastiel tout au tour, tant qu'il peurent, par terre. La contesse estoit si bien pourveue de bons chevaliers et d'autres souffissans gens d'armes qu'il convenait pour deffendre le ville et le chastiel, et tout dis estoit en grant soupeon del secours d'Engleterre que elle attendoit, et se n'eoit nulles nouvelles* (CRO, 2, p. 142, l. 8-19).

### **COUREUR**

**s.m.** fr. mod.: *éclaireur*. Cavaleiro destacado para investigação sobre o posicionamento e movimento de inimigos.

*Encores se tenoient les batailles sus le mont de Castres, et tinrent tout le jour jusques apriès nonne, que li **coureur** revinrent de tous costés. Dont eurent conseil là entre yaus moult grant et disoient li signeur que, tout consideret, il n'estoient mies gens assés pour assegier une si grande ville que Valenchiènes est (CRO, 2, p. 18, L. 13-19).*

## DAMOISIEL

**s.m.** pl. *damoisiaus*; fr. mod.: *damoiseau*. Jovem nobre que ainda não era cavaleiro.

*Che n'estoit mies merveilles s'il estoient esbahi, et s'il fuioient devant les Englès. Car il n'avoient nul bon chapitaine ne sage guerrier, si com il avoient eu dou temps passé. Premièrement, li rois David, leurs sires, estoit jones en l'eage de quinze ou de seize ans, li contes de Moret encores plus jones, et uns **damoisiaus** qui s'appelloit Guillaumes de Douglas, neveux à celui qui estoit demorés en Espagne, de cel eage (CRO, 1, p. 108, L. 12-20).*

## DUCH

**s.m.** var. *dus~duc*; fr. mod.: *duc*. Aquele que tem o senhorio de um território, o ducado, diretamente ligado ao rei e suas ordens.

*Li rois englès à ces parolles entendi volentiers, et fist faire ses pourveances grandes et grosses. Et tantost que cilz yviers fu passés, à l'esté ensieuwant, il monta en mer, bien acompagniés de contes et de barons et d'aultre chevalerie, et passa le mer et arriva en le ville de Anwiers, qui adonc se tenoit pour le **duc** de Braibant. Si tost c'on sceut qu'il estoit descendus, gens vinrent de tous costés, pour lui veoir et considérer le grant estât qu'il maintenoit (CRO, 1, p. 139, L. 16-26).*

*De telz grains et de telz semences sont servi et alosé li vaillant homme et li preu par leur vaillance. Encores avant on voit le preu baceler seoir à haute honneur à table de roy, de prince, de **duch** et de conte, là où plus nobles de sanch et plus rices d'avoir n'est mies assis (CRO, 1, p. 4, L. 14-19).*

*Il me samble que li rois fu adonc si consilliés de respondre que voirement, par l'ordenance et seelé de ses predicesseurs, rois d'Engleterre et **dus** d'Acquitaines, il en devoit foy, hommage et loyauté faire au roy de France, ne del contraire on ne l' oseroit ne vorroit point consillier (CRO, 1, p. 91-92, L. 31-32/1-5).*

## ESCOUTE

**s.m.** pl. *escoutes*; fr. mod.: *espion*. Aquele que escuta, um espião (vigia).

*Si fisent li chevalier de Haynau et leurs consaulz pluseurs bonnes ordenances, par grant avis, pour yaus mix garder et deffendre, par les quèles il cou venoit toutdis jesir par nuit armés, et par nuit get lier par connestablies les camps et les chemins d'en tours le ville et les fourbours, et envoier aucunes **escoutes** demi lieue ensus de le ville, pour escouter se ces gens venroient, ensi que enfourmet estoient, et que on leur raportoit. Et leur disoient çascun jour gens creable, chevalier et escuier, qui bien le cuidoient savoir (CRO, 1, p.48, L. 16-26).*

## **ESCUIER**

**s.m.** pl. *escuiers*; fr. mod.: *écuyer*. Jovem que cuidava das armas do cavaleiro.

*Et traist cescuns armés sus les camps, si que pour tantost combatre. Là endroit furent ordonnées trois grosses batailles à piet, et cescune bataille avoit deus èles de cinq cens armeures de fier qui dévoient demorer à cheval. Et saciés que on disoit que il y avoit bien huit mille armeures de fier, chevaliers et **escuiers**, trente mille hommes armés, li moitiés montés sur petites hagenées, et l'autre moitié sergans à piet, envoiiés par élection de par les bonnes villes à leurs gages, çascune bonne ville pour se rate (CRO, 1, p. 53-54, L. 26-31/1-5).*

## **ESKIEVIN**

**s.m.** pl. *eskievins*; fr. mod.: *échevin*. Magistrado municipal.

*Adonc entra li contes de Montfort en le cité de Rennes à grant feste, et fist son host tout quoi logier as camps. Et fist le pais et l'acord entre les grans bourgeois et les communs; puis establi baillieu, prevost, **eskievins**, sergans et tous aultres ofhiciers (CRO, 2, p. 96, L. 11-15).*

## **GAITTE**

**s.f.** fr. mod.: *guette*. Combatente que tinha função de sentinela.

*Quant li aultre compagnon, qui estoient embuschiet assés pries dou chastiel, ensi que vous avés oy, oïrent le cor sonner, il sallirent hors de Pembusche ment et coururent contremont le voie del chastiel, tant qu'il peurent. Li **gaitte**, qui dormoit adonc, se esvilla au son del cor, et vey gens monter hastee ment contremont le chastiel, tous armés (CRO, 2, p. 53, L. 4-10).*

## HIRAUT

**s.m.** pl. *hiraus*; fr. mod.: *hérault*. Oficial de armas que tinha por função transmitir as mensagens e dirigir as cerimônias; Mensageiro.

*Adonc regardèrent li signeur un l'autre et prièrent au duch de Braibant qu'il en volsist dire sen entente. Et li dus en respondi que c'estoit bien ses accors que dou combatre, car aultrement à leur honneur il ne s'en pooient partir. Et consilla adonc que on envoiast **hiraus** devers le roy de France, pour demander et accepter le journée de le bataille (CRO, 1, p.175, L. 1-7).*

## LANCE

**s.m.** pl. *lances*; fr. mod.: *lance*. Combatente armado de lança.

*Si commanda au matin à deslogier et à entrer en Haynau, pour tout ardoir sans déport. Dont s'arroutèrent li charoi, et chevaucièrent li signeur, li coureur premiers qui estoient bien deux cens **lances** (CRO, 2, p. 11, L. 25-29).*

## MARCIS

**s.m.** var. *markis*; fr. mod.: *marquis*. Governante de um território situado em região de fronteira.

*Et pour tant que leur guerre fust plus belle, et que bien apertenoit à faire, puis qu'il vo loient guerroiier le roi de France, il se acordèrent de envoiier les deffiances au roi Phelippe: premièrement, li rois d'Engleterre Edouwars, qui se fist chiés de tous et de chiaus de son royaulme, ce fu raisons, ossi li dus de Guérles, li **marcis** de Jullers, messires Robers d'Artois, messires Jehans de Haynau, li **marcis** de Misse et d'Eurient, li **marcis** de Blankebourc, li sires de Faulkemont, messires Ernoulz de Bakehen, li archevesques de Coulongne, messires Galerans, ses frères, et tout li signeur de l'Empire, qui chief se faisoient de le besongne avoech le roi englès (CRO, 1, p.153-154, L. 25-31/1-6).*

*Assés tost apriès, y revint li jones contes Guillaumes de Namur moult estoffement à deux cens lances, et se loga ossi sus le rivièrre d'Escaut en l'ost le conte. Apriès revinrent li dus de Braibant à bien sis cens lances, li dus de Guéries, li contes de Jullers, li **markis** de Misse et d'Eurient, li **markis** de Blankebourch, li contes des Mons, li sires de Faulkemont, messires Ernoulz de Bakehen, et grant fuison d'autres signeurs et gens d'armes d'Alemagne et de Witephale (CRO, 2, p. 27-28, L. 28-32/1-5).*

## MARESCHEL

**s.m.** pl. *mareschaus*; fr. mod.: *maréchal*. Oficial que comanda um exército.

*Si chevaucièrent les batailles ensi rengies, tout lejour, sans desrouter, par montaignes et par vallées; ne onques ne peurent approcier les Escos, qui ardoient devant yaus, tant y avoit de bois, de mares, de desiers sauvages et malaisiés, montaignes et valées. Et si n'estoit nuls qui osast, sus le tieste à coper, fourpasser ne chevaucier devant les banières, fors mis les **mareschaus** (CRO, 1, p.54, L.17-24).*

## PRINCE

**s.m.** fr. mod.: *prince*. 1. Membro da família soberana de uma determinada nação. 2. ‘Grande senhor’.

*Puis se départirent tout li **prince** et li baron deçà et delà. Si envoièrent leurs messages par tout pour yaus appareillier et pour faire pourveances, ensi qu'il leur besongnoit pour aler en si lointain voiage et si diverses marces et pays. Et bien pensoient qu'il ne poroient avenir à lor entente sans avoir grant contraire (FROISSART; LUCE, 1870, vol.2, p. 107, L. 19-25).*

## RIBAUDAILLE

**s.m.** fr. mod.: *ribaudaille*. Nome dado à tropa que se locomovia a pé (Designação criada no século XIII durante o reinado de Filipe Augusto).

*Certain est, quant il voelent entrer en Engleterre, il sont tout à cheval uns et aultres, fors mis li **ribaudaille** qui les sièvent à piet. Assavoir, sont Chevalier et escuier bien montés sour bons gros roncins, et les aultres communes gens del pays tout sour petites hagenées. Et si ne mainnent point de charoy, pour les diverses montaignes qu'il ont à passer, et parmi che pays dessus dit que on claimme Northombrelande (CRO, 1, p. 51-52 L. 29-31/1-6).*

## ROI

**s.m.** var. *roy*; var. fem. *royne*; fr. mod.: *roi*. Chefe supremo por hereditariedade ou eleição.

*Et pour tant que leur guerre fust plus belle, et que bien apertenoit à faire, puis qu'il vo loient guerroiier le **roi** de France, il se acordèrent de envoier les deffiances au roi Phelippe: premièrement, li rois d'Engleterre Edouwars, qui se fist chiés de tous et de chiaus de son royaulme, ce fu raisons, ossi li dus de Guérles, li marcis de Jullers,*

*messires Robers d'Artois, messires Jehans de Haynau, li marcis de Misse et d'Eurient, li marcis de Blankebourc, li sires de Fauquemont, messires Ernoulz de Bakehen, li archevesques de Coulongne, messires Galerans, ses frères, et tout li signeur de l'Empire, qui chief se faisoient de le besongne avoech le roi englès (CRO, 1, p.153-154, L. 25-31/1-6).*

*Quant li consaulz le **roy** d'Engleterre veirent qu'il n'en aroient aultre cose, il fisent criier et commander que cescuns se logast là endroit où il estoit, sans reculer. Ensi se logièrent il celle nuit, moult à mesaise, sour dure terre et pières sauvages, et toutdis armés (CRO, 1, p.65, L. 14-19).*

*Quant cil aultre et cil de le ville veirent le pooir le lo dame si grant et si enforciet, et priés que toute Engleterre estoit de leur acord, et veoient le péril et le damage si apparant, il eurent conseil qu'il se renderoient et le ville avoech, salve leurs vies, leurs membres et lor avoir. Si envoièrent trettier et parlementer devers la **royne** et son conseil, qui ne s'i veurent mies acorder ensi, se la dessus ditte ne pooit faire dou dit monsigneur Huon et dou conte d'Arondiel sa volenté, car pour yaus destruire estoit elle là venue (CRO, 1, p. 29, l.10-20).*

## **SERGAN**

**s.m.** pl. *sergans*. Homem de armas em posição subalterna.

*Adonc entra li contes de Montfort en le cité de Rennes à grant feste, et fist son host tout quoi logier as camps. Et fist le pais et l'acord entre les grans bourgeois et les communs; puis establi baillieu, prevost, eskievins, **sergans** et tous aultres ofhcieiers (CRO, 2, p. 96 L. 11-15).*

### **5.1.2 Utensílios da guerra**

#### 5.1.2.1 Armas

##### 5.1.2.1.1 Elementos da natureza

## **BAUCH**

**s.m.** pl. *baus*; fr. mod.: *bau*. Peçaço de madeira; tronco de árvore.

*Et bien apparut, car il físt, au dehors de le porte de Honnecourt, faire et carpenter en grant haste unes bailles, et mettre et assir au travers de le rue; et y avoit,*

lo entre l'un **bauch** et l'autre, environ demi piet de crues et d'ouvréture. Et puis fist armer toutes ses gens, et cescun aler as garites, pourveu de pières, de cauch et de tèle artillerie qu'il apertient pour deffendre (CRO, 1, p. 167, L. 7-15).

Là eut dure escarmuee et forte et grant assaut et felenès, car cil qui estoient monté sus le porte jettoient **baus** et mairiens contreval, et pos plains de cauch, et grant fuison de pières et de cailliaus, dont il navroient et mehagnoient gens, se il n'estoient fort armet et paveschiet (CRO, 1, p. 201, L. 3-8).

### CAILLIEL

**s.m.** pl. *cailliaus*; fr. mod.: *caillou*. Pedra pequena ou média.

Là eut dure escarmuee et forte et grant assaut et felenès, car cil qui estoient monté sus le porte jettoient *baus* et mairiens contreval, et pos plains de cauch, et grant fuison de pières et de **cailliaus**” (CRO, 1, p. 201, L. 3-7).

### CAUCH

**s.f.** fr. mod.: *chaux*. Pedra de calcário.

Et bien apparut, car il fist, au dehors de le porte de Honnecourt, faire et carpenter en grant haste unes bailles, et mettre et assir au travers de le rue; et y avoit, lo entre l'un *bauch* et l'autre, environ demi piet de crues et d'ouvréture. Et puis fist armer toutes ses gens, et cescun aler as garites, pourveu de pières, de **cauch** et de tèle artillerie qu'il apertient pour deffendre (CRO, 1, p. 167, L. 7-15).

### KESNE

**s.f.** fr. mod.: *chêne*. Carvalho; madeira desta árvore.

Et passèrent cil armet parmi l'ostel au signeur d'Enghien, qui avoit grandes portes derrière et devant sour le grande rue, et se ferirent estoutement en ces archiers. Dou trait y eut fuison des Haynuiers navrés et blechiés. Et là furent bom chevalier messires Fastrés dou Rues, messires Perchevaus de Semeries et messires Sausés de Boussoit. Car cil troi chevalier ne peurent onques rentrer en leurs hostelz pour yaus armer; mais il y fisent otant d'armes que tel [qui\*] estoient armet. Et tenoient grans lons leviers et gros de **kesne**, qu'il avoient pris en le maison d'un carlier (CRO, 1, p. 46-47, L.26-30/1-7).

**PIÈRE**

**s.m.** pl. *pières*; fr. mod.: *pierre*. Pedra

*Là eut dure escarmuee et forte et grant assaut et felenès, car cil qui estoient monté sus le porte jettoient baus et mairiens contrevail, et pos plains de cauch, et grant fuison de pières et de cailliaus” (CRO, 1, p. 201, L. 3-7).*

**QUARIEL**

**s.m.** pl. *quariaus*; fr. mod.: *carreaux*. Bolas de pedra.

*Là eut grant escarmuce des uns as aultres, et pluseur quariel tret et lanciet, et tamaint homme navret et bleciet (CRO, 2, p. 29, L.10-13).*

*Chil qui chevaucioient devant, li mareschous de Mirepois, li sires de Noitiers, li Gallois de le Baume et messires Thiebaus de Moruel, à bien quatre cens lances sans les bidaus, s'en vinrent devant le Kesnoy et approchièrent le ville jusques as barrières, et fisent samblant qu'il le vorroient assallir; mes elle estoit si bien pourveue de bonnes gens d'armes et de grant artillerie qu'il y euissent perdu leur painne. Nompourquant il escarmucièrent un petit devant les bailles, mais on les fist tantost retraire, car cil dou Resnoi descliquièrent canons et bombardes qui jet toient grans quariaus (CRO, 1, p.14, L. 13-24).*

## 5.1.2.1.2 Feitas pelo homem

**BASELAIRE**

**s.m.** pl. *baselaires*; fr. mod.: *baselarde*. Arma de lâmina longa e simétrica. Muito usada na Europa entre os séculos XIV e XV.

*Si les convint juner tout le jour ensi que la nuit, et les chevaus mengier terre pour le wason, ou bruière et fuelles d'arbres, et coper plançons de bois à leurs espées et leurs baselaires, tous ploians, pour leurs chevaus loier, et verghes pour faire huttelètes pour yaus mucier (CRO, 1, p. 59, L. 6-12).*

**BOMBARDE**

**s.f.** pl. *bombardes*; fr. mod.: *bombarde*. Peça de artilharia militar, anterior ao canhão. Era movida a pólvora e utilizada para atirar bolas de pedra.

*[...] mes elle estoit si bien pourveue de bonnes gens d'armes et de grant artillerie qu'il y eussent perdu leur painne. Nompourquant il escarmucièrent un petit devant les bailles, mais on les fist tantost retraire, car cil dou Kesnoi descliquièrent canons et bombardes qui jettoient grans quariaus (CRO, 2, p.14, L. 18-24).*

## **BOURLET**

**s.m.** pl. *boulés*. Objeto esférico, bola.

*Et là eut bon hustin et dur, car li chevaliers bourghignons se mist à deffense bien et hardiement, et li aucun de se route, et non pas tout, car il y eut pluseurs bidaus qui fuirent; mais il furent de si priés encauciet des Alemans et des villains dou pays, qui les sievoient, as plançons et as **boulés**, que petit en escapèrent qu'il ne fuissent mort et atieret (CRO, 2, p. 58, L. 3-10).*

## **CANON**

**s.m.** pl. *canons*; var. *kanon(s)*; fr. mod.: *canon*. Peça de artilharia militar feita de ferro em forma cilíndrica. É movido a pólvora e utilizado para disparar um projétil, em geral bolas de pedra, ou ferro. Pode ser utilizado tanto em campo terrestre quanto em navios.

*[...] mes elle estoit si bien pourveue de bonnes gens d'armes et de grant artillerie qu'il y eussent perdu leur painne. Nompourquant il escarmucièrent un petit devant les bailles, mais on les fist tantost retraire, car cil dou Kesnoi descliquièrent **canons** et bombardes qui jettoient grans quariaus (CRO, .2, p.14, L. 18-24).*

*Li signeur d'Escoce, qui furent enfourmé de le venue dou roy englès qui venoit sus yaus, et qui le dit chastiel de Struvelin avoient assegiet, se hastèrent telement et si com straindirent chiaus de le ditte garnison, par assaus d'engiens et de **kanons**, que par force il les couvint rendre as Escos (CRO, 2, p. 117, L. 5-11).*

## **ENGIEN**

**s.m.** pl. *engiens*; fr.mod.: *engin*. Termo genérico empregado para designar um grupo de máquinas ou instrumentos de guerra utilizadas tanto para ataque (armas de cerco), quanto para defesa.

*Et fist li dus là amener et achariier six grans **engiens** de Cambray et de Douay, et les fist drecier et asseoir fortement devant le forterèce. Chil **engien** y gettoient nuit et jour pières et mangonniaus à grant fuison, qui effondroient et abatoient les combles et*

*les tois des tours, des cambres et des salles, et constraindirent par ce dit assaut durement chiaus dou chastiel* (CRO, 2, p. 24, L. 22-29).

### **ESCUT**

**s.m.** fr. mod.: *écu*. Arma de braço defensiva de forma arredondada ou oval para amortecer um ataque.

*Si leur avoit donnet à chapitaines un moult gentil prince et vaillant en armes, c'est assavoir le conte de Moret qui portoit un **escut** d'argent à trois orilliers de geules, et monsieur Guillaume de Douglas, que on tenoit pour le plus hardi et le plus entreprenant de tout les deus pays, et portoit un **escut** d'asur à un chief d'argent et trois estoilles de geules dedens l'argent. Et estoient cil doi signeur li plus haut baron et li plus poissant de tout le royaume d'Escoce, et li plus renommé en biaux fais d'armes et en grans proèces* (CRO, 1, p.53 , L. 9-20).

### **ESPÉE**

**s.f.** fr. mod.: *épée*. Arma branca de lâmina com dois gumes, com punho e guarda.

*Et moult souvent on cria celi jour as armes, et disoit on que li premier se combatoient as ennemis; si ques cescuns, qui cuidoit que ce fust voirs, se hastoit quanqu'il pooit parmi mares, parmi pières et cailliaus, et parmi valées et montaignes, le hyaume apparilliet et escut au col, le glave ou **espée** ou poing, sans attendre père ne frère ne compaignon* (CRO, 1, p. 56, l. 26-32; 57, L. 1).

### **GLAVE**

**s.m.** pl. *glaves*; fr. mod.: *glaive*. Arma branca de lâmina fina e pontiaguda e de peso leve.

*Et là y eut pluseurs belles baceleries et apertises d'armes faites. Et moult vassaument se combatirent li Flamenclî. Ossi moult baclielereusement les requisent li Englès. Et là fu moult bons chevaliers li contes Derbi, et s'avança de premiers si avant qu'il fu en lançant de **glaves**, mis par terre* (CRO, 1, p.137, L. 5-10).

### **GOUDENDARD**

**s.m.** pl. *goudendars*; fr. mod.: *godendard*. Arma de haste utilizada em geral por combatentes a pé.

*Car quant il sentoient le feu, il s'esvilloient et cuidoient sallir hors; mais il estaient decaciet ens de leurs ennemis à plançons et à **goudendars**. Toutes fois, il en y eut un qui salli hors, mais il fu pris par pies et par gambes et par bras, et jettes en un grant feu qui estoit fais devant le dit logis, et là fu tous ars (CRO, 2, p. 19, L. 10-16).*

## HACE

**s.f.** pl. *haces*; fr. mod.: *hache*. Arma de combate com o cabo de madeira ou ferro, como em um martelo; a extremidade é em ferro, com uma lâmina afiada. Pode apresentar formatos variados. Um dos tipos está ilustrado na figura 11.

*Et en y eut dou tret à ce premiers moult de mehagniés. Et prisent terre li baron et li Chevalier d'Engleterre, et s'en vinrent combatre as **haces**, as espées et as glaves, li un à l'autre (CRO, 1, p. 137, L. 1-4).*

**Figura 11:** Machado de guerra gótico fins do século XV



**Fonte:** Canby (1965, p. 44)

## HAVET

**s.m.** Peça de metal com uma curvatura em forma de gancho.

*Là se commença bataille dure et forte, de tous costés. Et arcier et arbalestrier commencièrent à traire l'un contre l'autre diversement et roidement, et gens d'armes à approcier et à combatre main à main asprement et hardiement. Et par quoi il peuis sent mieus avenir li un à l'autre, il avoient grans cros et **havés** de fier tenans à chainnes; si*

*les jettoient ens es nefz li un de l'autre, et les atachioient ensamble, à fin qu'il se peussent mieulz aherdre et plus fièrement combatre (CRO, 2, p. 36, L. 17-26).*

### **LANCE**

**s.f.** pl. *lances*; fr. mod.: *lance*. Haste de madeira e ferro.

*En ce temps parloit on de hyaumes couronnés ; et ne faisoient li signeur nul compte d'aultres gens d'armes, s'il n'estoient à hyaumes et à timbres couronnés. Or est cilz estas mués maintenant; on parolle de **lances** ou de glaves et de jakes (CRO, 1, p.126, L. 1-6).*

### **MAILLEL**

**s.m.** pl. *maulz*; fr. mod.: *maillet*. Instrumento que é tradiconamente feito de madeira, podendo ser de ferro ou chumbo. Tem sua forma semelhante ao martelo e a marreta.

*Si fisent li dis messires Gautiers et si compaignon, que li fosset furent rempli, à l'un des costés, d'estrain et de bois, par quoi il parvinrent jusques as murs, et pikièrent tant de grans **maulz** de fer, de pik et de martiaus, que li murs fu trawés une toise de large (CRO, 2, p.168 , L. 1-6).*

### **MANGONNIEL**

**s.m.** pl. *mangonniaus*; fr. mod.: *mangonneau*. Máquina de guerra que lança grande pedras ou dardos; Manganela. Tudo aquilo que era disparado pela máquina de mesmo nome.

*Chil engien y gettoient nuit et jour pières et **mangonniaus** à grant fuison, qui effondroient et abatoient les combles et les tois des tours, des cambres et des salles, et constraindirent par ce dit assaut durement chiaus dou chastiel (CRO, 2 p.24, L. 25-29).*

### **MARTEL**

**s.m.** pl. *martiaus*; fr. mod.: *marteau*. Arma de guerra que, assim como o maulz (maillet), pode ser feita a partir da madeira, ferro ou chumbo. Tem sua forma semelhante ao maço e a marreta.

*Si fisent li dis messires Gautiers et si compaignon, que li fosset furent rempli, à l'un des costés, d'estrain et de bois, par quoi il parvinrent jusques as murs, et pikièrent tant de grans maulz de fer, de pik et de **martiaus**, que li murs fu trawés une toise de large (CRO, 2, p.168 , L. 1-6).*

**PIK**

**s.f.** fr. mod.: *pic, pioche*. Instrumento formado por um cabo, geralmente de madeira, e por um ferro recurvado de de uma ou duas pontas.

*Si fisent li dis messires Gautiers et si compaignon, que li fosset furent rempli, à l'un des costés, d'estrain et de bois, par quoi il parvinrent jusques as murs, et pikièrent tant de grans maulz de fer, de pik et de martiaus, que li murs fu trawés une toise de large* (CRO, 2, p.168 , L. 1-6).

**PIKE**

**s.f.** pl. *pikes*; fr. mod.: *pique*. Arma de arremesso, da família da lança. Era utilizada em geral por membros a pé, em especial os membros da infantaria.

*Lors commença li hustins à renforcer, et li arcier si fort à traire que Geneuois et Espagnol furent desconfit et priés que tout mort et tuet à grant meschief, car cil dou pays qui les sievoient à bourlès et à pikes y sourvinrent, qui les partuèrent tous, et rescouoient ce qu'il pooient de leur perte [...] (CRO, 2, p. 161, L. 26-32).*

**PLANÇON**

**s.m.** pl. *plançons*; fr. mod.: *plançon*. Arma de haste e de choque usada na Europa Ocidental em especial na região de Flandres.

*Si boutèrent cil dit compaignon de Valenciènes le feu en ces logis, et ardirent là dedens le[s] dis brigans. Car quant il sentoient le feu, il s'esvilloient et cuidoient sallir hors; mais il estaient decaciet ens de leurs ennemis à plançons et à goudendars. Toutes fois, il en y eut un qui salli hors, mais il fu pris par pies et par gambes et par bras, et jettes en un grant feu qui estoit fais devant le dit logis, et là fu tous ars* (CRO, 2, p.12, L. 8-16).

**TARGE**

**s.f.** fr. mod.: *targe*. Tipo de escudo, geralmente em formado quadrado, utilizado por combatentes a pé.

*Et là fu consievis à meschief d'une pière grosse et villainne uns bons escuiers de Haynau, qui se tenoit tout devant pour son corps avancier, Bauduins de Biaufort, et reçut un si dur horion sus sa targe, que on li esquartela et fendi en deus moitiés, et eut romput le brach dont il le portoit* (CRO, 1, p. 201, L. 8-14).

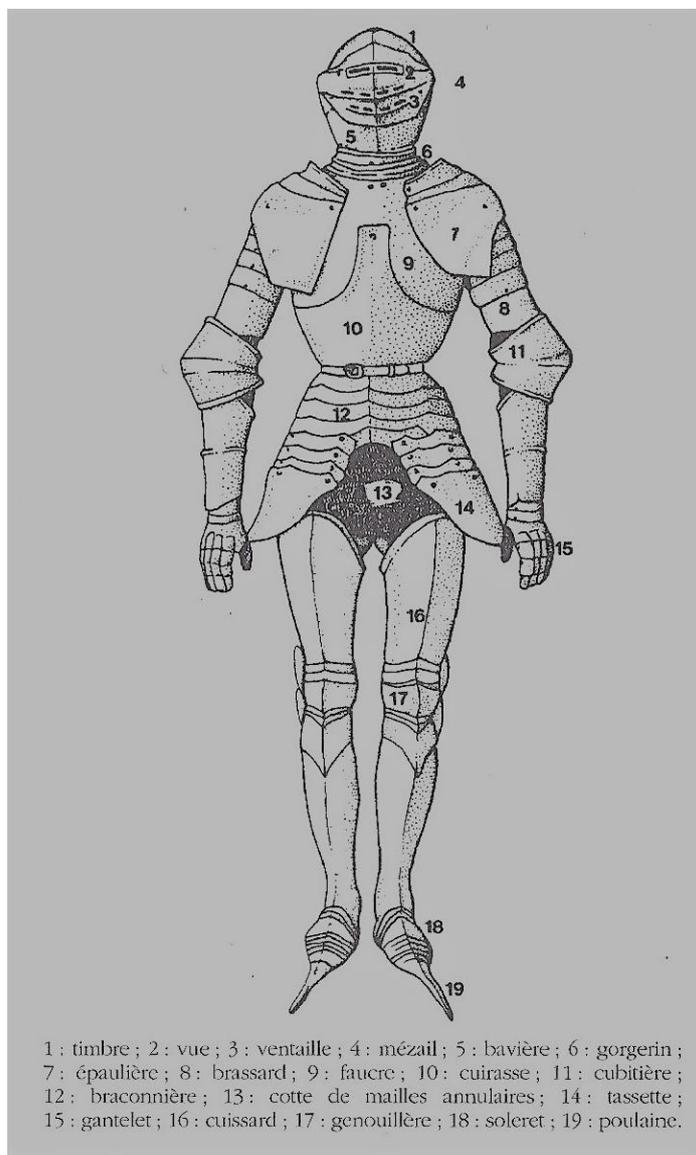
## 5.1.2.2 Vestimentas

**ARMEURE**

**s.f.** pl. *armeures*; fr. mod.: *armure*. Conjunto armas defensivas que recobriam o corpo do combatente, como se pode ver na figura 12.

*Et avoient gardes et escoutes en certains lieux par quoi, se cil sentissent ne oïssent riens, il le segnefiassent en l'ost. Et gisoient lo pries que tout li signeur en leurs armeures. En cel estat furent il vingt et deus jours sus ces deus montagnes, li uns devant l'autre. Et tous les jours y avoit des escarmuces, et escarmuçoit qui escarmucier voloit* (CRO, 1, p.69, L. 8-14).

**Figura 12:** Armure



**Fonte:** Touati (2007, p.32)

## AUQUETON

**s.m.** var. *auketon(s)*; fr. mod.: *hoqueton*. Veste que os homens de armas usavam sobre a camisa de malha.

*Et li Alemans le consievi par tel manière, de son glave roide et enfumée, que onques ne brisa ne ne ploia, mes percha la targe, les plates et l'auqueton, et li entra dedens le corps, et le poindi droit au coer, et l'abati jus dou cheval navré à mort (CRO, 2, p.22, L. 20-24).*

*Et ne savoient de quoi chiaus ferrer qui estoient deferret, ne de quoi couvrir, fors que de leurs tournikiaus d'armes. Et ossi n'avoient li plus grant partie que vestir, ne de quoi couvrir pour plueve, ne pour le froit, fors que de leurs auketons et de leurs armeures (CRO, 1, p.60, L. 25-30).*

*Et li Alemans le consievi par tel manière, de son glave roide et enfumée, que onques ne brisa ne ne ploia, mes percha la targe, les plates et l'auqueton, et li entra dedens le corps, et le poindi droit au coer, et l'abati jus dou cheval navré à mort (CRO, 2, p.22, L. 20-24).*

## BACINET

**s.m.** pl. *bacinès*; fr. mod.: *bassinet*. Pequeno chapéu redondo de ferro que os homens de arma usavam sobre a camisa de malha.

*Li sires de Montmorensi, qui bien se donna à garde de ce tour, se prist à deffendre vassaument, comme fors et hardis chevaliers, pour lui délivrer de ce péril et des mains le signeur de Sconnevort; et feroit à main tas de sen espée sus le bacinet et sus le dos le signeur de Sconnevort (CRO, 1, p. 75-76, L. 28-32/1).*

*De quoi cil qui estoient derrière cuidoient que cil de devant se combatissent, et li pluseur qui se tenoient en leurs batailles tous rengiés fesissent otel. Si misent li pluseur vistement leurs bacinès en leurs testes et prisent leurs glaves. Là y eut fais pluseur novviaux chevaliers (CRO, 1, p. 182, L. 4-9).*

## ESPORON

**s.m.** pl. *esporons*; fr. mod.: *éperon*. Peça metálica utilizada no calcanhar de um cavaleiro com uma roda com pontas serve para esporear o cavalo.

*Quant li signeur d'Engleterre veirent le convenant des Escos, il fisent toutes leurs gens traire à piet, et oster les esporons, et rengier les trois batailles, ensi que ordonné avoient en devant. Là endroit, furent fait grant fuison de novviaux chevaliers.*

*Quant ces batailles furent rengies et ordonnées, aucun des signeurs d'Engleterre amenèrent le jonc roy à cheval par devant toutes les batailles, pour les gens d'armes plus resbaudir (CRO, 1, p.64, L. 6-14).*

### **HAUBREGON**

**s.m.** fr. mod.: *haubergeon*. Camisa de malha, com mangas e capuz.

*[...] et tenoit un glave roit et fort à un lonch fer bien aceret, et desous ce fier avoit un havet agut et prendant: si ques, quant il avoit lanciet et il pooit sachier, en fichant le havet en plates ou en **haubregon** dont on estoit armet, il couvenoit c'on en venist ou c'on fust reversé en l'aigüé. Par ceste manière, en atrapa il et noia ce jour plus de une dousainne. Et fu à celle porte li assaus plus grans que nulle part (CRO, 2, p.63, L. 19-27).*

### **HYAUME**

**s.m.** fr. mod.: *heaume*. Grande capacete usado pelos homens de armas.

*Et moult souvent on cria celi jour as armes, et disoit on que li premier se combatoient as ennemis; si ques cescuns, qui cuidoit que ce fust voirs, se hastoit quanqu'il pooit parmi mares, parmi pières et cailliaus, et parmi valées et montaignes, le **hyaume** apparilliet et escut au col, le glave ou espée ou poing, sans attendre père ne frère ne compaignon (CRO, 1, p. 56, l. 26-32; 57, L. 1).*

### **JAKE**

**s.m.** pl. *jakes*. Vestimenta curta que se usava por cima da cota de malhas.

*En ce temps parloit on de hyaumes couronnés ; et ne faisoient li signeur nul compte d'aultres gens d'armes, s'il n'estoient à hyaumes et à timbres couronnés. Or est cilz estas mués maintenant; on parolle de lances ou de glaves et de **jakes** (CRO, 1, p.126, l. 1-6).*

### **MANTEL**

**s.m.** pl. *mantiaus*; fr. mod.: *manteau*. Vestimenta ampla, sem mangas na Idade Média, usada sobre as demais peças.

*Si s'en retourna li hiraus arrière devers ses signeurs, bien revestis de bons **mantiaus** fourés, que li rois de France et li signeur li donnèrent, pour les riches nouvelles qu'il avoit aportées (CRO, 1, p. 175, L.19-22).*

**PLATE**

**s.f.** pl. *plates*; fr. mod.: *plate*. Placa de metal utilizada por cima da camisa de malha a título de proteção.

*Et li Alemans le consievi par tel manière, de son glave roide et enfumée, que onques ne brisa ne ne ploia, mes percha la targe, les **plates** et l'auqueton, et li entra dedens le corps, et le poindi droit au coer, et l'abati jus dou cheval navré à mort* (CRO, 2, p.22, L. 20-24).

**TABAR**

**s.m.** fr. mod.: *tabard*. Manto longo, de tecido espesso, usado sobre a armadura.

*Li dis messires Thumas Wage fist bien et fort loier monsigneur Huon le Despensier sour le plus petit magre et chetif cheval qu'il pot trouver, et li fist faire à viestir un **tabar** et afubler par dessus son abit le dit tabar, semet de telz armeures qu'il soloit porter [...]* (CRO, 1, p. 33, L. 25-30).

**TIMBRE**

**s.m.** pl. *timbres*; fr. mod.: *timbre*. Parte recurvada e mais alta de um capacete.

*En ce temps parloit on de hyaumes couronnés; et ne faisoient li signeur nul compte d'aultres gens d'armes, s'il n'estoient à hyaumes et à **timbres** couronnés. Or est cilz estas mués maintenant; on parole de lances ou de glaves et de jakes* (CRO, 1, p. 126, L. 1-6).

## 5.1.2.3 Insígnias e acomodações

**BANIÈRE**

**s.f.** fr. mod.: *bannière*. Insígnia sobre a qual marcham os que prestam serviço militar.

*Et fisent demorer tous les garçons en leurs logeis, pour garder leurs chevaus. Si se tinrent ensi celle nuit tout armé, cescuns desous se **banière** ou sen penonciel, si com il estoit ordonnés, pour attendre l'aventure* (CRO, 1, p. 70, L. 4-8).

**GEULES**

**s.f.** fr. mod.: *gueules*. Tom de vermelho específico de algumas armas.

*Li Haynuier, qui jà estoient tout escauffé, perchurent le banière de Moriaumés qui estoit toute droite ; si cuidièrent que ce fust li leurs où il se dévoient radrecier; car moult petit de differense y avoit de l'un à l'autre, car les armes de Moriaumés sont vairiet com tre vaiïiet, à deux kievirons de geules [...] (CRO, .2, p. 60, L. 21-27).*

### **KIEVIRON**

**s.m.** pl. kievirons; fr. mod.: chevron. Ornamento em forma de “<” presente nos escudos dos combatentes.

*Li Haynuier, qui jà estoient tout escauffé, perchurent le banière de Moriaumés qui estoit toute droite ; si cuidièrent que ce fust li leurs où il se dévoient radrecier; car moult petit de differense y avoit de l'un à l'autre, car les armes de Moriaumés sont vairiet com tre vaiïiet, à deux **kievirons** de geules; [...] (CRO, 2, p. 60, L. 21-27).*

### **PAVILLON**

**s.m.** pl. *pavillons*; fr. mod.: *pavillon*. Tenda militar portátil, podendo ter formato redondo ou quadrado. Se diferencia das *tentes* por ser mais largo (enquanto estas são mais longas).

*L'endemain, il se deslogièrent et se traisent par devers le cité de Nantes; si le asségièrent tout au tour. Et fisent tendre tentes et **pavillons** si bellement et si ordonneement que vous savés que François scèvent bien faire. Et cil qui estoient dedens le cité pour le garder, dont il y avoit grant fuison de gens d'armes avoecques les bourgeois, se alèrent tout armer et se maintinrent celui jour moult bellement, cescuns à as deffense, ensi qu'il estoit ordonnés (CRO, 2, p.110, L. 22-30).*

### **PENONCIEL**

**s.m.** fr. mod.: *panonceau*. Pequena bandeira atada a lança do cavaleiro.

*Et fisent demorer tous les garçons en leurs logeis, pour garder leurs chevaus. Si se tinrent ensi celle nuit tout armé, cescuns desous se banière ou sen **penonciel**, si com il estoit ordonnés, pour attendre l'aventure (CRO, 1, p. 70, L. 4-8).*

### **PENNON**

**s.m.** pl. *pennons*; fr. mod.: *pennon*. Bandeira triangular com longa ponta levada por um cavaleiro.

*A l'endemain au matin que cil de Valenciènes se furent retret, li contes de Haynau se parti dou siège de Tournay, si com dessus est dit, à grant compagnie de gens d'armes, de banières et de pennons, et s'en vint devant Saint Amand, au lés par devers Mortagne (CRO, 2, p. 67, L. 10-15).*

## **TENTE**

**s.f.** pl. tentes; fr. mod.: tente. Abrigo feito de tecido.

*Et se tenoient tout cil Flamench, dont li dessus dit estoient chief., ou val de Cassiel, logiés as tentes et as très, et à grant arroi, pour contrestre contre les garnisons françoises que li rois Phelippes avoit envoies à Saint Orner, à Aire, à Saint Venant, et enses villes et forterèces voisines (CRO, 2, p. 77, L. 2-7).*

### **5.1.3 Os meios de transporte**

#### **5.1.3.1 Aquáticos**

## **BARGE**

**s.m.** pl. barges. Embarcação rasa.

*Si fist li rois Phelippes, comme chiés de ceste emprise, le plus grant et le plus biel appareil qui onques eüst estet fais pour aler oultre mer, ne dou temps Godefroi de Buillon, ne d'aultre. Et avoit retenu et mis en certains pors, c'est assavoir de Marseille, de Aiguemortes, de Lattes, de Nerbonne et d'environ Montpellier, tel quantité de vaissiaus, de naves, de carrakes, de gallé[es] et de barges, que pour passer et porter soissante mil hommes et leurs pourveances (CRO, 1, p. 117, L. 18-27).*

## **BATELET**

**s.m.** Pequeno barco feito de galhos de árvores.

*Si lor avint grant merveille et grant miracle, car il furent onze jours tous plains en ce batelet, et s'efforçoient de nagier tant qu'il pooient, mais il ne pooient si lonch nagier que tous les jours li vens, qui leur estoit contraíres par le volenté de Dieu, les*

*ramenoit çascun jour, une fois ou deus, à mains de le quarte partie d'une lieue priés dou dit chastiel dont il estoient parti (CRO, 1, p. 31, L. 24-31).*

### **BATIEL**

**s.m.** pl. *batiaus*; fr. mod.: *bateau*. Embarcação, de início, para meio fluvial.

*Là eut grant escarmuce des uns as aultres, et pluseur quariel tret et lanciet, et tamaint homme navret et bleciet. Entrues qu'il entendoient au paleter, li compaignon de Thun l'evesque, messires Richars de Limozin et li aultre se partirent dou chastiel et se misent en l'Escaut. On leur ot appareilliet **batiaus** et nacelles, en quoi on les ala quérir d'autre part le rivage [...] (CRO, 1, p. 29, L.10-18).*

### **CARRAKE**

**s.f.** pl. *carrakes*; fr. mod.: *carraque*. Grande embarcação do Mediterrâneo.

*Si fist li rois Phelippes, comme chiés de ceste emprise, le plus grant et le plus biel apparel qui onques eüst estet fais pour aler oultre mer, ne dou temps Godefroi de Buillon, ne d'aultre. Et avoit retenu et mis en certains pors, c'est assavoir de Marseille, de Aiguemortes, de Lattes, de Nerbonne et d'environ Montpellier, tel quantité de vaissiaus, de naves, de **carrakes**, de **gallé[es]** et de barges, que pour passer et porter soissante mil hommes et leurs pourveances (CRO, 1, p. 117, L. 18-27).*

### **GALLÉ**

**s.f.** pl. *gallés*; fr. mod.: *galée, galère*. Embarcação de guerra caracterizado por ser longo e estreito.

*Si fist li rois Phelippes, comme chiés de ceste emprise, le plus grant et le plus biel apparel qui onques eüst estet fais pour aler oultre mer, ne dou temps Godefroi de Buillon, ne d'aultre. Et avoit retenu et mis en certains pors, c'est assavoir de Marseille, de Aiguemortes, de Lattes, de Nerbonne et d'environ Montpellier, tel quantité de vaissiaus, de naves, de **carrakes**, de **gallé[es]** et de barges, que pour passer et porter soissante mil hommes et leurs pourveances (CRO, 1, p. 117, L. 18-27).*

**HOKEBOT**

**s.m.** pl. *hokebos*. Embarcação de pequeno porte empregada em meio fluvial. Tem entre suas características a pouca capacidade de transporte.

*Et estoit toute sa navie partie dou havene de Tamise, et s'en venoit droitement pour arriver à l'Escluse. Et adonc se tenoient entre Blankebergbe et l'Escluse et sus le mer messires Hues Kierés, messires Pières Babucés et Barbevaire, à plus de sept vint gros vaissiaus sans les **hokebos**. Et estoient bien Normans, Bidaus, Geneuois et Pikars quarante mille (CRO, 2, p. 34, L. 13-19).*

**NACELLE**

**s.f.** pl. *nacelles*; fr. mod.: *nacelle*. Pequena embarcação a remos.

*Là eut grant escarmuce des uns as aultres, et pluseur quariel tret et lanciet, et tamaint homme navret et bleciet. Entrues qu'il entendoient au paleter, li compaignon de Thun l'evesque, messires Richars de Limozin et li aultre se partirent dou chastiel et se misent en l'Escaut. On leur ot appareilliet batiaus et **nacelles**, en quoi on les ala quérir d'autre part le rivage (CRO, 1, p. 29, L.10-18).*

**NEF~NAVE**

**s.f.** pl. *nefs*; var. *nave(s)*; fr. mod.: *nave*. Termo genérico para designar embarcações de grande porte.

*Et entrèrent li dit Normant et Geneuois en le ville et le prisent et le pillièrent et robèrent tout entirement, et y tuèrent moult de gens, et violèrent pluseurs dames et pucelles, dont ce fudamages; et chargièrent leurs naves et leurs vaissiaus dou grant pillage qu'il trouvèrent en le ville, qui estoit plainne et drue et bien garnie, et puis rentrè rent en leurs **nefs** (CRO, 1, p. 158, L. 12-19).*

*Et entrèrent li dit Normant et Geneuois en le ville et le prisent et le pillièrent et robèrent tout entirement, et y tuèrent moult de gens, et violèrent pluseurs dames et pucelles, dont ce fudamages; et chargièrent leurs **naves** et leurs vaissiaus dou grant pillage qu'il trouvèrent en le ville, qui estoit plainne et drue et bien garnie, et puis rentrè rent en leurs *nefs* (CRO, 1, p. 158, L. 12-19).*

**VAISSIEL**

**s.m.** pl. *vaissiaus*; fr. mod.: *vaisseau*. Embarcação marítima de grande porte, geralmente utilizada em contexto bélico.

*Si misent leurs vaissiaus en bon estât, car il estoient sage de mer et bom combatant. Et ordonnèrent Christofle, le grant vaissiel que conquis avoient sus les Englès en celle meisme anée, tout devant, et grant fuison d'arbalestriers geneuois dedens, pour le garder et traire et escar mucier as Englès (CRO, 2, p. 36, L. 08-14).*

### 5.1.3.2 Terrestres

#### **BAHUT**

**s.m.** fr. mod.: *bahut*. Tipo de carroça.

*Premièrement, il fu traynés sour un bahut, à trompes et à trompètes, par toute la ville de Harfort, de rue en rue. Et puis fu amenés en une grant place, en le ville, là où tous li peuples estoit assablés (CRO, 1, p. 34, L. 15-19).*

#### **CHARÈTE**

**s.f.** pl. *charète*; fr. mod.: *charrete*. Veículo de duas rodas, com varal, de uso rústico.

*Quant il eurent là séjourné par l'espace de trois semaines après le bataille, on leur fist à savoir de par le roy et les mareschaus que cescuns se pour veist, dedens celle aultre sepmainne, de charètes et de tentes pour gésir as camps, et de tous aultres hostilz nécessaires, pour aler oultre par devers Escoce, car li rois ne voloit là plus séjourner (CRO, 1, p. 50, L. 1-7).*

#### **CHAROY**

**s.m.** pl. *charois*; fr. mod.: *charroi*. Conjunto de *chariots* em marcha ou o seu conteúdo.

*Nous parlerons premièrement de l'ordenance des Englès, qui se traient sus les camps, et ordonnèrent trois batailles bien et faiticement et toutes trois à piet, et misent leurs chevaus et tout leur harnois en un petit bois qui estoit derrière yaus, et arroutèrent tout leur charoy par derrière yaus, et s'en fortifièrent (CRO, 1, p.177, L.18-24).*

*[...] et à le tierce fois que cescuns montast sans atargier et se traisist à se banière, et que cescuns presist sans plus un pain et le tour sast derrière lui à guise de brakenier; et ossi que cescuns laissast là endroit tous harnas, tous charois et toutes pourveances, car on se combateroit l'endemain, à quel meschief que ce fust : si aroit on ou tout perduto ou tout gaegniet (CRO, 1, p. 56, L.1-8).*

## CHEVALET

**s.m.** pl. *chevalés*; fr. mod.: *petit cheval*. Cavalo de pequeno porte.

*Quant il furent arrivet, il issirent hors par nuit, et prisent dix ou douze des compagnons ens es quelz ilz se confioient le plus, et se vestirent de povres cotes deschirées et de povres capiaus, à guise de povres marcheans, et chargièrent douze petis **chevalés** de douze sas [...] (CRO, 2, p. 51, L. 19-24).*

## COURSIER

**s.m.** pl. *coursiers*; fr. mod.: *coursier*. Cavalo de grande porte tendo como uma das principais características a velocidade. Era largamente utilizado em guerra devido a sua rapidez.

*En tel point estoient il entré en celi pays dessus dit. Si le gastoient et ardoient, et trouvoient tant de bestes qu'il n'en savoient que faire. Et avoient bien trois mille armeures de fier, chevaliers et eseuiers, montés sus bons roncins et bons **coursiers** [...] (CRO, 1, p. 52-53 L. 30-32/1-2).*

## HAGENÉE

**s.f.** pl. *hagenées*; fr, mod.: *haquenée*. Égua de menor porte em relação aos *roncins* e aos *coursiers*. Eram geralmente utilizados, em especial, para o transporte de mulheres, podendo ser visto também nas guerras para transporte de pessoas no geral.

*Certain est, quant il voelent entrer en Engleterre, il sont tout à cheval uns et aultres, fors mis li ribaudaille qui les sièvent à piet. Assavoir, sont Chevalier et escuier bien montés sour bons gros roncins, et les aultres communes gens del pays tout sour petites **hagenées**. Et si ne mainnent point de charoy, pour les diverses montagnes qu'il ont à passer, et parmi che pays dessus dit que on claimme Northombrelande (CRO, 1, p. 51-52 L.29-31/1-6).*

## HARNAS

**s.m.** fr. mod.: *harnais*. Reunião dos equipamentos que podiam estar relacionadas tanto ao soldado quanto a seu cavalo.

*Si lisent tant par leurs journées que il vinrent à Dourdresk, en Hollandes. Là endroit se pourveirent de naves et de vaissiaus grans et petis, ensi qu'il les peurent trouver, et misent dedens leurs chevaus, leurs **harnas** et leurs pourveances. Et quant il eurent par avis vent bon pour eulz, il se commandèrent en le garde de Nostre Seigneur,*

*et entrèrent en leurs vaissiaus, et desancrèrent et se misent en mer. Et n'estoient non plus de trois cens armeures de fier* (CRO, 1, p. 25, L. 19-28).

### MULET

**s.f.** pl. *mulés*; fr. mod.: *mulet*. Montaria oriunda do cruzamento de um jumento com uma égua ou de um cavalo com uma jumenta.

*Et avoecques yaus vinrent gens pour gaegnier, qui amenoient sous petis che valés et petis **mulés**, pain mal cuit en paniers, povre vin en grans barilz, et aultres denrées à vendre [...]* (CRO, 1, p. 60 L. 1-4).

### RONCIN

**s.m.** pl. *roncins*; fr. mod.: *roncin*. Cavalo comum empregado para o transporte de cargas e utilizado no cotidiano de modo geral.

*Certain est, quant il voelent entrer en Engleterre, il sont tout à cheval uns et aultres, fors mis li ribaudaille qui les sièvent à piet. Assavoir, sont Chevalier et escuier bien montés sour bons gros **roncins**, et les aultres communes gens del pays tout sour petites hagenées* (CRO, 1, p. 51-52 L. 29-31/1-6).

### SOMMIER

**s.m.** pl. *sommiers*; fr. mod.: *sommier*. Cavalo de carga.

*Et si y demorèrent grant fuison de banières, à tout les chevaus, en pluseurs lieus, et grant fuison de **sommiers** et de chevaus, qui onques puis n'en issirent. Et moult souvent on cria celi jour as armes, et disoit on que li premier se combatoient as ennemis [...]* (CRO,1, p. 56, L. 23-28).

Segue-se a listagem alfabética das lexias:

<b>Lexia</b>	<b>Página</b>	<b>Lexia</b>	<b>Página</b>
ARBALESTRIER	80	BAHUT	105
ARCHIER~ARCIER	80	BAILLE	81
ARMEURE	97	BANIÈRE	100
AUQUETON~AUKETONS	98	BARGE	102
BACHELER~BACELER	80	BARON	81
BACINET	98	BASELAIRE	91

<b>Lexia</b>	<b>Página</b>	<b>Lexia</b>	<b>Página</b>
BATELET	102	GAITTE	86
BATIEL	103	GALLÉ	103
BAUCH~BAUS	89	GEULES	100
BIDAU	81	GLAVE	93
BOMBARDE	91	GOUDENDARD	93
BOURLET	92	HACE	94
BRAKENIER	81	HAGENÉE	106
BRIGAN	82	HARNAS	106
CAILLIEL	90	HAUBREGON	99
CANON~KANON	92	HAVET	94
CARRAKE	103	HIRAULT	87
CAUCH	90	HOKEBOT	104
CHARÈTE	105	HYAUME	99
CHARETON	82	JAKE	99
CHAROY~CHAROIS	105	KESNE	90
CHEVALET	106	KIEVIRON	101
CHEVALIER	82	LANCE (1)	87
CHEVALIER	83	LANCE (2)	95
BANIÈRE~BANÈRES			
CHEVALIER BANERETH	84	MAILLEL	95
CONTE~CONTESSE	84	MAIRIEN	95
COUREUR	84	MANGONNIEL	95
COURSIER	106	MANTEL	99
DAMOISIEL	85	MARCIS~MARKIS	87
DUCH~DUS~DUC	85	MARESCHEL	88
ENGIEN	92	MARTEL	95
ESCOUTE	85	MULET	107
ESCUIER	86	NACELLE	104
ESCUT	93	NEF~NAVE	104
ESKIEVIN	86	PAVILLON	101
ESPÉE	93	PENNON	101
ESPORON	98	PENONCIEL	101

<b>Lexia</b>	<b>Página</b>	<b>Lexia</b>	<b>Página</b>
PIÈRE	91	RONCIN	107
PIKE	96	SERGAN	89
PLANÇON	96	SOMMIER	107
PLATE	100	TABAR	100
PRINCE	88	TARGE	96
QUARIEL~QUARIAUS	91	TENTE	102
RIBAUDAILLE	88	TIMBRE	100
ROI~ROY~ROYNE	88	VAISSIEL	105

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, conclui-se que para o estudo do vocabulário da guerra nas *Chroniques* de Jean Froissart foi necessário não apenas os conhecimentos relacionados a língua francesa do período medieval, com suas características e nuances que tanto a diferenciam (ou a aproximam) da língua francesa atual. Para compor este vocabulário foi preciso também revisitar alguns conhecimentos acerca da sócio-história da época e também compreender os fatores culturais do período.

Em seu texto Jean Froissart assume um lugar de fala que permite ao leitor conhecer, mesmo que apenas de forma parcial, a sociedade da época. Cônego; nascido no condado de Hainaut; falante dialeto francês da região da Valônia; secretário da rainha Filipa; protegido de duques e condes; cronista e poeta... todas estas faces compõem o autor, que em língua francesa, narrou, a pedidos de aliados da corte inglesa, uma variedade de eventos ocorridos ao longo do século XIV.

O vocabulário empregado por Froissart, e aqui estudado, é um registro da sociedade militar do seu tempo. Ao narrar a Guerra dos Cem Anos, o seu lugar de fala se manifesta através das suas escolhas lexicais. Assim, este trabalho vinculou-se aos estudos lexicográficos, mas, buscou também uma base nos estudos filológicos, visto que, para um bom trabalho de cunho linguístico, neste caso em especial, acerca do léxico, é necessário a escolha de uma boa edição e de um trabalho de reflexão diante do texto e do autor que o escreve.

Com possibilidades de temas variados, um recorte foi feito para os *atores*, as *utensílios* e os *meios de transporte* relativos à guerra. Ao total foram encontradas noventa e sete lexias. Todas as lexias são substantivos. Conforme o esperado, o grupo com maior quantidade de lexias foi o campo *dos utensílios de guerra*. Dividido em três subcampos (armas; vestimentas; insígnias militares e acomodações), teve ao total quarenta e oito lexias. Notou-se neste grupo a existência de quatorze lexias na forma feminina (*armeure; banière; bombarde; cauch; espée; geules; hace; kesne; lances; plate; pik; pike; targe; tente;*). Observou-se também que doze lexias preservaram, no francês moderno, a mesma grafia do francês médio (*bombarde; canon; engien; lances; pavillon; pennons; pières; plançon; plate; targe; tente; timbre*)

O campo dos *atores da guerra* contou ao total com trinta lexias. Neste campo, foram encontradas apenas duas formas no feminino, as variantes *royne* e *contesse*. A

partir da análise das lexias desta categoria foi possível notar que apenas 6 lexias mantiveram a grafia do Francês Médio. São elas: *baron*; *chevalier*; *duc*; *lance*; *prince*; *roi*.

No campo dos meios de transporte notou-se um equilíbrio entre a frequência dos meios de transportes aquáticos (nove lexias) e os meios de transporte terrestres (com dez lexias). O cavalo, também como já se era esperado, foi um dos elementos principais no que diz respeito aos transportes terrestres. Neste grupo, foram listadas cinco lexias na forma feminina (*carrake*; *charète*; *gallé*; *hagenée*; *nacelle*). Mantiveram a mesma grafia do Francês Médio as seguintes lexias: *bahut*; *coursier*; *nacelle*; *roncin*; *sommier*.

Chega-se aqui ao final deste trabalho, o que não quer dizer que este é o fim dos estudos acerca do léxico nas *Chroniques* de Jean Froissart. Apesar de trabalhos como os realizados por Jacqueline Picoche, que muitos contribuem para os estudos sobre Froissart, ainda há muito a ser feito em relação ao vocabulário deste cronista, não só no âmbito da guerra, mas as outras diversas outras temáticas presentes na obra. Um longo caminho e outras possibilidades de estudo estão apenas a espera de uma próxima pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cadernos do CNLF*, v. 15, n.5. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlftomo\\_2/105.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_2/105.pdf). Acesso em 4 de outubro de 2016.
- ACADÉMIE FRANÇAISE. *Le dictionnaire de l'Académie française, dédié au Roy*. Paris: J. B. Coignard, 1694a, t. 1 A-L. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k503971>. Acesso em 3 de setembro de 2015.
- ACADÉMIE FRANÇAISE. *Le dictionnaire de l'Académie française, dédié au Roy*. Paris: J. B. Coignard, 1694b, t.2 L-Z. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50398c.r=Le%20dictionnaire%20de%20l%27Acad%C3%A9mie%20fran%C3%A7oise%2C%20d%C3%A9di%C3%A9%20au%20Roy.%20T.%202.%20L-Z?rk=21459;2>. Acesso em 3 de setembro de 2015.
- ACADÉMIE FRANÇAISE s.d. Disponível em: <http://www.academie-francaise.fr/linstitution-lhistoire/les-grandes-dates>. Acesso em 23 de janeiro de 2016
- AINSWORTH, Peter; VARVARO, Albert. Introduction Générale. In: AINSWORTH, Peter; VARVARO, Albert. *Chroniques: Livres III et IV*. Paris: Le Livre de Poche, 2004, p. 9-47.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Tradução Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALLMAND, Christopher. *La guerre de Cent Ans: l'Angleterre et la France en guerre, 1300-1450*. Tradução Christian Cler. Paris: Points, 2013.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. Terminologia: o que é e como se faz? In: GOÍIS, Marcos Lúcio de Sousa; GONÇALVES, Adair Vieira. (Org.) *Ciências da linguagem: o fazer científico?* Campinas: Mercado das Letras, 2011 v. 1, p.197-223,.
- ARON, Paul; SAINT-JACQUES, Denis; VIALA, Alain. Chronique. In: *Le dictionnaire du littéraire*. Paris: PUF, 2002, p.94-95.
- AUBERTIN, Charles. *Les chroniqueurs français du Moyen Âge: Villehardouin, Joinville, Froissart, Commines*. Paris: Bélin Frères, 1896. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6272545j>. Acesso em 9 de abril de 2016.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário e glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001, p. 23-45.
- BAUMGARTNER, Emmanuèle; MÉNARD, Philippe. *Dictionnaire étymologique et historique de la langue française*. Paris: Le Livre de Poche, 1996.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001a, p. 13-22, v. 1 .
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001b.

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 28, p. 1-26, 1984, Suplemento. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107589>>. Acesso em 30 de setembro de 2016
- CAMBRAIA, César Nardelli. A transmissão dos textos. In: CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo : Martins Fontes, 2005, p. 63-85.
- CANBY, Courtlandt. *História do armamento*. Tradução Ruth Delgado. Lisboa: Livraria Morais, 1965.
- CHEDEVILLE, André. *La France au moyen-âge*. 12. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2004. Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/p/la-france-au-moyen-age-82141145>> Acesso em 30 de abril de 2015
- CONTAMINE, Philippe. *La Guerre de Cent Ans*. 9. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2010. Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/p/la-guerre-de-cent-ans-84971641>> Acesso em 23 de abril de 2015
- CONTAMINE, Philippe. *Guerre, état et société : études sur les armées des rois de France 1337-1494*. Paris : Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2004. Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/p/guerre-etat-et-societe-a-la-fin-du-moyen-age-85645274>>. Acesso em 10 de março de 2016.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Tradução Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- CHRONIQUES DE SIRE JEHAN FROISSART. [S.i.: s.n.] [s.d.] Disponível em: [https://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/browsey.jsp?img0=e&pb0=P63\\_6r&div0=ms.f.transc.P63&panes=1&GlobalMode=facsimile&img0=i&disp0=pb&GlobalWord=0&GlobalShf=&pb0=P63\\_6r](https://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/browsey.jsp?img0=e&pb0=P63_6r&div0=ms.f.transc.P63&panes=1&GlobalMode=facsimile&img0=i&disp0=pb&GlobalWord=0&GlobalShf=&pb0=P63_6r). Acesso em 1 de fevereiro de 2017
- DARCOS, Xavier. *Histoire de la littérature française*. Paris: Hachette, 1992.
- DICTIONNAIRE LAROUSSE DE LA LANGUE FRANÇAISE. Paris: Hachette, [s.d.] Disponível em: <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais-monolingue>. Acesso em 08 de fevereiro de 2016.
- DUARTE, Rosinês de Jesus. *Estilhaços do sujeito Arthur de Salles: o vocabulário como materialização de discurso*. 2011. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8420/1/Rosin%C3%AAs%20de%20Jesus%20Duarte.pdf> Acesso em 16 de janeiro de 2016.
- DUBOIS, Claude; DUBOIS, Jean. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1970.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. Tradução Frederico Pessoa de Barros et al. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 2014 [1978].
- DUBY, Georges. *A Idade Média na França*. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- DUBY, Georges. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade, 980-1420*. Tradução José Saramago. Lisboa: Estampa, 1993
- DU CANGE, Charles Fresne. *Glossarium mediae et infimae latinitatis*. Paris: Didot Frates, 1850, t.7. Disponível em:

<http://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&collapsing=disabled&rk=42918;4&query=%28gallica%20all%20%22Glossarium%20mediae>. Acesso em 7 de fevereiro de 2016.

DUCOS, Joëlle; SOUTET, Olivier. *L'ancien et le moyen français*. Paris: Presses Universitaires de France, 2012. Disponível em:

<<http://www.livrariacultura.com.br/p/lancien-et-le-moyen-francais-82141618>> Acesso em 23 de abril de 2015.

DUVAL, Frédéric; REY, Alain; SIOUFFI, Gilles. *Mille ans de langue française, histoire d'une passion: des origines au français moderne*. 2. ed. Paris: Perrin, 2011. Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/p/mille-ans-de-langue-francaise-tome-1-des-86920520>> Acesso em 10 de março de 2016

ELIA, SILVIO. A crítica textual em seu contexto sócio-histórico. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 57-64.

FARIAS, Emília Maria Peixoto. Uma breve história do fazer lexicográfico. *Revista Trama*, v. 3 n. 5, p. 89-98, jan-jun 2007. Disponível em:

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/viewFile/961/824> Acesso em 15 de dezembro de 2016

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2014.

FINNATO, Maria José Boconny; KRIEGER, Maria da Graça. *Introdução a terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

FROISSART, Jean. *Chroniques*. Paris: Renouard, 1869a, v. 1.1. ed. de Siméon Luce. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k406141h.image.f1.langEN>. Acesso em 20 de abril de 2015.

FROISSART, Jean. *Chroniques*. Paris: Renouard, 1869b, v. 1.2.ed. de Siméon Luce. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k406142w?rk=257512;0>. Acesso em 20 de abril de 2015.

FROISSART, Jean. *Chroniques*. Paris: Renouard, 1870, v. 2. ed. de Siméon Luce. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4061438?rk=107296;4>. Acesso em 18 de novembro de 2015.

FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, & les termes des sciences et des arts*. Tome 1. 2. ed. Paris: Arnoud et Reinier Leers, 1702a. Disponível em:

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57951269>. Acesso em 8 de fevereiro de 2016.

FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, & les termes des sciences et des arts*. Tome 2. 2 ed. Paris: Arnoud et Reinier Leers, 1702b. Disponível em:

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5795138h>. Acesso em 8 de fevereiro de 2016.

FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, & les termes des sciences et des arts*. Tome 3. 2. ed. Paris: Arnoud et Reinier Leers, 1702c. Disponível em:

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56749155>. Acesso em 8 de fevereiro de 2016.

- GANSHOF, François-Louis; TYL-LABORY, Gillette. Jean le Bel. In.: HASENORH, Geneviève; ZINK, Michel. *Dictionnaire des lettres françaises: le Moyen Âge*. Paris: Fayard, 1992, p. 800-801.
- GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. *Homens e armas: um estudo semântico em crônicas de Fernão Lopes*. 2007. 239 fls. Tese (Doutorado) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Dictionnaire de l'ancien français*. Paris: Larousse, 1989 [1980]
- HARDT, Humbert. Jean Froissart. In: HARDT, Humbert et al. *Dictionnaire du Moyen Âge: Littérature et philosophie*. Paris: Albin Michel, 1999, p.363-364.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Apresentação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001, p. 9-11, v.1.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2009.
- LE GOFF, Jacques. Luís IX. In: LE GOFF, Jacques. *Homens e mulheres da Idade Média*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação da Liberdade, 2014, p. 239-243.
- LE GOFF, Jacques. *La civilisation de l'Occident medieval*. Paris: Flammarion, 2008.
- LUCE, Siméon. Introduction au premier livre de Chroniques de Jean Froissart. In: FROISSART, Jean. *Chroniques*. Paris: Renouard, 1869, p. i-cxxxiv. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k406141h.image.f1.langEN>. Acesso em 20 de abril de 2015.
- LUSIGNAN, Serge. *Parler vulgairement: les intellectuels et la langue française aux XIII et XIV siècles*. Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1986.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Lexicografia histórica e questões de método. In: LOBO, Tânia; CARNEIRO, Zenaide, SOLEDADE, Juliana; RIBEIRO, Silvana.(Org.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, p.381-389.
- MARCHELLO-NIZZIA, Christianne. *Histoire de la langue française aux XIV et XV siècles*. Paris: Bordas, 1979.
- MATORÉ, Georges. *Le vocabulaire et la société médiévale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.
- MINOIS, George. *La Guerre de Cent Ans*. Paris: Perrin, 2010. Disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br/p/la-guerre-de-cent-ans-100404849>>. Acesso em 9 de junho de 2016
- MULLER, Bodo. *Le français d'aujourd'hui*. Tradução de Annie Elsass. Paris: Klincksiek, 1985.
- NOUVEAU DICTIONNAIRE MILITAIRE. Paris: Librairie Militaire de L. Baudoin, 1891.

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? In: GOÍIS, Marcos Lúcio de Sousa; GONÇALVES, Adair Vieira (Org.) *Ciências da linguagem: o fazer científico?* Campinas: Mercado das Letras, 2011, p.163-195, v.1.

PAYEN, Jean Charles. Les genres littéraires au Moyen Âge. In: PAYEN, Jean Charles. *Histoire de la littérature française: le Moyen Âge*. Paris: Flammarion, 1997, p. 85-168.

PICOOCHE, Jacqueline. *Lexique et vocabulaire: quelques principes d'enseignement à l'école*. França: Ministère Éducation Nationale, 2011. Disponível em: [http://cache.media.eduscol.education.fr/file/Dossier\\_vocabulaire/14/4/Jacqueline\\_Picoc he\\_111202\\_avec\\_couv\\_201144.pdf](http://cache.media.eduscol.education.fr/file/Dossier_vocabulaire/14/4/Jacqueline_Picoc he_111202_avec_couv_201144.pdf). Acesso em 23 de janeiro de 2017.

PICOOCHE, Jacqueline. *Dictionnaire étymologique du français*. Paris: Le Robert, 2009.

PICOOCHE, Jacqueline. *Dictionnaire du moyen français: lexique de Jean Froissart*. Lorraine: UL; ATILF; Paris: CNRS, 2006 Disponível em : <http://www.atilf.fr/dmf/Froissart/> Acesso em 04 de junho de 2016

PICOOCHE, Jacqueline. *Le vocabulaire psychologique dans les Chroniques de Jean Froissart*. Paris: Klincksieck, 1976.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução Walmirio Macedo. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

REY, Alain. *Le Robert Micro: dictionnaire de la langue française*. Paris, Le Robert, 2008.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. Tradução Clóvis Barleta de Morais. *Alfa*, v. 28., p. 45-64, 1984, Suplemento. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3678/3444>. Acesso em 16 de janeiro de 2016.

RICHELET, Pierre. *Dictionnaire françois contenant les mots et les choses*. Genebra: J.-H. Widerhold, 1680 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k509323?rk=214593;2>. Acesso em 09 de fevereiro de 2016

SAULNIER, Verdun-Louis. *La littérature française du Moyen Âge*. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

SOCIÉTÉ DE L'HISTOIRE DE FRANCE. *Publications*. s.d. Disponível em: <http://www.shfrance.org/publications.htm#2>. Acesso em 29 de janeiro de 2017.

SOUSA, Maria Clara Paixão de. Linguística histórica. In: PFEIFFER, Claudia; NUNES, José Horta. (Org.). *Introdução às ciências das linguagem: língua, sociedade e conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006, p. 11-48.

TAGLIAVINI, Carlo. Los más antiguos testimonios de las lenguas literárias: Los más antiguos monumentos del francés. In.: TAGLIAVINI, Carlo. *Orígenes de las lenguas neolatinas: introduccion a la filologia romance*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 643-655.

TELLES, Célia Marques. Mudanças lingüísticas e crítica textual. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 25/26, p. 91-119, jan.-dez. 2000.

TOUATI, François-Olivier. *Vocabulaire historique du Moyen Âge*. 4. ed. Paris: Les Indes Savantes, 2007

TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ. Lorraine: UL; ATILF; Paris: CNRS, 2002. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/>. Acesso em 8 de novembro de 2016.

VIALA, Alain. *Une brève histoire de la littérature française: le moyen âge et la Renaissance*. Paris: Presses Universitaires de France, 2014. Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/p/histoire-breve-de-la-litterature-francaise-84656474>>. Acesso em 26 de maio de 2016.

VILELA, Mário. O léxico do português: perspectivação geral. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 1, p. 31-50, ago. 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59644/62740>. Acesso em 23 de janeiro de 2017.

VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

WALTER, Henriette. *Honni qui soit et mal y pense: l'incroyable histoire d'amour entre le français et l'anglais*. 5. ed. Paris: Robert Laffont, 2009a.

WALTER, Henriette. *Le français d'ici, de là, de là-bas*. 3. ed. Paris: JC Lattès, 2009b.

WARTBURG, Walter von. *Évolution et structure de la langue française*. 10. ed. Berna: A. Francke, 1971.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Lexicologia, lexicografia e filologia: intersecções e especificidades epistemológicas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2011, Uberlândia - Minas Gerais. Anais do Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Catalão (GO), EDUFU, 2011. v. 2. p. 1-7. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011\\_1001.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_1001.pdf). Acesso em 2 de janeiro de 2017.

ZAVAGLIA, Cláudia. Metodologia em ciências da linguagem: lexicografia. In: GOÍIS, Marcos Lúcio de Sousa; GONÇALVES, Adair Vieira. (Org.) *Ciências da linguagem: o fazer científico?* Campinas: Mercado das Letras, 2011, p. 231-263, v.1.

ZINK, Michel. *Froissart et le temps*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

ZINK, Michel. Naissance de la prose. In: \_\_\_\_\_. *Introduction à la littérature française du moyen âge*. Paris: Le Livre de Poche, 1993.

